

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**NO REINO DAS ESPERTEZAS: UMA LUZ CLAREIA O  
ESTRANHO REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES.**

UM ESTUDO CENTRADO NA VIOLÊNCIA E NO  
ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

MARIA LUIZA BUSTAMANTE PEREIRA DE SÁ

Rio de Janeiro

2006

**MARIA LUIZA BUSTAMANTE PEREIRA DE SÁ**

**NO REINO DAS ESPERTEZAS: UMA LUZ CLAREIA O  
ESTRANHO REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES.**

UM ESTUDO CENTRADO NA VIOLÊNCIA E NO  
ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

**UFRJ**

**MARIA LUIZA BUSTAMANTE PEREIRA DE SÁ**

**NO REINO DAS ESPERTEZAS: UMA LUZ CLAREIA O  
ESTRANHO REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES.**

UM ESTUDO CENTRADO NA VIOLÊNCIA E  
NO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Maria Luiza Teixeira Assumpção  
Lo Presti Seminério

Rio de Janeiro

2006

**Sá, Maria Luiza Bustamante Pereira de**

No Reino das Espertezas: uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações. Um estudo centrado na violência e no abuso sexual na infância / Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá. Rio de Janeiro, 2006, 155 f..

Tese (Doutorado em Psicologia)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2006.

Orientador: Maria Luiza Teixeira Assumpção Lo Presti Seminério

1.Introdução. 2. O Estranho como Paradigma na Compreensão da Violência . 3. No Reino das Espertezas. 4. Os Recursos da Linguagem no Reino das Espertezas. 5. O Trauma e a transmissão psíquica entre gerações. 6. A Contratransferência por Louise Urtubey. 7. A Violência vista pelos contemporâneos. 8. O estranho revelador das fragmentações.

.Conclusão.Referencias Bibliográficas. Bibliografia – Teses

I.Seminério, Maria Luiza Teixeira Assumpção Lo Presti (Orient.)

II.Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

III. Título.

**MARIA LUIZA BUSTAMANTE PEREIRA DE SÁ**

**NO REINO DAS ESPERTEZAS: UMA LUZ CLAREIA O ESTRANHO  
REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES  
UM ESTUDO CENTRADO NA VIOLÊNCIA E NO  
ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA**

Rio de Janeiro, .....de ..... de 2006.

---

Profª Drª Maria Luiza T. Assumpção Lo Presti Seminério  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Ued Martins Manjud Maluf  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Roberto de Araújo Belo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profª Drª Stella Luiza Moura Aranha Carneiro  
Universidade Estácio de Sá

---

Profª Drª Maria de Fátima P.S. Junqueira  
Fundação Oswaldo Cruz

## DEDICATÓRIAS

1. Dedico este trabalho aos meus antepassados, principalmente meus heróis particulares, meus avós paternos e maternos que foram os principais responsáveis pela transmissão da noção de responsabilidade social e Ética, pessoas de qualidades humanas mais desejáveis, como: lealdade, honestidade e capacidade de amar, que, durante toda minha infância ouvi falar. Eram, maravilhosos domingos, após os almoços familiares, a que tínhamos como regra comparecer e, como direito de participar. E então as crianças eram “promovidas” e podiam ouvir as histórias de “gente grande”. Assim meus avós, nos contavam suas aventuras, desventuras e contratempos, para que conhecêssemos a sociedade e pudéssemos nos situar em relação às regras e à Lei. Aprendi a refletir e analisar criticamente as situações sociais e as implicações desses fatos diante dos destinos e do futuro de cada ser humano. Havia sempre uma lição, ensinada com exemplos, imbuídos de lealdade e a honestidade, assim como a confiabilidade entre as pessoas pairava acima de tudo, sendo fortemente banida a mentira. Era uma família em que as

mulheres eram tratadas com lealdade, dignidade, amor e consideração. Não havia árbitro, as crianças podiam expressar sua opinião; deviam, porém, obedecer às normas embora o motivo das imposições devesse ser sempre explicado. Aprendeu-se a ler os fatos e a analisá-los, observando o jogo dos interesses individuais e sociais e a conhecer até aonde pode ir a ação humana sem ultrapassar os limites impostos pela ética.

2. Dedico a meus pais Laura Leitão de Carvalho de Bustamante e Dídio Santos de Bustamante que souberam ouvir e respeitar nossas individualidades, tolerar as diferenças, acolher e ajudar nas dificuldades.
3. Aos meus filhos Cláudio e Hélio, pelo muito que aprendi na convivência com eles.
4. Dedico este trabalho a todas as crianças que foram vítimas dessas estranhezas e descaminhos, que fazem tão mal a elas e que a Sociedade adultocêntrica insiste em ignorar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de inspiração e força que se fez presente ao longo deste trabalho.

Agradeço muito a Professora Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Assumpção Seminário pela orientação, ensinando a olhar para um tema que a sociedade se nega a encará-lo com coragem e vontade de resolvê-lo.

Devo muito ao psicanalista Dr. Cláudio Cais de Oliveira pelo incentivo em perseguir um tema, acreditando na importância do esclarecimento sobre o mesmo para a sociedade.

Tenho um dever de gratidão para com os Psicólogos que colaboraram com o trabalho: Projeto de capacitação e treinamento para atendimento às crianças vítimas de violência e abuso sexual e estendo os agradecimentos às alunas Ana Maria S. Braga, Cristiane N. Pereira, Hermelinda Leitão de Almeida, Maria Elisabeth N. Ramos, Ana Olívia P. Pereira, Margia P. F. Flora, Nathalia de A. M. Ibrahim e às ex-alunas Ana Paula Machado, Rosângela O. de Souza e Débora Pereira Machado pela presença e colaboração.



Sá, Maria Luiza. Bustamante Pereira de **No Reino das espertezas**. Uma luz clareia o estranho revelador das fragmentações. Um estudo centrado na violência e no abuso sexual na infância. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Pós Graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, 2006.

## RESUMO

Esta Tese pretende contribuir para elucidar alguns conceitos que envolvem a violência e o abuso sexual contra crianças. Na pesquisa sobre o tema, foram desenvolvidos novos parâmetros, com o objetivo de identificar as ocorrências dos abusos e ampliar o conhecimento de como essa violência ocorre. Para isso, foi incluída a fala e a atuação dos abusadores. Foram abordados os conceitos de estranho, em Freud (1919); o cinismo nas perversões, em Eiguer (1995, 2001); a fluidez em Maluf (2002); filigranas em Seminário (2005); revivescência traumática, Bailly (1999) e o aforismo: “não há clivagem, sem colagem”, de Bayle (2003). Enfatiza-se a existência do trauma na origem das perversões e dos casos difíceis e que há uma fala cínica que dá sustentação às ações e desempenho dos perversos.

Ao longo do percurso, percebeu-se que a abordagem clínica intersubjetiva (Ferenczi, 1932) precisa dos fundamentos da Psicanálise clássica e contemporânea, o que se tornou essencial para compreendermos como a violência ameaça a sobrevivência psíquica das crianças. Há ainda Vigarello (1998) que relata antigas ocorrências de abuso sexual e as dificuldades para punir os transgressores. Urtubey (1995) ampliou o conceito de contratransferência e Uchitel (2004) ofereceu uma revisão dos estudos sobre trauma.

**PALAVRAS CHAVES; violência e abuso sexual contra crianças, estranho, perversão, cinismo, fluidez e filigranas.**

Sá, Maria Luiza Bustamante Pereira de. **In the cleverness kingdom. A light over the strange, to show the fragmentation.** A study centralized in violence and sexual abuse in the childhood.

Thesis (Doctor of Philosophy in Psychology) Federal University of Rio de Janeiro, Psychology Institute. Post graduation

## **ABSTRACT**

This thesis intended to elucidate some concepts concerning the violence and sexual abuse against children. News parameters have been developed during the research with the proposal to identify the abuses incidents and to enlarge the knowledge of how violence takes place. For this reason, the speech and the acting of the abusers have been included. Some of the concepts below are considered: strange, in Freud (1919), cynicism in perversions, in Eiguer (1995), fluidity in Maluf(2002); filigrees in Seminério (2005); traumatical revival of Baily(1999) and the aforism “there is no split without collage from Bayle (2003). We emphacised the trauma existence in the origin of perversions and difficult cases and that there is a cynical speed that gives support to the perverses’ actions and performances.

During the course we noticed that the intersubjective clinical approach from Ferenczi (1932) need the classic and contemporary psychoanalysis concepts, what has become essential to understand how violence threatens the children psychic survival. There is still Vigarello(1998) that relates old incidents of sexual abuse and the difficults to punish the transgressors. Urtubey (1995) has enlarged the concept of countertransference and Uchitel (2004) has offered a review of studies about the trauma.

**Keys words: Violence and sexual abuse against children, strange, perversion, Cynicism, fluidity and filigrees.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
1 - O ESTRANHO COMO PARADIGMA NA COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA...	13
1.1. O texto de Freud .....	13
1.2. No homem da Areia .....	17
2 - NO REINO DAS ESPERTEZAS .....	27
2.1. Antigos conceitos .....	27
2.2. Novas Contribuições .....	38
3 - OS RECURSOS DA LINGUAGEM NO REINO DAS ESPERTEZAS ...	43
3.1. A mentira, a sedução e a destruição .....	43
3.2. O cinismo, um recurso da linguagem presente na perversão .....	51
4 - O TRAUMA e a TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES ...	60
4.1. O trauma .....	60
4.2. A CONTRA-TRANSFERÊNCIA POR LOUISE URTUBEY .....	77
5. A VIOLÊNCIA, VISTA POR AUTORES DA CONTEMPORANEIDADE ....	81
5.1. As pesquisas e as mudanças sociais .....	81
5.2. As contribuições dos estudos da intersubjetividade .....	86
5.3. As aplicações da intersubjetividade .....	96
6. O ESTRANHO REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES .....	102
CONCLUSÃO .....	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146
BIBLIOGRAFIA .....	152



## INTRODUÇÃO

### O vazio familiar

Durante os últimos anos, num trabalho realizado, a partir de nossa entrada na Equipe de Atendimento Integral às Crianças do Ambulatório de Pediatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE); foram



Marcelo Vital

atendidos os primeiros casos de violência e abuso sexual contra crianças, que foram acompanhados pela equipe com surpresa e desencanto com o mundo. Toda a equipe, multidisciplinar, reagia com sofrimento aos casos atendidos e buscava explicações. Pode-se por isso, afirmar que trabalhar com esse tema levou a refletir sobre as próprias emoções e na maneira como se reage quando confrontado com essas ocorrências. E que essas assustam e paralisam todos os profissionais de Saúde Mental, assim como também aos funcionários da Justiça e da Polícia. Mas, ao mesmo tempo, elas fazem viver toda a dimensão do papel como agentes modificadores da realidade social.

Há vinte anos de trabalho no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Instituto de Psicologia (I P) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no qual houve atendimento a uma população mais próxima da classe média, que dispõe de alguns privilégios, e as crianças, são oriundas de núcleos familiares minimamente preservados.

Ao ingressar no Ambulatório, houve acesso a uma realidade social muito diferente: a maioria das crianças não tinha estrutura familiar estável; só uma pequena parcela teve oportunidade de conhecer e conviver com o pai, e,

em alguns casos mais promissores, esse convívio tinha se mantido durante cinco ou seis anos.

### **Ausência do Pai, o estranho de Freud e a ruptura da família.**

A pesquisa sobre o tema, a estranheza da violência e do abuso sexual contra crianças, precisou incluir o conhecimento mais apurado sobre quem é o abusador e como chegam a acontecer tais ocorrências. Considerando que a criança dispõe de pouca experiência e autonomia e que não apresenta maturação, capacidade intelectual ou física para se proteger sozinha e lutar de igual para igual com adultos ou adolescentes, é preciso proteger as crianças. Estabelecidos os pré-supostos de dependência e submissão aos adultos significativos, há que se ressaltar a necessidade de convívio com o pai que se mostra indispensável. Tal ausência poderia parecer atenuada pela presença de figuras substitutas tais como companheiros eventuais das mães; tios; avôs e irmãos mais velhos, mas que nem sempre se dispõem a assumir tal responsabilidade, e mesmo os que aceitem dar uma ajuda a essas crianças não querem exercer a função de modo capaz de transmitir as qualidades e a modelagem da identidade masculina. Esses homens nem sempre conseguem manter esta posição por muito tempo. Na população estudada, essa ausência sempre pareceu um luto impossível de ser elaborado, sobretudo para os meninos. Fica um vazio, uma falta que será sempre muito difícil de ser superada.

Como se sabe, os processos identificatórios primários começam logo após o nascimento, e a ausência do pai cria uma falta que necessitaria de compensação, de falas reparadoras da mãe (AULAGNIER, 1989). Nos casos

trabalhados no Ambulatório as mães apresentavam contínuas agressões às imagens dos genitores e reações agressivas diante de indagações das crianças sobre suas origens.

Os estudos para a pesquisa começaram com “O Estranho” em Freud (1919) que trouxe as observações sobre os sentimentos de estranhezas e as emoções que causam determinados tipos de textos e vivências, e que levou aos novos caminhos para compreender a violência e advertiu sobre os relacionamentos intrafamiliares, e também sobre a existência de ambigüidade nas histórias familiares. E, se os sujeitos são dependentes, precisa-se, também, saber quem são esses outros que constituem o núcleo de acolhimento das crianças.

Com o passar dos anos, os desencontros, em razão da demanda de pai, tornam-se cada vez piores. As crianças não desistem facilmente e buscam as informações com insistência. Somam-se a esse quadro de frustração, as desqualificações das crianças, às mentiras, as agressões físicas que aumentam muito o sofrimento das crianças, instalando nestas a desesperança.

Mesmo quando há poucas possibilidades de se restaurar o contato com o pai biológico, uma palavra que atenua a dor e instale o respeito pelo ato fundador da criança torna-se indispensável (WINNICOTT, 1989). Uma vez que a criança é resultado de uma relação sexual a dois, sua ancestralidade não pode ser negada sem que isto represente uma perda impossível de ser elaborada.

As crianças, oriundas de tais relações fortuitas e que passam por essas vicissitudes, vão constituir um segmento social violento e regredido, muito próximo da barbárie, e estarão crescendo em um ambiente, onde a lei não

ordena as relações humanas, não há limites, a infância é cada vez mais curta, e pode-se perceber uma busca desesperada por modelos identificatórios oriundos do imaginário social no seu entorno.

Em tal ambiente, os “bandidos” tornaram-se modelos de identificação, como forma de resgate de mais valia para os jovens que querem ser “alguém” diante dos colegas. Os criminosos são extremamente sádicos, violentos e arbitrários. São também incapazes de estabelecer relações afetivas estáveis e são também polígamos. Assim as replicações de seus comportamentos foram lentamente mudando o perfil das populações das favelas. Aquilo que inicialmente se caracterizava por privação econômica e carência educacional deu lugar agora, a uma organização social fortemente marcado pela violência.

### **A lei do silêncio e os perversos morais**

Reforçando esse poder da violência, um outro fator que marca influência sobre crianças é a imposição da "lei do silêncio" pelos bandidos. Isso geralmente impede até um movimento de pedido de ajuda diante das dificuldades, suas reações são desqualificantes e há a ameaça de morte para os que não aceitam suas regras. Essa violência aumenta muito a incidência do alcoolismo e do uso de drogas nessas comunidades. O autoritarismo gera um ambiente de medo, insegurança e fobias que surgem nas crianças, e que se transformam nos comportamentos infantis mais encontrados: como hiperatividade, incapacidade de reflexão, passagem ao ato sem possibilidades de contenção e baixíssima resistência à frustração. Essas crianças estarão em permanente conflito com elas mesmas. Quando são mandadas à escola, não conseguem adaptar-se às condições de sala de aula, às exigências da ordem,



disciplina e do pensamento reflexivo torna-se quase uma impossibilidade operar com o simbólico. As pulsões não podem se harmonizar. O Ego, exigido tão precocemente a atuar acima de suas forças, sucumbe, e deixará um Superego sádico e autoritário prevalecer. As necessárias harmonizações entre desejos incontroláveis, invejas irracionais e a aprovação dos pares, para que a criança se prepare para viver em sociedade não se farão, e assistir-se-á a um desfile de desencontros entre o que é possível ser feito e o que se resolve como o melhor a fazer (WINNICOTT, 1987). O conto de Hoffmann nos fala justamente de recursos de persuasão e imposição, fartamente utilizados no passado, para que as crianças obedecam às normas e se mantenham afastadas das rodas dos adultos. Fantasmas familiares e perdas significativas aparecem numa trama que vai do terror à tentativa de realização e, da revivescência traumática que suspende a fluidez afetiva do personagem. No conto de Hoffmann, encontra-se a existência de um retorno do trauma a que BAILLY (1999) chamou de “revivescência traumática”, e que vai continuamente assombrando Natanael e, finalmente, acaba por matá-lo.

Ao se evocarem as práticas antigas de relatos sob forma de contos mencionando situações e acontecimentos que povoaram as mentes dos pais e avós, escolheu-se falar da violência contra crianças como se houvesse referência a algum lugar distante onde tudo se passasse como num sonho. Conceitua-se “O reino das espertezas”, como um lugar onde alguém tem sempre que levar vantagem sobre o outro; onde ser esperto é trapacear, enganar e roubar as pessoas. Essas pessoas não querem fazer amizades, estabelecer relações duráveis para mais tarde sentir que “este é meu amigo,

ele foi meu colega de colégio”. A aproximação é sempre com o intuito de levar vantagem.

Nos dicionários (Buarque de Holanda, A, 1975.) encontra-se uma certa ambigüidade em relação à palavra **“esperto”**, um adjetivo que vem de “*expertus*”, do latim, e refere-se a: desperto, vivaz, sagaz, vivo; mas também: destro, hábil, industrioso, diligente. Ainda encontra-se definido como: astucioso, astuto, manhoso, velhaco, finório, trapaceiro. Se usado em relação a objetos ou coisas, pode significar, enérgico, ativo ou forte.

Existe ainda outra palavra derivada de “*expertus*”: *espertalhão*, um adjetivo que se refere a quem é considerado sagaz ou finório. Tem uma conotação claramente depreciativa e é, destinada aos indivíduos em quem não se deve confiar.

Assim, ao procurarem-se novos caminhos para compreender a ocorrência do abuso sexual contra crianças, encontra-se a obra de Alberto Eiguer que estudou as perversões e propõe o conceito de Perversões Morais. O autor chama a atenção para o fato de que há no cotidiano, pessoas que parecem desprovidas de escrúpulos, manipuladoras, calculistas. E que também se encontram, na história, homens e mulheres que abusaram de suas prerrogativas, e que consideraram que não deve haver limites para se atingir um objetivo. Com isso, essas pessoas desprezam as regras e as leis de interesse comum e menosprezam aqueles que têm compromissos Éticos e Morais.

Essas pessoas, conhecidas como cínicas, encontram-se espalhadas pela sociedade e são parte integrante do grupo que EIGUER (1997) chamou de perversos morais. Nos últimos tempos, tornou-se urgente um estudo mais

cuidadoso desses indivíduos, pois essas alterações de caráter vêm atingindo um número preocupante e, muitas vezes, podem apresentar um conjunto de sintomas com comprometimentos sexuais graves, como os casos de Pedofilia. Esses indivíduos apresentam uma boa capacidade de articular as defesas e de mentir com convicção o que comumente confunde os técnicos e os representantes da Justiça e da Lei. Os objetivos maiores desses indivíduos serão sempre a busca da dominação e da submissão do outro. Levar vantagem e criar situações para humilhar e desqualificar os outros. Motivados por um ódio mortal, esses indivíduos espalham a sua volta o medo, o escândalo e a destruição do amor próprio do outro.

Resgataram-se as noções básicas de cisão egóica encontrada em Klein, mas agora compreendida como fragmentação tal qual pôde-se encontrar na teoria do Mosaico apresentada por MALUF (2002), que deu uma nova visão sobre o conceito de identidade.

Nos anos oitenta, surgiu na televisão um Físico, chamado Carl Sagan, que apresentava as novas teorias sobre as origens do universo e as modificações nos conhecimentos das ciências físicas. Assim, ele chamava a atenção para o aparecimento da "Era das incertezas" e novas linhas de pesquisa que questionavam as idéias de que os conhecimentos científicos são imutáveis, definitivos, e de que as ciências sociais precisavam adequar-se aos ditames das ciências exatas. Pôde-se então passar de uma linha de pesquisa exclusivamente quantitativa para o campo das Pesquisas Qualitativas. Neste, a fundamentação é a Pesquisa-Ação de Michel Thiollent, que nos abriu a possibilidade de experimentação em situação real, na qual os pesquisadores intervêm conscientemente.

Alguns dos preceitos tradicionais dessas teorias estão alterados — os pesquisadores estão implicados na pesquisa e participam ativamente nas intervenções que se desenvolvem no campo de estudo. Baseados na experiência de mais de trinta anos como terapeutas de crianças, introduziram-se novas informações que tinham se originado nos trabalhos de psicanalistas contemporâneos como C. Balier(1988) e A.Eiguer(1995,1997), que estiveram por dez anos trabalhando num Presídio (CMRP em Paris) e que, sem abandonar todos os preceitos psicanalíticos preconizados por Freud, desenvolveram novas compreensões sobre as origens dos comportamentos violentos, ao atender os infratores sexuais condenados. Surgiram dessa seqüência de trabalhos, novos caminhos para o estudo das perversões, do cinismo, da mentira, e das origens traumáticas dos comportamentos desviantes.

### **Da era das incertezas à era das espertezas**

Assim, tornou-se possível a transposição da “Era das incertezas” para o campo metafórico do “reino das espertezas”. Esse, caracterizando-se por desconstruções e demolições das regras e dos progressos protagonizados pelos movimentos humanistas que tinham colocado o ser humano no centro dos objetivos da Sociedade. E aquela luta por um objetivo maior — da construção de uma sociedade mais justa; da construção de um Estado do Bem-Estar Social, que promovia a igualdade de oportunidades para todos, o acesso à escola pública de qualidade, saúde e educação para todos — começou a ser perdida para uma política de acumulação de capital, sem regras. É a corrida atrás do dinheiro pelo dinheiro, sem Ética.

Se todos têm direitos e deveres e que todas as pessoas devem ser cidadãos, há que saber que esses objetivos exigem condições mínimas para serem atingidos. Os afetos e as emoções básicas do ser humano só podem ser ordenados e hierarquizados quando se constroem laços afetivos com o outro. Este outro precisa dispor de paradigmas básicos da sociedade humana e um dos mais significativos, ensinou Winnicott é “a mãe suficientemente boa”, que é aquela que ama a criança, cuida dela, dá sustentação e sabe frustrar quando necessário, pode falar com firmeza e amor e respeita a individualidade. Há, hoje, um lugar central nas ciências humanas, ocupado pela psicologia, e que tornou as pessoas responsáveis por ações que há cem anos seriam impensáveis.

### **A questão do abuso sexual e a história familiar**

As questões de abuso sexual incestuoso e extra-familiar, a violência contra crianças, o abuso psicológico, os maus-tratos físicos, a negligência e a síndrome de Munchausen foram apontados como fundamentais pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e fazem parte de necessidades básicas para criarmos adultos saudáveis psicologicamente. Ao se impedir que tais coisas ocorram com as crianças, estar-se-á ainda assim longe de lhes dar todas as condições mínimas para garantir saúde mental. O que se sabe hoje é que uma família bem organizada, resultado de um casal que se ama, na qual os parceiros desejam estar juntos, é um bom começo, mas depois vicissitudes podem ocorrer e tudo pode se desorganizar. Todavia o que se pode afirmar é que um bom começo dá à criança os meios necessários para suportar e aceitar

ou rejeitar as ações patológicas oriundas dos outros que se propõem a destruí-la.

Ao nascer, a criança necessita dramaticamente de um outro ser humano. Necessita dele para não morrer de fome, mas também para ter amor, carinho, cuidados higiênicos, estimulação auditiva, visual, tátil, sensitiva, formas de aproximação psicofisiológicas que vieram sendo experimentadas e introduzidas ao longo dos séculos nos cuidados maternos primários.

Também ao longo dos séculos os seres humanos acabaram por produzir uma imensa variedade de formas de cultura como se pode observar hoje. Cada variação de ritual e cuidados com a criança acaba por produzir uma forma de sociedade diferente. Essa diversificação dá-se, principalmente, em razão dos recursos naturais disponíveis e da necessária adaptação ao meio natural circundante.

Ressaltou-se, ainda, que as diferentes formas de transmissão psíquica entre as gerações, e as pequenas ou grandes alterações introduzidas pelo espaço de criação no meio social trazem grandes mudanças. Por isso, as sociedades têm se debruçado sobre a construção da arqueologia do saber e procurado compreender os filigranas das atitudes e emoções humanas que foram resultantes de grandes esforços para pensar e planejar ações. Assim, a História ensina como e quando essas mudanças ocorreram, mas também que elas nunca ocorreram sem resistências no meio social, e mesmo sem alguma dor.

Finalmente, é preciso esclarecer que alguns dos novos conceitos introduzidos no trabalho são encontrados nas publicações mais recentes já próprias da “Era das Incertezas”. Como MALUF, U. (2002) ensinou, tais idéias

constituem uma “Cartografia do Pensamento Ocidental”. Essa metáfora se refere ao fato de que as bases do pensamento ocidental se construíram na mais remota Antigüidade, provavelmente, no norte da África, passaram pelo Oriente Médio e pela Grécia. Seus filósofos mais conhecidos são Aristóteles e Platão, e refazendo esse longo percurso de alterações, mudanças e retorno aos antigos, fundou-se a Sociedade Ocidental Atual. Encontramos aí a origem do conceito de fluidez e também da utilização de um modelo para a compreensão da vida mental do ser humano a que MALUF (2002) chamou de mosaico.

### **Novos conceitos operacionais**

Do conceito de fluidez encontra-se uma ampliação em BAUMAN (2000) com seu livro *Modernidade Líquida*. Mais recente ainda, no final de 2005, surgiu um outro livro “*Identidade*”, resultante de uma entrevista com um repórter italiano, onde o autor torna evidente que aquele modelo proposto por MALUF (2002) encontra-se perfeitamente justificado pela constatação da necessidade da cultura de se exprimir num vai e vem contínuo e assim se produzem a renovação, a criação, as mudanças e os progressos. Assim, a fluidez nos possibilitou sair das cavernas e construirmos ocas, choupanas, casas e edifícios de apartamentos. Deu ao homem os recursos necessários para registrar, pintar, escrever, ler e produzir a tecnologia e a ciência. Essa compreensão, tornou-se muito significativa, porque garantiu o dinamismo do caleidoscópio e o conceito de mosaico; apresentou a idéia de que cada pedaço do mosaico tem seu lugar próprio e se ele não estiver lá, fará falta. E, ao mesmo tempo, ele indica a existência de algo maior que só aparece quando

nos distanciamos e podemos observar o conjunto. É então o conjunto da obra do ser humano que oferece novos caminhos e novas direções. Se o homem se livrar das compulsões à repetição e da revivescência traumática, que travam a fluidez e tornam a vida de um ser numa seqüência de erros enlouquecedores, então a humanidade redescobre seu futuro e poderá ser otimista. Cada peça desse mosaico constitui o que Maria Luiza Assumpção Seminério ensinou: a tessitura das filigranas que indicam a produção final do Indivíduo. Dai, será possível proceder à atividade de exumar os fantasmas e se dedicar a abrir a cripta e mergulhar na exploração da temporalidade da pulsão de exumar, que não fica parada, no sentido de um reconhecimento histórico, mas que se atualiza sob forma de revivescência nas sessões de psicoterapia.



# I - O ESTRANHO COMO PARADIGMA DA COMPREENSÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS

## 1.1. O Texto de Freud

Marcelo Vital



Freud em seu artigo, “O estranho” (1919) procurou fazer um estudo dos recursos literários que são utilizados por um escritor, para que os leitores se prendam ao texto e se emocionem ao lê-lo. Assim, ele vai se ocupar daquilo que é fundamental ao escritor para que este possa criar o texto. “Estranho” em alemão UNHEIMLICH, significa misterioso, sobrenatural, o que desperta temor, horror. No entanto, HEIMLICH significa familiar, doméstico, íntimo. Assim, também se atribui o significado do que está oculto ou fora da vista e do controle da pessoa. Ele atribui à Estética uma propriedade que faz com que se possa diferenciar as várias formas do sentir. O psicanalista trabalha com os impulsos emocionais dominados, os seus e os de seus pacientes (adultos), porque, em algum momento do passado, eles foram inibidos em seus objetivos e submetidos às restrições.

Para FREUD (1919), “estranho” é tudo aquilo que é assustador, provoca medo, horror e também não está definido claramente. Ele vai desenvolver suas idéias procurando por tudo o que é capaz de amedrontar,

ou colocar o homem em sinal de alerta. Diz que, nos tratados sobre estética, é comum só encontrar o que atua de modo positivo – o belo, o atraente, o sublime. Cita, então, Jentsch (1906) a quem atribui a afirmativa de que há uma grande variedade de sentimentos e de sensibilidades no ser humano, portanto aquilo que pode causar estranhezas irá variar muito também. É estranho tudo o que paralisa e amedronta, mas que parece ser conhecido desde muito e que poderia até ser muito familiar, mas se tornou ambíguo. O que causou essa mudança?

E.T.A. Hoffmann (1815), autor do conto “O Homem da Areia” estudado por Freud (1919), vai além de uma mera observação e manipulação de fatos e procura estabelecer seqüências lógicas de fatos e circunstâncias de vida, montando um mosaico para Natanael (personagem principal do conto) e o levará através de tentativas desesperadas de retomar a fluidez (MALUF, 1997, 2002) na sua vida emocional e buscar algum nível de realização afetiva ao pretender se casar com a garota que povoou seus sonhos de criança e de adolescente.

O conto estudado torna-se assustador em primeiro lugar, porque os fatos narrados não são totalmente conhecidos e o tema não é familiar ou corriqueiro, porém nem tudo que é novo ou desconhecido se enquadra no estranho. Em casos de maus tratos, negligência, desqualificação e violência contra crianças, o que choca é justamente a dissonância, a covardia, a mentira, o cinismo e a total impossibilidade de uma luta entre iguais. Sente-se aí, a necessidade da presença de uma ética natural que aponta o humano e o humanizante na base de todos os sentimentos (ENRIQUEZ, 1990).

Então, alguma coisa precisou acontecer, ser introduzida, para que o familiar se tornasse estranho. A incerteza intelectual provém da ambigüidade do relato, pelo fato de que não se dispõe de todos os dados para abordar o tema e de que não conhecemos bem todos os detalhes do ambiente. Poder-se-ia mencionar aqui a existência de sentimentos contratransferenciais, que, segundo (URTUBEY, 1995) torna as pessoas co-partícipes em tais dramas.

Então, conforme os autores já mencionados e também com ANZIEU (1987) poder-se-á afirmar que os contos e as histórias infantis, o teatro, a pintura e a literatura são as melhores fontes para se acessar ao inconsciente e compreender aquilo que pode provocar nas pessoas sentimentos de angústia, medo, estranhezas e terror.

Freud (1919) analisa as estruturas das histórias e aponta uma redução de detalhes sobre o ambiente e sobre as pessoas, o que é um recurso utilizado pelos autores para que tal objetivo seja alcançado.

O que se encontra nas histórias e contos para crianças e adolescentes? Justamente, as tramas propostas trazem uma visão de mundo, em geral, muito diferente do que uma criança protegida e bem amada poderia fantasiar. Ela está, presa, ainda, ao pensamento concreto e tendo como dominantes o egocentrismo, o egoísmo e o recurso a soluções mágicas para seus problemas, aí a criança terá que, penosamente, renunciar às suas escapadas pela fantasia (negação da realidade – SEGAL, 1991) e só gradativamente deixar prevalecer o sentido de realidade em sua vida. Assim, as histórias para criança procuram ensinar-lhes realidades que, facilmente, elas negariam ou não conseguiriam compreender. Com alguma freqüência, algumas crianças confundem sonhos com realidade, assim os

adultos tendem a supor que as crianças precisam ser alertadas sobre alguns assuntos. Ele usa o conto como exemplo e diz que o estranho tem origem em complexos infantis reprimidos e que a questão da realidade material não surge, encontra-se a realidade psíquica, uma experiência estranha ocorreu “quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais a partir de alguma impressão ou quando as crenças primitivas que pareciam superadas surgem outra vez confirmadas”.

A pessoa se defende de uma ansiedade assustadora, dos medos, dos efeitos estranhos, repetindo o que aconteceu na cena original traumática e, assim, protege seu Eu da destruição, não sucumbindo à angústia. Essa repetição pode ser compreendida se se recorrer ao fenômeno do “Duplo” tal como se encontra em “Don Juan” de Otto Rank (1914). A compreensão destes comportamentos é dada pelo fato de que estas pessoas usam o mecanismo de identificação projetiva e operam fusionadas com o outro, o que cria uma confusão na identificação da pessoa vítima até que em um ponto determinado ela não sabe mais o que é dela e o que é do abusador. Assim, a vítima substitui o seu próprio Eu por um Eu estranho.

Encontra-se aí uma duplicação, a fragmentação e uma colagem no Eu. Haverá, então, o retorno constante da mesma coisa, dos aspectos e características, dos mesmos crimes.

O Duplo torna-se, então, uma defesa contra a desintegração do Eu, mas também uma enérgica e maníaca negação do poder da morte.

Quando se pensa no abusador percebemos que ele age sob o impulso do estranho que existe dentro dele. Geralmente, são pessoas que repetem o que sofreram quando pequenos, e o estranho traz a ameaça da

morte psíquica e uma desesperada busca, tentativa de chegar à cura e à naturalização do ocorrido. Logo, há necessidade de ajudar o acesso a essas estranhezas que fazem parte de seu inconsciente, conhecer melhor suas culpas, dúvidas e sentimentos ambíguos. Isso será possível a partir da revivescência do trauma, quando apoiado numa relação de confiança com um terapeuta poderá encontrar suas emoções. Quando isso não for possível, a pessoa continuará repetindo de modo perverso o mesmo que sofreu, como um recurso para escapar da angústia da morte.

## **1.2. O Homem da Areia**

Ao examinar o conto “O Homem da Areia”, Freud (1919) vai repetir a ambigüidade existente entre o título e o discorrer da história. Hoffmann (1906) fala sobre a violência dos adultos contra as crianças ao tentarem educá-las. A existência de segredos, tabus familiares, não ditos, e um enorme esforço para manter as crianças protegidas, o que parece ter sido uma prática muito comum desde épocas remotas; os castigos físicos, as agressões verbais, a desqualificação, procedimentos voltados justamente contra as crianças mais inteligentes que ousavam questionar, buscar, pesquisar as causas e origens das coisas, a fim de intimidá-las e fazer com que se submetessem a qualquer forma de autoridade de adultos, mesmo que estes não fossem membros da família. Freud (1919) aponta a história como uma comprovação da Teoria da Castração e o seu entrelaçamento com o Édipo. No entanto, ao reler a história, encontram-se outros dados muito significativos que, aparentemente, não foram percebidos. A motivação

de Natanael para se esconder dentro do escritório do pai não parece ter relação com o Édipo, não havia uma suposta relação com a mãe. A curiosidade, um traço infantil muito positivo, e que deve ser pensada como motivação básica para todos os desenvolvimentos na aprendizagem, leva as crianças a quererem aprender a ler, escrever e saber mais sobre as origens da vida. Isto causa mal estar em adultos que costumam mentir e que, por medo de se exporem em suas contradições, envolvem-se em grandes seqüências de mentiras.

*O que o menino Natanael viu e ouviu escondido por detrás da cortina foi algo que não podia recordar-se sem que fosse sufocado por pulsões de morte. No entanto, a fúria desencadeada no advogado Coppelius, amigo do pai de Natanael, leva a pensar em sexo. Seriam cenas sexuais? Em seguida ao episódio de agressão física e “ameaças de morte”, de retirar “seus olhos”, a criança entra em coma e fica desacordada durante um mês, e quando sai do mesmo, “nunca mais se recupera”, (Hoffman, 1993, pg 115 – 119). Há, no fato, relações causais e seqüências lógicas.*

Pode-se, então, atribuir uma origem traumática que não é mencionada por Freud e que parece sugerida por Hoffman. Todas as vezes que Natanael é confrontado com a memória da cena vista e vivida, seu Eu se desorganiza e tudo aquilo que exige emoção e sentimento será vivido como pulsão de morte. No final, pulsões de morte parecem ter se condensado e colado à emoção.

Encontra-se, na Psicanálise Contemporânea, o conceito de “revivescência traumática”, proposto por BAILLY (1999), estabelecendo que, na prática clínica, pode-se diferenciar o fenômeno da compulsão à repetição da revivescência traumática, pois nessa são os traços sensoriais dos acontecimentos vividos e não simbolizados que reaparecem sem cessar,

idênticos e do ponto de vista fenomenológico mais próximo da alucinação do que do sonho ou recordação, disso se conclui que o conceito de repetição não parece ter um significado de tentativa de elaboração mas sim a constatação de uma impossibilidade de elaboração segundo o modelo da compulsão, e já que não é possível resolver a fantasmização da cena. O curso da repetição se dará com a evocação da cena inicial, o que torna indispensável a presença do outro, para que a realidade como agente do traumatismo, possa atuar (Bayle, 1999). A partir da atuação com crianças politraumatizadas, pode-se afirmar que, quando a violência incluiu o dano ao corpo, as conseqüências são mais duradouras e mais difíceis de serem elaboradas, uma vez que a inscrição das marcas no corpo unem as sensações físicas às emocionais, intensificando-as e as tornam mais insuportáveis. De fato, ao estar muito próximo de realizar seus desejos infantis, a revivescência do trauma, a criança expressa, através da visão (alucinada ou não) do advogado Coppelius, o que levará, finalmente, Natanael ao suicídio.

Restam ainda algumas conexões indispensáveis a serem feitas; como surgiu o medo das mulheres? Por que a suspensão da fluidez entre inconsciente e consciente se produz com essa forma? Com Freud (1905) sabe-se que a sexualidade infantil percorre um caminho de desenvolvimento e maturação. Ainda que, após um início polimorfo, quando ainda não há um investimento erótico fixado nas regiões genitais, a criança passa por uma fase de indefinição da identidade sexual. Por fim, ao atingir um certo grau de maturação biopsíquica, ela se volta para a figura parental que tenha sido mais constante e próxima dela. A suspensão da fluidez (MALUF, 1997) de

Natanael, aparentemente ocorreu após esta primeira fase, portanto houve um investimento na figura feminina. Ele continua a procurar uma figura feminina, mesmo quando esta é a boneca fetiche. Encontramos aí um bloqueio com a realidade imediata e impedimentos para que se desenvolvam as fantasias necessárias à empatia e ao enamoramento, uma castração que bloqueia e impede a fluidez. Compreende-se que as castrações, com DOLTO (1984) são experiências de separação simbólicas, uma palavra ou um ato significante, gerador da lei que irá ter efeito operacional na realidade uma castração pode levar à sublimação, mas também a um recalçamento neurótico ou a perversão. Pôde-se observar em casos clínicos que a criança ao se identificar com o agressor, FERENCZI (1932) e BAYLE (2003), irá assimilar seus conteúdos projetados e, em seguida, por defesa, naturalizar o ocorrido. Sob a pressão da palavra do agressor terá medo de contar o ocorrido e desenvolverá um sentimento de culpa que já tinha sido apontado por FERENCZI.(1932). Segundo BAYLE (2003), também há uma colagem dos conteúdos agressivos inconscientes do agressor no inconsciente da vítima.

Há que se recuperar as circunstâncias gerais, as palavras ameaçadoras do advogado, a posição de omissão do pai e a ameaça de morte, proferidas contra uma criança de 10 anos por um adulto que ocupava um lugar de poder avassalador no imaginário familiar e, sobretudo, intimidava muito a mãe, o que confirma a castração apontada por Freud (1919).

Os casos de violência física e abuso sexual levam a concluir que Hoffmann (1815) é possuidor de grande sensibilidade e parece conhecer



muita bem a experiência vivida pelas crianças de seu tempo. Estaria aí o autor utilizando auto-referências de sua própria experiência como ensinou Seminário, M. L. (2002). Segundo a autora, ao compor uma obra literária, o autor vai projetar experiências vividas e buscar alguma forma de elaboração de suas ansiedades não elaboradas.

A angústia transborda com o crescimento corporal, isso é assim, pois perdem-se referenciais de identificação infantil, ancorados em identidade corporal – quem sou eu? O espelho não reconhece o adolescente – e só lentamente será reencontrado ao ultrapassar a crise da adolescência, complementando o quadro de vicissitudes naturais nesse período.

O tempo traz as demandas do meio em relação aos papéis sexuais e, a desorganização do Eu, diante dos conflitos entre desejos sexuais e, sensações fóbicas não muito definidas são mencionadas pelo autor, utilizando-se de um tom irônico. Há, então, auto-referências em relação à adolescência do autor. Surgem sensações disfóricas provenientes de colagens no inconsciente, do fantasma da cena de violência, agressão física e uma possível cena sexual entre o pai e o advogado. Como consequência da clivagem e da colagem do trauma (Bayle, 2003), Natanael desorganizou sua identidade sexual, pois, aos 10 anos, este já tomara, de modo consciente, o pai como modelo. É em Bayle que se encontra a fundamentação para uma compreensão dos mecanismos que envolvem a ocorrência da clivagem como um mecanismo de defesa capaz de proporcionar um recurso de emergência diante das situações de ameaças e risco grave de vida.

Em seu texto, o autor (BAYLE, 2003) menciona que as atividades de desorganização, desestruturação e dessimbolização, conseqüências de clivagem se opõem às que constituem uma vida mental rica e produtiva. Elas resultam em um aforismo que pode ser enunciado como “não há clivagem sem colagem” e que podem ser provenientes de denegações e/ou idealizações que cobrem e isolam uma parte da vida psíquica. A clivagem de parte da vida psíquica consegue assim preservar um resto da mesma, em que o indivíduo poderá aparentar uma adaptação às necessidades da existência e que, na verdade, isolou as vivências do trauma e impediu sua elaboração. Na infância mais precoce, a clivagem possibilitou a introjeção de figuras parentais (KLEIN, 1932) e adesão aos valores e aos traços de caráter das diferenciações de sujeito. Pelo que se depreende do conto, a imago paterna internalizada sofreu graves danos, e sua morte pouco tempo depois impediu possíveis reparações (HINSHELWOOD, 1992). Na experiência realizada com meninos, atendidos no ambulatório, pôde-se encontrar com muita freqüência, latentes que passaram experiências semelhantes e, mesmo não querendo generalizar, ensinaram a compreender a importância fundamental da figura paterna, para que o menino construa sua identidade masculina. As crises com a libido ativam as clivagens, as denegações, as idealizações; as ambigüidades e ambivalências engendrando sensações disfóricas – “o apaixonamento pela boneca de madeira” – e aparecem os mecanismos citados. Em seguida, ocorrem delírios, ameaças, interdições, violência física, desqualificação psicológica – “a criança tinha permanecido um mês inconsciente” – febres muito alta, falas desconexas, levam a previsões negativas, o que, de fato, ocorre depois.

A partir da experiência com os casos de violência física, psicológica e sexual, pode-se afirmar que o relato de Hoffmann é muito semelhante aos sintomas que se encontram em clientes que foram vítimas de violência, ou que foram expostas muito precocemente à visão do coito entre adultos e por isso se tornaram co-partícipes da relação sexual entre os pais ou de adultos significativos. Com alguns dos casos que se conhece, a criança tinha sido incluída realmente.

A vivência de morte e o choque com a incapacidade do pai em protegê-lo, faz Natanael, perder sua fluidez. Justamente as palavras proferidas, dão sustentação ao trauma e o fixam impedindo a fluidez entre o inconsciente e o consciente Maluf (1997). É preciso ressaltar, o fato de que a escotofilia, um grande prazer vindo da infância mais primitiva, tornou-se algo iatrogênico como consequência da ameaça ouvida pelo menino -“vou arrancar seus olhos”- proferida por Coppelius (p. 118 - 119). Há, a partir daí, um conjunto de desarranjos na fluidez de Natanael. Logo o fantasma do “Homem da Areia” que se colou no inconsciente de Natanael (Bayle,.2003) é o advogado Coppelius que vai aparecer como objeto interno intensamente persecutório e, finalmente, vai matá-lo.

Freud (1919) sugere uma distinção entre o estranho que se experimenta na vida real, visualizando, e o que se lê. Quando essas coisas acontecem no real, surgem sensações de estranhezas, que se fixam no inconsciente. No entanto pesquisas mais recentes apontaram que as marcas feitas no corpo demandam uma via de escoamento para as angústias causadas em razão dessa invasão, e que podemos captar essas marcas na vida afetiva dos seres humanos e nas suas produções artísticas e culturais.

Ao aflorar, a pulsão de morte aciona mecanismos de defesa – a clivagem, a denegação. Em consequência disso, a realidade psíquica busca superar tais medos. O recordar traumático, ao invés de ajudar a elaborar, reforça a cena inicial e assim a angústia torna-se incontrolável. O que ele viu e não podia ver, os castigos, a ameaça de morte, a angústia condensará as emoções que se fundem com as histórias do “Homem da Areia”. Sabemos que, no inconsciente, o deslocamento e a condensação vão poder potencializar a carga energética dessas imagens o que as tornarão mais violentas.(BION, 1967).

Há ainda que acrescentar que o transgredir da proibição de conhecer o segredo familiar aumentou muito os níveis de tensão emocional do menino – o grito de surpresa é a confirmação disso, é também expressão da dor vivida com a descoberta de alguma coisa que bloqueou sua sexualidade, suspendeu sua fluidez e o levou à regressão na sua afetividade. Uma perda brutal da imago paterna, internalizada, seguida de sua morte física, impede a recuperação da imagem positiva do pai (HINSHELWOOD, 1992) e torna ativas culpas persecutórias. Em MALUF (1997), “a consciência é o olho da mente” e só nela podem aflorar as tragédias, os dramas, as comédias pessoais ou coletivas, as tristezas e as alegrias. Assim o autor falou das dores de ser criança e inteligente, num mundo exclusivamente adultocêntrico.

A participação, ainda que involuntária e como expectador em cenas sexuais entre adultos causa danos gravíssimos às imagens parentais internalizadas, que se tornam violentas e persecutórias. E então elas irão se imiscuir no inconsciente e tornar negativas as fantasias e as sensações da

sexualidade infantil. A quantidade de energia que se mobiliza durante uma relação sexual causa vivências de morte na criança. Ela não dispõe de capacidade egóica para suportar e elaborar isso.

Ao reencontrar vivo ou em alucinação a imagem do advogado Coppelius, Natanael, prestes a realizar seus sonhos de criança, casando com sua amada, não encontra outra saída senão a morte. A angústia se funde no mundo interno, e ele sucumbe ao desespero final.

Resgatando os casos atendidos, pode-se acrescentar que o papel da mãe pode se tornar fundamental para as possibilidades de recuperação das jovens vítimas. A denegação do ocorrido e a desqualificação da ferida narcísica engendrada roubam a possibilidade de recuperação e impedem o resgate da saúde mental da criança.

Aos conflitos intensos que se relacionam com a sexualidade pré-genital se somam sentimentos de impotência diante de adultos brutais e estes constituirão atentados ao narcisismo primário da criança, assim a saída será a psicose ou a perversão, (FERENCZI, 1932).

Aparece, ainda, o medo de ser homem, adulto, e dar livre curso às suas emoções. Com os clientes pôde-se perceber que a violência física e a violência sexual vivida, podem ser registradas no inconsciente de forma semelhante. O que se pode destacar é que de fato há uma necessidade de afeto e ternura e que toda criança necessita disso, e que a forma como ela vai obter isso vai depender do meio onde ela nasceu. Concorde-se com Ferenczi (1932) que o abuso sexual contra as crianças e a violência são traumáticos e que elas depois não esquecem e que essa violência pode ser

a verdadeira causa de um grande número de sofrimentos e descaminhos do ser humano.

## II - NO REINO DAS ESPERTEZAS

### 2.1. Antigos Conceitos

Marcelo Vital



Os pesquisadores do tema "Violência contra Crianças" (GABEL, 1997; AZEVEDO e GUERRA, 1988; SZWEC, 1998; BAILLY, 1999; DAMIANI, 1999; FURNIS, 1993; RENSBOW, 1994) que o trabalho de assistência às crianças abusadas aconteça sempre com equipes multidisciplinares. Como o abuso atinge todos os membros da família; após a notificação e as medidas cautelares cabíveis, deve-se planejar um contato com os vários membros da família. As equipes de Serviço Social e de Psicologia vão comparar as informações obtidas com as entrevistas com aquelas que já constavam das entrevistas preliminares, para que se tenha o máximo de segurança nas intervenções. A seguir, formarão um processo, que deverá ser discutido pelos profissionais envolvidos no atendimento e encaminhado ao Conselho Tutelar. Esta é uma estratégia recomendada nas bibliografias que tratam do modo da realização do atendimento e a denúncia desse tipo de violência. Elas são oriundas de países desenvolvidos, onde a assistência a esses casos tem-se mostrado eficaz.

Nas referências que Deslandes (1994) faz, as medidas de proteção e prevenção devem ser atribuição de todo o tecido social, que precisa dispor de orientação e da assistência das Equipes de Saúde Mental; do Sistema Judiciário e das Delegacias de Polícia Especializada e Conselhos Tutelares.

Denúncias de tais ocorrências cabem a qualquer pessoa que tome conhecimento de fatos que ponham em perigo o futuro e a capacidade de crianças indefesas, de se tornarem cidadãos de bem.

Em 1990, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que estabeleceu limites e responsabilidades, definiu atribuições e procurou chamar à Lei os direitos e deveres da Família em seu papel social de educar e assistir a criança.

Os desvios de comportamento sexual encontrados nos adultos são conhecidos e descritos já há muitos séculos. Encontram-se relatos de tais ocorrências mesmo no Antigo Testamento. Em Vigarello (1998), encontram-se os registros de processos legais que transcreviam relatos de arquivos policiais desde o século XIV, onde foi possível encontrar denúncias de casos de estupro e de violência sexual, contra crianças e adolescentes. No entanto, após mais de cem anos de estudos sobre a vida afetiva e psicológica do ser humano, melhoram muito os conhecimentos sobre as causas e as conseqüências de tais desvios sexuais e pode-se ter certeza da violência que aparece junto com tais atos. Também em Vigarello (1998), constatou-se que movimentos sociais feministas como os que lutaram a favor dos direitos civis da mulher criaram o espaço necessário para tornar visível a violência contra as mulheres e crianças, em virtude de serem essas, principalmente, que mostravam e que denunciavam os casos, nos séculos anteriores. Há ainda que ressaltar que se condenavam para enforcamento, pedófilos e também algumas vezes as vítimas. E então, como que para intimidar as denunciantes, os Juizes arranjavam desculpas e alegavam que tinha havido sedução, que a vítima não tinha resistido a ela, que não havia sinais de luta para que se acreditasse ter



havido resistência. Portanto a Justiça ainda se mostrava ambígua e vacilante ao lidar com tais casos.

O aparecimento, na França, do conceito de cidadão criou uma relação que originou nos sujeitos o conceito de subjetividade. Outras formas de conhecimento, oriundas da Filosofia e da Medicina, tornaram possível a criação da Psicanálise e de outros sistemas de pensamento e Teorias da Psicologia que acabaram por apontar as seqüências lógicas entre os pensamentos e ações. Logo, surge uma maior visibilidade das ocorrências de abuso sexual, e há, maior empenho em inibir e controlar os comportamentos dos adultos, sobretudo quando voltados contra crianças.

A maior igualdade de direitos nas relações entre homens e mulheres foi se consolidando na sociedade e tornando intoleráveis as antigas violências. Passou a ser possível questionar o modelo patriarcal de dominação, que escondia essas violências. Surgiu então, no tecido social, um lugar para a criança, que se torna representante da fragilidade e da inocência. Isso só pôde acontecer como conseqüência da redução do poder absoluto do pai.

Em "É preciso proteger as crianças" (da ação de adolescentes e adultos perversos), SZWECK (1993) trata da necessidade de informar as crianças dos riscos e desvios que podem estar escondidos nas relações sociais. Ao citar alguns casos de pedofilia, o autor destaca que esse comportamento se caracteriza por violência, covardia e terrorismo contra as crianças, tendo como causa a angústia de castração e a ausência de sentimentos éticos nos abusadores. Segundo SZWECK (1993), a criança é vivida, na verdade, por estas pessoas, como um fetiche, ocupando o lugar de um pênis na mãe. O pedófilo se tem como objeto narcísico exclusivo, é dotado de pênis, mas a

vítima deve ser impúbere, pois não haverá lugar para genitálias adultas. Com adultos, não haverá gozo, e se conseguir ereção, não haverá desejo. Algumas vezes, encontram-se casos, em que o pedófilo só conseguia se relacionar com as mulheres se as relações sexuais fossem exclusivamente anais. Será necessário que se mantenham infantilizados, para que possam sustentar a denegação da diferença entre os sexos, porque a diferença será sempre, vivida como extremamente ameaçadora de castração. De modo paradoxal, a ausência de pênis viril irá significar sua presença. Assim, a criança no seu todo é que representa o pênis que não pode ser simbolizado.

Encontra-se aí a denegação da função paterna, e o sujeito estará agindo como uma "caricatura de pai primitivo" sádico e violador e que tem a perversão moral como uma pista, para quem trabalhar com as vítimas. A ocorrência do abuso cometido por um estranho não é uma forma freqüente, mas é sim a mais denunciada. A mais freqüente em nossa pesquisa foi o abuso sexual incestuoso, intrafamiliar, que quase sempre conta com a cumplicidade das mães e que também com grande freqüência se apresentam como um fenômeno transgeracional. Em outro capítulo, será aprofundada esta linha de pesquisa. O abuso sexual, o incesto e o estupro são considerados comportamentos perversos. De acordo com LAPLANCHE e PONTALIS (1967) para a Psicanálise a perversão é definida como:

*“...desvio em relação ao ato sexual normal definido este como coito que visa à obtenção do orgasmo com penetração genital e vaginal.*

*Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais — (pedofilia, homossexualidade, bestialidade, etc..., ou por outras zonas corporais (coito anal, felácio etc...)) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, escoptofilia, exibicionismo, sado-masochismo), estas podem mesmo proporcionar, por si sós, o prazer sexual).*

*De forma mais englobante, designa-se por perversão o conjunto de comportamento psicosexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual.” (pág. 432)*

Esta definição corresponde àquela encontrada em Freud (1905) e também às primeiras compreensões sobre a perversão no início da Psicanálise. Tal definição foi sendo atualizada à medida que se aumentou a compreensão em relação às estruturas desses comportamentos, entretanto não houve discordância quanto às conseqüências extremamente graves para a vida afetiva das vítimas.

Encontramos em D'or (1989) que, segundo Freud e Lacan, para se compreender a perversão, há de se entender o conceito de pulsão sexual. Essa surge na primeira infância e vai constituir a base do conceito freudiano de sexualidade perverso-polimorfa na criança (FREUD, 1905). Aí então, a pulsão é parcial e considerada a base da sexualidade infantil. Isto daria então a possibilidade de compreensão de que desvios relativos aos objetos da pulsão e das suas metas aparecem ancorados em fantasmas infantis (ABRAHAM, N., 1987) que permaneceram ativos na idade adulta.

Como se sabe, a pulsão não se refere exclusivamente à perversão, porque, inicialmente, ela não tem um objeto dado com antecipação, assim como não parece haver um objeto previamente determinado nas suas origens. A pulsão apresenta-se lábil, por um lado, e depois capaz de fixação e de produzir gozo por outro. Ter-se-á, então, os processos sexuais ditos perversos e os normais que parecem se referir a estruturas muito próximas, que não parecem se regular necessariamente pelo que se conhece como natural.

Freud afirma que, quando se fala de sexualidade, estar-se-á sempre correndo o risco de que algo perverso esteja em jogo, mesmo que se junte a

ela uma meta sexual considerada normal. O estudo da perversão levou Freud (1905) à noção de pulsão parcial que é considerada uma característica da sexualidade infantil pré-genital e que irá sobreviver nos sujeitos neuróticos e nos perversos adultos. Na criança, a pulsão parcial sustenta-se numa impossibilidade de gozo genital, por isso seria estruturalmente perversa, e a meta organizadora genital impossível. Mas essas pulsões parciais podem persistir e fixarem-se, ao chegarem à idade adulta. Freud (1905), então, atribui ao mecanismo de regressão nos sujeitos adultos o aparecimento de componentes pulsionais infantis e ressalta que a meta das pulsões será sempre procurar satisfação. No entanto, novas teorias não falam de regressão, mas de suspensão da fluidez.

Encontra-se em J. D'or (1989), uma citação de Lacan que parece completar essas idéias: "O objeto das pulsões é aquilo em que, ou pela qual a pulsão pode atingir sua meta e esta é o que há de mais variável na pulsão". O objeto não é originariamente ligado à pulsão mais do que em razão de sua aptidão particular de tornar possível uma satisfação. Esse investimento não precisa se dar com um objeto estranho, pode ser parte do próprio corpo auto-erótico e pode ir sendo substituído ao longo dos destinos possíveis à pulsão. Um mesmo objeto pode servir de meio de satisfação a diversas pulsões. Assim que a ligação da pulsão com o objeto, apresenta-se particularmente íntima, chama-se pelo termo "fixação" — algo que colocará um fim à sua mobilidade e que irá resistir intensamente a toda e qualquer dissolução.

Encontra-se em McDOUGALL (1977) um questionamento da determinação do diagnóstico que, segundo ela, poderia servir apenas para estigmatizar o indivíduo, pois pode ter pouca pertinência no real, uma vez que,

dentro de cada categoria clínica, a variação das estruturas conduz à singularidade do indivíduo. Portanto, ainda que tenha utilidade designar alguém como neurótico, psicótico, psicossomático ou perverso, isso pode constituir-se em uma aproximação falsa da realidade, o que poderia dar certezas vazias (McDOUGALL, 1977).

Em geral, os sintomas apresentados pelos pacientes são tentativas mal sucedidas de cura de si mesmos, tentativas de evitar o sofrimento psíquico. Pode-se compreender, assim, suas sexualidades sintomáticas. A maioria das sexualidades perversas — tais como: fetichismo; voyeurismo; práticas sadomasoquistas; exibicionismo e pedofilia — são tentativas mais ou menos frustradas de fazer sobreviver alguma forma de relação heterossexual.

Freqüentemente, ao agir como seres "humanizados", bem como lidando com os conflitos inconscientes de pais e parentes, todos poderiam acabar invertendo alguns dos meios de ação, para poderem sobreviver tanto como indivíduos quanto como seres sexuais. Algumas das soluções encontradas em um dado momento tendem a fixar-se e a repetir-se por toda a vida.

Na Psiquiatria, o conceito de perversão funde-se com o de psicopatia (DEBRAY, 1982) e constitui um quadro mental caracterizado pela incapacidade do indivíduo de submeter-se às leis e às regras sociais, com aparecimento de comportamentos claramente anti-sociais, podendo ser chamado também de sociopatia.

A maioria dos indivíduos que, constantemente, está envolvida com transgressões da lei — bandidos, assassinos, contraventores... — é considerada sociopata. Nesses indivíduos, funções superegóicas clássicas não parecem ter força. Não se encontra culpa nem remorso, mas se podem

identificar as falas cínicas e os mecanismos de racionalização que aparecem hipertrofiados. Há uma grande instabilidade social, acompanhada de violência e impulsividade sem controle, utilizando-se da sedução num contexto social de contato fácil. A sexualidade está perturbada; encontram-se dependência e imaturidade alternadas com atos de desafio, e ainda possibilidade de síndromes depressivas, acessos de delírio, toxicomania e gestos suicidas (DEBRAY, 1982).

As teorias apresentadas até agora correspondem a um período da Psicanálise em que esta se prendia a um modelo clássico. No momento atual, a Psicanálise apresenta uma linha de pesquisa de Vitimização e Vitimologia na qual se desenvolvem novos modelos teóricos. Procura-se compreender como se dão os fenômenos em torno da violência e das agressões sexuais. A partir das pesquisas de Balier (1988, 1995, 2002 e 2003), Fine (1993), Bailly (1999), Bayle (2003) e Eiguer (1983, 1987, 1995, 1997, 1998, 2001, 2005) que começaram a ser desenvolvidas dentro de um presídio especial para agressores sexuais em Paris, encontra-se novas linhas de teorização sobre os fenômenos e as origens dos distúrbios da sexualidade e das passagens ao ato encontradas nos agressores. Além desses, outros psicanalistas da Contemporaneidade mostram-se empenhados em aprofundar o conhecimento das causas e das origens de tais fenômenos. Em Eiguer (1997), o conceito de Perversões Morais informa que, por meio do estudo das palavras e atitudes, podem-se empreender novos estudos sobre perversões e assim desvincula-se das opções sexuais. Esse autor apresenta várias obras, citadas na bibliografia deste trabalho, que formaram a base desta tese e uma contribuição muito significativa para o desenvolvimento desta técnica de trabalho terapêutico com

as vítimas, vitimizadores e com suas famílias. Pode-se dizer que este autor representa uma grande virada teórica da direção da Psicanálise para o intersubjetivo sem, contudo, abandonar o intra-subjetivo. Conseguiram-se assim estabelecer nexos ricos e profícuos para a compreensão da formação da subjetividade humana.

A violência e o abuso sexual contra as crianças criam traumas que se incorporam ao inconsciente da vítima sem que seja possível a ela compreender ou sentir sintonia com a ocorrência. A criança, vítima do abuso, sabe que aquilo que está ocorrendo é algo que não é adequado, mas, como, na maioria dos casos, o abusador primeiro se aproximou afetivamente e a seduziu com palavras, ela se sentirá traída e culpada. Procurará saber a causa daquilo que aconteceu e vai acabar se achando culpada pelo ocorrido ( Ferenczi, 1932, GABEL, M., 1997, 2000). Como seu pensamento ainda está num nível de onipotência e magia, a criança acaba presa numa armadilha de auto-referência e acredita que ela própria gerou tal violência. Mesmo quando o abusador não usou de violência, ainda assim a culpa e a perplexidade farão grande mal à criança. Qualquer grande estímulo externo não correspondente à evolução interna do sujeito causa perturbações e haverá a impossibilidade de integração físico–psíquica e isso irá criar perturbações psicológicas (FERENCZI, 1933).

A existência do trauma sustenta os fantasmas inconscientes. Esses adquirem força e permanecem com a energia e a intensidade do momento quando ocorreu o fato.

“Então, como era impossível para a criança uma compreensão do abuso, pois foi levada a participar de atos libidinosos, para os quais não tinha maturidade, não será possível para ela integrar em seu aparelho psíquico a

referida excitação sexual. Se a criança foi exposta violentamente a uma relação de paixão (um excesso de excitação) e o que ela começa a dominar é na verdade a linguagem da ternura, isso provocará um trauma que será impossível elaborar”. (FERENCZI, 1932).

Ao procurar compreender a psicodinâmica do trauma, julga-se que um excesso de excitação, provocado pela visão ou pelas experiências sexuais vividas, pode aparecer como um efeito retardado, no trauma. O evento vai adquirir sentido posteriormente, e o sujeito perde seu amor próprio e sua tranqüilidade emocional. Uma ocorrência muito freqüente na observação clínica de crianças abusadas sexualmente é que mais tarde, na adolescência, ou na vida adulta, o trauma é reativado com intensidade e em dimensões que não pôde ter sido percebido conscientemente antes. Muitas vezes, quando o ambiente em casa é favorável à criança, ela pode denunciar o abuso; e então o sofrimento será menor, mas, infelizmente, na maioria dos casos, a ocorrência se dá com os componentes da própria família da criança. Pode-se, então, identificar a realidade da sedução traumática precoce da criança no adulto, e a origem dos distúrbios psicopatológicos posteriores; — a impossibilidade de relações afetivas duradouras, de sucesso profissional e limitações no cotidiano das pessoas, podendo mesmo chegar ao suicídio. Mais adiante, será relatado um caso encontrado em um livro sobre mulheres da China, que dá muitas informações de como pode se dar esse choque entre corpo e mente.

Num caso acontecido há muitos anos atrás, um homem bem-sucedido intelectual e profissionalmente, que tinha sido, porém, abusado sexualmente na infância, por um professor de música e em cujo fato, sua mãe não tinha querido acreditar, instalou-se uma impossibilidade de ligação afetiva permanente. Uma



insegurança patológica. Embora ele pudesse sobreviver com sua angústia, terminou por suicidar-se, em conseqüência do ocorrido.

Outro fator de importância é o fenômeno da transgeracionalidade <sup>(1)</sup> das situações de abusos sexuais, que se repete com uma terrível naturalização das ocorrências e que se apresenta como inevitabilidade dos fatos. Esse fenômeno parece ocorrer nos casos de violência física, abusos psicológicos, alcoolismo e uso abusivo de drogas.

Na maior parte dos casos que foram identificados no ambulatório dos quais não tinha havido denúncia das mães ao Ministério Público ou à Polícia, estas relataram que tinham passado por situações semelhantes e pedido socorro às suas próprias mães, que nada fizeram para salvá-las. Nos casos em que o abusador é estranho ao núcleo familiar, e as mães, embora denunciasses, à equipe de atendimento ou à polícia, não tinham sido molestadas.

Há alguns casos de incesto, nos quais as mulheres, vítimas do abuso na infância, foram crescendo na prostituição. Uma mãe, ao ser inquirida sobre o porquê de sua tentativa de proteger seu irmão, abusador sexual, alcoólico e viciado em drogas, declarou que "a filha já estava desgraçada mesmo e o melhor era deixar as coisas assim mesmo" (sic.). Essa mãe foi advertida da gravidade da situação, mas, após seis meses, abandonou o atendimento, alegando que o tio tinha desaparecido e assim não tinha mais problema.

Outros casos de crianças vítimas de abuso sexual têm sido assim diagnosticados por apresentarem condilomas <sup>(2)</sup> nas regiões genital e anal, o

---

<sup>1</sup> Refere-se ao fato de que mulheres ou homens que foram abusados sexualmente na infância freqüentemente parecem eleger companheiros abusadores para que seus filhos também o sejam.

<sup>2</sup> Condiloma – doença venérea que a Organização Mundial de Saúde diz ser indicativa de abuso sexual quando ocorre em crianças por tratar-se de uma dermatite de contato.

que indica confirmação do abuso. Esses sintomas são considerados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) indicadores da ocorrência de abuso sexual. Mas ainda assim as mães começam mentindo e até fingem surpresa, quando são comunicadas do diagnóstico. Depois de alguma insistência de nossa equipe, acabam reconhecendo os fatos e, então, relatam a história verdadeira. Tais casos são de alta gravidade pois são dermatites graves que podem gerar câncer.

## **2.2. Novas contribuições**

As teorias apresentadas até agora correspondem ao período da psicanálise em que esta se prendia a um modelo clássico, segundo Balier (1988) e que se constata quando o centro do trabalho estava voltado para o intra-subjetivo e se supunha que era possível trabalhar exclusivamente neste campo. No momento atual, a Psicanálise Contemporânea deslizou do intra-subjetivo para o intersubjetivo. Assim, a subjetividade dos sujeitos passou a ser compreendida como uma nova linha de pesquisa que se ocupa dos fenômenos estudados nas relações interpessoais, e a Vitimologia procura pelas causas da vitimização.

Assim, encontram-se novos aforismos em torno da “passagem ao ato”, das origens das agressões sexuais e da violência, do trauma e da compreensão dos fenômenos inconscientes, que se mantêm fantasmaticizados e, por isso, inacessíveis.

Começa-se por diferenciar violência de agressividade, uma vez que o sentido da diferença decorre de uma questão da quantidade de energia

mobilizada e agregada. Assim, é preciso usar as bases do ponto de vista econômico propostos pela Psicanálise.

*“Após termos descrito brevemente o enquadre com o qual trabalhamos, apresentaremos as idéias principais, segundo as quais desenvolvemos uma prática diferente da que a seção clássica de psicanálise preconiza. Isto suscitou muito interesse e tais conceitos encontraremos nas exposições clínicas que fizemos como base de nossos estudos. Elas baseiam-se na observação e na terapia com homens jovens, que cometeram atos delinqüentes graves de origem patológica. Será a partir dessas exposições que formularemos, em seguida, uma construção teórica elaborada após um estudo do futuro das pulsões responsáveis pelas passagens ao ato delituoso. Confrontado com esta patologia, é natural que o problema da destruição surja constantemente posto para nós. Uma frase do L’Abrégé (1938) conduz nossa reflexão: “após muitas hesitações, longas tergiversações, nós resolvemos admitir a existência de duas pulsões fundamentais: Eros e a pulsão de destruição... O objetivo de Eros é estabelecer sempre grandes quantidades de unidades, além de conservá-las; isto é a ligação. O objetivo da outra pulsão é, ao contrário, quebrar as ligações, além de destruir as coisas” (Balier, 1988, p. 09 – tradução feita pela autora).*

Como se pôde ver, o autor admite a necessidade de que pensemos as pulsões girando em torno dos conceitos de “Eros” e “Tanatus”, seguindo o texto de Freud (1915) que justamente fala pela primeira vez da pulsão de morte. Na tradição grega, eles se referiam ao amor, à vida e à morte. Sendo que a pulsão de vida refere-se a tudo que une, conserva e liga as emoções e os sentimentos. Já a pulsão de morte, estaria vinculada aos rompimentos, às destruições e às interrupções das ligações.

A. Fine (1993) esclarece que a utilização do mito de Édipo ficou um pouco prejudicada quando se recorreu ao texto original, uma vez que, por essa época, a lei não interditava diretamente o incesto. Havia leis gerais que preservavam o conceito de honra familiar. Assim, os oráculos legislavam a respeito de maldições e fatalidades que teriam que ocorrer como forma de

penitência para redimir erros dos ancestrais. Segundo a lenda original, Laios tinha sido condenado a viver tal drama pra sofrer o castigo por ter seduzido Crisipus, filho dileto de um rei, e que, envergonhado, ao ser descoberto, se suicidou. Daí o que teríamos é a compulsão à repetição, estabelecendo suas fixações ao trauma, que passa para as descendências através daquilo que Kaës, R(1997). e Eiguer,A.(1995) cujo estudo vão desenvolver, chamando-o de transgeracional.

Há uma noção de fixação ao trauma que ainda suscita interrogações. Onde e como se dão essas fixações? Elas devem ser pensadas do ponto de vista econômico e também do ponto de vista tópico. O trauma surge como importante porque ele põe em movimento um sistema que aciona a regressão e a fixação. Assim, este sistema dará sentido aos fenômenos pós-traumáticos que foram cristalizados como sintomas e não foram simbolizados. Portanto, Fine (2003) afirmará que, no início, Freud pensava na memória e nas recordações. Ele agirá como se os acontecimentos estivessem ocorrendo agora. O trauma continua agindo como se não tivesse acabado. E se não há nenhuma intervenção a respeito do trauma ele continuará agindo, do lugar onde está fixado, como que investido de qualidades alucinatórias.

O trauma precoce parece constituir um ponto obstinado, que vai acionar defesas primárias, como se houvesse um sistema anti-traumático, como uma rede onde todas as saídas estão barradas, não memorizadas, mudas, não presentes em nenhum registro que não seja teórico e não são disponíveis a não ser pelo exterior e pela repetição, um fenômeno que só se percebe pelo contato interativo. É então vivido como um corpo estranho interno, ao qual Torok; Rand (1995) chamou de fantasma e que se diferencia do recalçamento.

A fixação do trauma, como propõe a Psicanálise atual, cria diferentes formas de revivescência, e uma atualização em ecos e sempre presente no espírito.

Encontram-se, então, novos conceitos apresentados por Eiguer, A. (1997), uma nova forma de compreender a perversão que tem mais abrangência e mostra-se maior do que o desvio do foco na opção da sexualidade genital. Defendemos aqui a idéia de que a perversão deve ser definida como um quadro do aparelho mental (BION, 1967) em que a permanência ativa de mecanismos de clivagem e colagem (BAYLE, 2003) e a denegação e a racionalização (FREUD, A., 1961) conduzem o indivíduo à fluidez estagnada (MALUF, 1997) e a um permanente estado de prontidão mental. Tal estado estabelece uma forma de comunicação falsa e transmite um quadro equivocado de normalidade, no qual a afetividade está intensamente bloqueada e regredida, e o fluxo das palavras parecem sair mecanicamente — não conseguem as idéias usufruir de liberdade e fluidez. E todo o tempo se depara com sensações contratransferenciais (URTUBEY, L., 1995) que informam de que há alguma estranheza, mas esta não se destaca com facilidade.

Uma forma perversa na criança e no adolescente surge após um período de tempo que depende do grau de agressividade e brutalidade que o adulto agressor empregou, e poderia fixar-se a partir da negação da denúncia apresentada pela criança e ainda acrescida: com a falta de apoio dos adultos significativos da vítima o que contribui para a autodestruição e a perda da auto-estima. O elemento comum parece ser a negação da lei e de não existirem regras protetoras para crianças. Surge, em conseqüência, um encurtamento da tolerância à frustração. Na maioria das vezes, crianças que foram avaliadas como “boas” (sic.) tornaram-se deprimidas,

passaram a se recusar a cumprir regras e a se apresentarem apáticas, o que motivam bloqueios sérios na capacidade de aprendizagem escolar.

A predominância do processo primário nos mecanismos de defesa torna impossível a fluidez no desenvolvimento sexual. Atingir a capacidade de sublimar, e alcançar graus de renúncia e definição de papéis serão etapas interditas pelos fantasmas. Também uma incapacidade de sublimar ou de utilizar meios e recursos de simbolização aparecem em consequência das clivagens. Há a sensação de que objetos primários fundadores do Eu (KLEIN, 1932) perderam sua significância. Em alguns casos, vão se apresentar com sintomas de bissexualidade ou apatia.

Por fim, compreendendo tais dinamismos pode-se pensar em crianças imersas em uma cultura adultocêntrica que lhe atribuiu perversão, mas não se encontra nelas a autoria disso. O que se encontra é a evidência de que o meio cultural que a circunda a induz a tais transgressões. Os mais recentes estudos debruçados no viés Transgeracional parecem confirmar esse raciocínio com alguma segurança.

### III - OS RECURSOS DA LINGUAGEM NO REINO DAS ESPERTEZAS

#### 3.1- A mentira, a sedução e a destruição

Marcelo Vital



Conforme houve referência anterior, a verdade parece ser uma das questões mais significativas, nos casos de violência e abuso sexual contra crianças. Ela se apresenta dotada de significativo poder curativo. Nos casos estudados, ao ser restabelecida a verdade, há uma clara redução nas angústias familiares e ocorre a restauração da confiabilidade e da crença no mundo adulto significativo. Recorre-se, então, a Andrade (1998) que afirma: "a busca de uma verdade possível de ser alcançada a cada passo parece ser um impulso natural no homem".

A curiosidade surge na criança logo, ao redor do quarto mês de vida, com um claro interesse no mundo circundante. Assim, a compreensão e a explicação das novidades e os estímulos apresentados se tornarão uma atração permanente para ela, e instalar-se-ão as bases que garantirão e conformarão a fluidez e a montagem de seu mosaico.

A mentira em suas mais diversas formas pode tornar-se um ataque aos vínculos entre os humanos e prejudicar a fluidez. Em consequência dessa agressão, a criança irá se constituindo de modo cada vez mais inseguro, em virtude da dependência inicial, e da carência de recursos, própria da

imaturidade, o que dará lugar a uma pessoa angustiada, insegura, com dificuldade de tomar decisões e de lutar por suas idéias.

É preciso ressaltar aqui que o lutar por idéias não quer dizer que se esteja falando de imposição de poder ou de domínio da criança; deve ser, porém, um ensaio para a busca de autonomia e independência. Os adultos significativos nem sempre estão atentos às palavras das crianças. Logo, a criança precisará fazer um esforço para que o mundo adultocêntrico à sua volta, se detenha e procure dar atenção a ela. Nos primeiros anos de vida, a atenção, a conversa e as histórias contadas são significadas como prova de amor e aprovação para com a criança. Assim, a necessidade de aprovação e confirmação do amor é, na verdade, um fator tão significativo quanto o alimento e os cuidados de higiene. Quando a criança está sofrendo abuso, ela vai recorrer a uma ajuda de um adulto significativo, em quem ela aprendeu a confiar. Deve-se ainda, assinalar a ocorrência de desmentidos forçados nos casos de denúncia contra abuso sexual e violência. Na maioria dos casos, houve o abuso, mas os adultos que, inicialmente, tinham dado apoio à denúncia, ficam com medo das conseqüências e tentam retirá-la, acusando a criança de ser mentirosa. Relatos fantasiosos em idades mais precoces correspondem a um manejo difícil entre realidade e fantasia, e também aí não encontramos referências a atos sexuais e manipulações de genitais de outras pessoas, quando a criança não foi erotizada precocemente por uso sexual.

O que é necessário ressaltar ainda é que o fato de que há fantasias inconscientes relativas à genitalidade não parece ser confirmado por psicanalistas em crianças que não chegaram à puberdade. Elas não são capazes de falar sobre sexo ou de mencionar atividades sexuais sem que elas



próprias tenham vivido tais situações. Muitas vezes, ouvem-se queixas contra crianças teimosas e mentirosas e constatou-se que as crianças é que tinham razão e eram os adultos que mentiam. Há uma grande diferença entre manipulação exploratória com finalidades auto-eróticas e as masturbações compulsivas observadas nas vítimas de abuso sexual. O uso da criança pelo perverso ou mesmo por outros menores pelo menos cinco anos mais velhos causa traumas que ficarão registrados no inconsciente sob forma de fantasmas e irão atuar na vida adulta, inibindo e impedindo um pleno gozo da sexualidade. Incluem-se também as palavras desqualificadoras que insinuam racismo, intolerância com as diferenças e os assédios sexuais, que são internalizados e transformam-se em muito sofrimento durante toda a vida.

Uma personalidade madura e harmoniosa precisa de segurança que possibilita o afloramento de afetos, desejos e a capacidade de criar. A segurança irá atuar na composição do mosaico humano, garantido pela fluidez. Ora, a mentira bloqueia o fluxo para o conhecimento da verdade, esgota as possibilidades de desvendá-la e paralisa os movimentos naturais do amadurecimento do ser humano e pode chegar até a prejudicar o crescimento físico em crianças mal acolhidas. Um sentimento de insegurança irá prejudicar sua socialização. Os conflitos naturais e inevitáveis, gerados pelas diferenças, pelo emergir do desejo na criança, precisam ser examinados e solucionados para que seja possível a vida em comum. A mentira irá solapar a capacidade de a criança organizar e desorganizar suas compreensões e percepções a respeito do ser humano e da sociedade. Sua inteligência estará bloqueada e ela se sentirá burra. A mentira pode ser avaliada como um ataque aos vínculos fundadores da relação entre duas mentes, a impossibilidade de construir laços

o que seria então mais destrutivo do que as ambivalências de amor e ódio, projeções e introjeções, voracidades, invejas, ressentimentos, pois a mentira vai atuar diretamente sobre a capacidade de conhecer e reconhecer as percepções do mundo circundante, além de as emoções se tornarem persecutórias.

O conhecimento deve ser pensado como um vínculo básico. Todas as pessoas sonham com os atos de conhecer e ser conhecido, de saber mais sobre si mesmo e sobre os outros. Acredita-se que se pode chamar de pulsão uma vontade de saber e a possibilidade de engendrar o futuro. Então, uma mentira remete à negação e à ausência de um outro confiável. As conseqüências aparecerão nos indivíduos através do medo de viver suas emoções, fugindo delas e não se acreditando capazes de sobreviver às suas dores, perdendo suas esperanças. No início falou-se de insegurança com o estranho e agora da estranheza das mentiras. Um luto muito intenso e sofrido, perdas de imagens parentais internalizadas que foram positivas e pareciam dar segurança e representavam um mundo bom, mas que, subitamente, tornaram-se monstros persecutórios e ferozes, não respeitando a criança como um sujeito de vontade e não confirmando um compromisso com seu lugar de transmissor das regras e das leis da cultura. A perda da confiabilidade traz a descrença e a desilusão, como nos casos de Síndrome de Münchausen, quando os responsáveis utilizam mentiras e colocam em risco a sobrevivência das crianças. Encontra-se a fala cínica na criança, que transmite a desesperança e a negação da lei, e os adultos agem com o propósito de manter a criança numa posição de cúmplice passivo de suas ações perversas.

É na relação com o outro que o indivíduo constrói a si mesmo, desenvolve a capacidade de pensar e encontrar soluções e a capacidade de amar. É na franqueza e na honestidade de sua comunicação, de suas angústias e desamparos que os adultos estarão também dando às crianças uma dimensão das realidades com as quais elas poderão operar e assim amadurecer. Suportar falhas, divergências e diferenças é altamente positivo, pois isso promove a melhoria da capacidade de suportar frustrações, ódios e reações violentas. Uma clara evidência deste raciocínio está nas palavras de X. um menino de cinco anos, que foi sodomizado pelo pai, depois de tê-lo visitado regularmente dos 2 aos 5 anos de idade. O pai afirmou que o amava muito, e ele muito revoltado disse com muita indignação ;" mas ele não me amava não, não é? Se não, ele não ia fazer aquilo comigo e, ainda me ameaçou, dizendo que se eu contasse para alguém aquilo, nunca mais eu ia ver a minha mãe" (sic). Esse jovem pai (tem 28 anos) é funcionário de uma grande instituição, foi avaliado como bom funcionário e consegue montar a farsa, mentir que é bom pai diante do juiz da Vara de Família, chorar muito e jurar inocência.

É evidência de violência inominável nas relações interpessoais, o modo como o perverso usa o outro, atacando sua subjetividade e transformando-o em um objeto inanimado e sem qualidade, apenas para uso e prazer seu. PUENTE (2002), em seu livro sobre a mentira fala que é indispensável, para haver um relacionamento confiável com o outro, que se diga a verdade e, neste sentido, cita Kant:

*"Tenho obrigação de dizer a verdade em relação a certas pessoas, não todas. Se um ladrão me perguntar se tenho dinheiro, não preciso dizer que sim. Mas a verdade não se separa da justiça, por isso ela não está nos detalhes, mas sim no Espírito."(p.16)*

Ai parece haver uma falta, e serão os filósofos que vão ajudar a entendê-la. Sim, dizer a verdade a quem? E por quê? O imperativo categórico de Kant tem abrangência universal, sendo assim ele não vai admitir de início uma particularização. É uma obrigação em relação à condição de humanos e humanizantes como um todo, porque a verdade é uma obrigação com os outros. Sem veracidade, sem confiabilidade não há contratos, e, portanto, não sobrevive a sociedade, pois assim, não é possível ter confiança, é sobre a veracidade que há união uns com os outros, fundamentados na lealdade, é possível viver juntos.

Ora, está aí o início de um raciocínio básico que se precisa enfrentar na prática diária com perversos e suas vítimas. A ação desumanizante dessas pessoas, que não puderam aceder ao benefício de lidar com as regras e com a lei de modo positivo, torna-se um brutal desvio e desperdício de energia, cria terríveis dramas, destrói as famílias e faz sofrer com a constatação de quanto um ser humano pode ser mau.

As leis foram, indiscutivelmente, criação e consequência necessária e indispensável para o sustento das possibilidades de vida em grupo, em cidades e, mais tarde, em nações. Quando se fala de Lei, há que se falar de Ética, de Moral e de Política. Em Puente (2002) afirma-se: “dizer a verdade é promover a justiça, mas isso não invalida a existência da Literatura ou da Arte, pois todos nós sabemos que “o poeta é um fingidor” e, esse “fingimento” não existe para fazer o mal a ninguém e sim para liberar nossas fantasias sobre o viver”. Ele nos diz ainda: “que sem confiança não pode haver contrato e nem sociedade”. Como se pode ver o que está sendo sabotado com a mentira é a possibilidade de se construir confiança, assentada na verdade, sem esta não há um individuo

saudável. Pais e mães que enganam e mentem para os filhos, que julgam e afirmam estar "protegendo" seus filhos da verdade, estão é agredindo e destruindo a vida intelectual e afetiva deles, jogando-os em uma insegurança crônica e, ainda, abrindo caminho para o cinismo e a perversão. Esses pais julgam que, com palavras bonitas e vazias, podem enganar as crianças e empolgam-se, criando uma seqüência enlouquecedora de histórias, nas quais eles mesmos acabam envolvidos e enganados.

O perverso vai pois se estruturar como um mosaico, em que se percebe um intenso espreitar e contínua dissonância com os fatos. Ele usará defesas históricas, capturadas do meio social: a sedução, a mentira e o espreitar, as tentativas de convencimento serão suas armas preferidas para garantir seus fins. A propósito desses procedimentos, os casos estudados têm sempre incríveis histórias de mentira, enganação e empenho em ludibriar o outro. Na necessária passagem da teoria para prática, há que se admitir que é difícil defender regras muito rígidas em relação ao uso da mentira. Outros autores mencionados em Puente (2002) também refletiram sobre o uso da mentira nas relações sociais e escrevem suas reflexões sobre a necessidade de reconhecer o imperativo da verdade, e só assim acontece a posição de que o mérito do outro será um diferencial significativo, para que se avalie quem tem direito à verdade. Isso reforça aqui, que o mérito da colocação apresentada por Kant está justamente em pensar o ser humano inserido no grupo familiar e social e refletiria sobre a complexidade dos relacionamentos humanos. Em seguida, há a referência a J.J. Rousseau que completa essas idéias afirmando: "se a verdade funda as relações ela não é um fim em si, mas sim um meio para promover relações sociais mais justas e confiáveis". Aí aparece a questão da

justiça, pois torna-se necessário formular a tese em três planos: só tenho que dizer a verdade quando ela trará resultados justos; a verdade que importa não é a dos fatos pequenos, (para psicólogos esses fatos pequenos são importantes sim, porque são pistas que levam aos grandes, tal como o que se deve fazer ao perseguirmos as filigranas dos casos estudados.). Portanto prestar atenção às coisas que contam, as palavras que usam, e às atitudes torna-se indispensável. E, finalmente, dizer a verdade é um dever relacional, pois só assim é possível se preservar os relacionamentos civilizados entre os seres humanos. Pode-se então, concluir que há uma diferença e que as coisas podem ter várias formas de se justificar o que estaria em perfeita consonância com o que nos ensinou a Psicanálise, pois deve haver uma relatividade em relação aos limites da honestidade e da confiabilidade quando isso resulta em prejuízos demais para o contexto social. Partindo da mentira para chegar à verdade, afirmar-se-á que ela é definitivamente destrutiva e perniciosa e que esta questão leva à Ética e não à teoria do conhecimento.

Houve, no atendimento, um caso que será mais detalhado no capítulo VII de incesto entre irmãos que resultou em gravidez. A queixa inicial se referia a uma gravidez precoce uma vez que a menina tinha na época onze anos. Usando a estratégia da investigação, ouviu-se a família toda junta e depois os filhos em separado. Através desse procedimento, descobriu-se que os irmãos tinham relações sexuais desde algum tempo e que essas envolviam também o irmão menor de quatro anos. Eles se comunicavam com a mãe chamando-a de "mana", e isso parecia ser natural e ela aprovava. Inquirida sobre isso, ela afirmou gostar de que eles a chamassem assim. Como se sabe, "mana" é abreviação de irmã, que em Espanhol é chamada "irmana", forma muito usada

em gerações anteriores para comunicação informal. O que se pode ver é que, nessa família, a interdição do incesto não foi transmitida e a ancestralidade está negada. Não havia papéis determinados, pois ela estava organizada como um grupo de animais selvagens, e a mãe tinha se tornado irmã. Além disso, havia a intenção de denegar a figura masculina e uma fala de desqualificação contra os homens. Cabe acrescentar que as crianças não freqüentavam a escola, e o menor tinha uma dificuldade muito grande para falar, transmitindo a impressão de apatia (Enriquez, M., 1998).ou autismo.

### **3.2. O cinismo: um recurso da linguagem presente na perversão**

O cinismo será aqui definido como um recurso de defesa, apresentado por Eiguer (2001) ou como uma fala, uma atitude, estratégia e uma convicção:

*“O cinismo é produto direto da estrutura perversa e contribui ativamente para sua manutenção. Portanto, ele é ao mesmo tempo causa e efeito. Por não poder partir de uma confiança básica, a fala cínica denuncia uma ausência de valores, demonstra intenções astuciosas para com os outros e prediz catástrofes futuras.” (EIGUER, 2001, p.65).*

Eiguer (2001) ressalta que houve um deslizamento dos conceitos iniciais atribuídos aos cínicos que eram filósofos e ascetas e pregavam a simplicidade e a privação. Originalmente, na Grécia, constituíram um grupo de filósofos que se portavam de modo diferente e que pregavam que a luxúria e os excessos encontrados nas cortes estavam destruindo os homens e que era preciso haver uma volta às formas mais elementares de viver. Estabeleciam a dúvida como regra, e assim desenvolviam uma atitude de questionamento permanente. O

autor fala então que esse conceito sofreu uma alteração e deslizou para uma atribuição de significado negativo.

Na prática clínica, esta posição leva a pensar em uma possibilidade de equivalência entre estados mórbidos dos indivíduos e os desenvolvimentos de uma filosofia. As defesas obsessivas, poderiam conduzir a um ceticismo, tornando-se um traço essencial da morbidez.

Recusando conveniências e o consenso, a crítica aos maus costumes, e chegando às vezes, até o fanatismo. No processo terapêutico, as objeções metódicas às mudanças e as interpretações falariam mais da suspensão da fluidez do que de certezas e convicções. Seria então possível haver um único caminho de acesso à verdade? Há que se deixar falar do mundo material e ficar aberto à aprendizagem pela experiência.

De modo geral, alguns filósofos que se deixaram levar por uma onipotência de pensamento, colocaram-se contra a especulação das idéias, acabaram por se retratar e, em alguns momentos, se torna indispensável um retorno criterioso às raízes.

Os psicanalistas conseguem estabelecer um movimento constante nesse sentido, inspirados na contratransferência e, em razão de suas paixões ou deslizos pessoais e especulativos, devem se submeter às tomadas de consciência e assim, em algum momento, suas idéias podem ser comparadas com as diretrizes orientadoras do ceticismo científico.

O cínico alegra-se, no seu sadismo, quando consegue atacar, o que lhe parece belo, bom e nobre e reconhecidamente válido. Como nada consegue ser perfeito, o cínico, com alguma facilidade, vai conseguir demolir tudo em volta. Uma outra característica deste indivíduo é a impossibilidade de



estabelecer laços afetivos duradouros: a ternura, a empatia, a dor solidária não parecem fazer parte de seu mundo interior. Os cínicos estão permanentemente empenhados em driblar as proibições e as dependências; logo não suportam interdições e os limites nos contatos entre as gerações. Basicamente, podemos dizer que o cínico é niilista, esvaziado interiormente, dominado pela pulsão de morte e que transmite o tempo todo a impressão de suspensão da fluidez. Existe nele uma incapacidade de operar os afetos e as relações interpessoais. Vai então formar um mosaico que não inspira confiança.

O perverso está, pois, estruturado como um mosaico, onde a dissonância será o ponto a observar. Ele vai se utilizando de recursos captados no meio, onde atua e que não estão assimilados por ele e estará desenvolvendo estratégias de sedução e convencimento para exercer poder sobre os outros. Tais recursos são usados com perícia e poderão realmente enganar aos desavisados. A lembrança do pai pedófilo que, em audiência com um juiz na Vara de Família, ao se ver acusado e denunciado pela agressão ocorrida, chorou histericamente até comover o juiz e convencê-lo de que era inocente. O Juiz cedeu às suas manobras de sedução e histeria e não concordou com a suspensão do direito de visita assistida que tinha sido apresentada pela advogada da vítima, embora houvesse nos autos, laudos confirmando os danos físicos e psicológicos à criança. Atualmente, a criança que está em atendimento psicológico, a cada novo contato com o pai apresenta tanto horror e desorganização mental que "esqueceu" quase toda a escrita que já dominava perfeitamente e ficou com intenso bloqueio para operar com números. Precisou repetir o ano, chora, porque não quer mais ver o pai e

pergunta à mãe "se ele vai crescer logo, porque quando estiver bem forte vai matar o pai" (sic).

Assim, como se pode perceber, o cínico é capaz de ser reivindicador, lamentar-se por maus-tratos, colocar-se como vítima, como perseguido, utilizar defesas históricas, mentir o tempo todo, sem se confundir, isso fazendo parte de estratégias de sedução e indução para influenciar os outros. Contudo, diz Eiguer (1995) "a perversão clínica, de comportamento, ou sexual tem um distante parentesco com a fantasia perversa de um neurótico". Alguns autores definem esses indivíduos como pessoas que transformam em ato seus desejos inconscientes e são conhecidos como atuadores (BALIER, 2003). No entanto, Eiguer (1995) diz que discorda e afirma que o sintoma perverso dispõe de representações próprias que se ancoram em teorias sexuais infantis, muito ativas. O perverso utiliza as defesas primárias: clivagens, denegações, racionalizações e, então, o recalçamento não consegue funcionar plenamente, a clivagem será uma defesa usada continuamente.

Sobre isso, diz Eiguer (1997)

*"Os perversos sexuais são aqueles que atingem o prazer mediante modificações na maneira usual de obter isso; estas podem ser desvios de objetivo, como no caso do sadismo onde se utiliza de meios agressivos, e provocando dor no seu parceiro; do voyeur que se contenta em espiar a nudez do outro ou suas relações amorosas. E os desvios podem ser também devido a uma anomalia na escolha do objeto sexual sem objeto humano (fetichismo e zoofilia) ou com um objeto humano inadequado (pedofilia e incesto) ou ainda com os dois no caso do travestismo.*

*Diferentemente dos perversos sexuais, em que o desvio é limitado à esfera sexual, os perversos morais são perturbados em vários aspectos de sua vida psíquica, quer seja relacional ou afetiva, quer seja intelectual. Eles se caracterizam por sua malignidade, por sua falta de senso moral, por sua atitude nas relações sociais – às quais se acrescenta a manipulação, visando à subordinação de outros – sua tendência e sua*

*facilidade em mascarar suas intenções e em guardar segredo. Se eles parecem freqüentemente frios e calculistas, eles não estão menos submetidos às tormentas e se utilizam precisamente dos excessos para se liberarem. Além disso, suas atitudes lhes proporcionam uma intensa satisfação e, por vezes, um sentimento de triunfo que pode chegar à exaltação e ao júbilo” (p.08, 09, tradução nossa).*

Em seu artigo “Pedofilia e Violência”, Balier (1995) nos fala da clivagem e colagem, dos fantasmas e da existência de vivências traumáticas de extrema violência que, como, no caso mencionado anteriormente (do menino de cinco anos sodomizado pelo pai), o pedófilo tinha sido violado pelo irmão mais velho que provavelmente o convenceu de que esta é a forma certa de se amar uma criança. “Estes pacientes criam teorias sobre a questão da castração feminina, e conseguem fazer a simulação de um sistema de pensamento” (Eiguer, 2001).

Em conseqüência de tal distorção, o pai pedófilo declarou triunfalmente que “as mulheres não sabem amar as crianças, ele sim pode ensinar a elas como esse amor deve ser” (sic). O ego desse indivíduo está tomado pela crença de que ele vai resgatar e ensinar à criança o que é amor, e a criança fetiche servirá a uma percepção alucinatória que, de outro modo, correria o risco de desaparecer. Perversos como esse se utilizam de uma onipotência narcísica. Em relação ao abusador do caso narrado, isso se confirmou com quatro retornos à orientação, por três dias seguidos e com claro intuito de convencer o psicólogo de sua inocência. No entanto, os exames médicos, além da denúncia da vítima e outros dados, dos quais não queria tomar conhecimento, nem sequer convenceram o analista que tratou do caso..

A clivagem marca uma divisão de percepções contrastantes e atua no processo cognitivo. A percepção duplica-se em alucinação endopsíquica que irá se constituir numa teorização sobre a castração. Isso criará a recusa da

realidade e, em seguida, haverá a alucinação. O pedófilo mencionado se apresentava com um conjunto de acusações de incapacidade e inabilidade sexual atribuída à ex-mulher e afirmava que “embora ele tivesse feito todo possível, ela jamais conseguiu compreender as questões sexuais dele” (sic).

Em algum momento, no passado, o paciente elaborou uma teoria sexual infantil, que inverteu a corrente escotofílica, subjetivou o visto e ouvido e o levou para um olhar interior seu. Aquilo que sobrevive dessa teoria infantil se torna um pensamento teorizante. Como foi possível uma adaptação parcial, facilmente ele cria uma fila de “crentes” seguidores que o verão como profeta e ele irá induzir neles sensações e comportamentos, conforme Eiguer (2001). Enquanto a ex-esposa sofria e chorava por descobrir sua fragilidade e vitimização, ele a acusava de estar atrás do seu dinheiro e de não ter sabido amá-lo. Ele já apresentava impotência parcial logo no início do casamento, aos 22 anos de idade, e acusava a esposa de ser culpada. Levava então para casa filmes pornográficos com cenas de relação sexuais entre homossexuais para que os dois vissem juntos e para que ela aprendesse “como agir com ele” (sic). Há, então, o cinismo como uma defesa maníaca, a denegação, a clivagem, a dominação e a exaltação onipotente de seus dons e capacidades auto-eróticas.

Indo mais além, Eiguer (2001) ressalta que o cinismo vai ter um papel preponderante na perversão e irá preencher o vazio da estrutura psíquica enrijecida, da suspensão da fluidez que não permite que ocorram os deslocamentos, condensações e simbolizações. Em conseqüência, o paciente terá de criar teorias, procurar argumentos e prová-las com atuações. “O perverso parece desconhecer a ligação básica, que é a função fundadora, a comunicação ilusória” (Eiguer, 2001). Há, ainda, a possibilidade de que o

indivíduo seja perverso sem apresentar o sintoma sexual. Nesse caso, os sintomas apresentados serão: a perda de escrúpulos e a força do desejo de dominar e comandar, que não se deixam influenciar por nenhum exame crítico.

De Urtubey (1995), extraiu-se uma informação que parece muito importante:

*“...o trabalho da contratransferência oferece ao terapeuta a oportunidade de traduzir em si mesmo as emoções e as associações de idéias que nos ajudam a compreender o sofrimento da vítima, a desorganização dos afetos vividos e a parada de desenvolvimento afetivo do mosaico do paciente” (tradução nossa)*

Deduz-se que a suspensão da fluidez seria sinal da instalação da perversão no caminho do paciente. Como as vítimas eram crianças, há otimismo em relação às possibilidades de restauração da fluidez destas e, também acredita-se que, em todo ser humano, há um movimento em direção à saúde mental. Diz ainda Urtubey (1995) “um dos aspectos fundamentais de nosso trabalho de contratransferência consiste em nossa capacidade para unir, sendo que este desejo estará ligado a Eros, que é uma expressão da contratransferência positiva”. Como o inconsciente, só aflora de modo esporádico, em certos momentos, em circunstâncias críticas que se tornam criadoras, como, por exemplo, os lapsos, atos falhos, outras produções do inconsciente aparecem também nos sonhos. Mas pode-se ir além e dizer que ela abarca todo funcionamento mental do analista. Assim, Urtubey dirá que, *“a contribuição do analista para a construção, desenvolvimento e solução do mosaico analítico será tão implicadora quanto à do analisando”*. Ela não se produz só no psiquismo do analista, mas sim faz parte da situação analítica. Traços próprios do funcionamento psíquico do analista aparecerão de modo constante. Este trabalho torna-se mais presente quando surgem afetos e idéias

que se tornarão mais e mais destacados e então o analista deverá saber que precisa de sua auto-análise para poder encontrar soluções. Quando isso for feito, o analista promove a fluidez adequada e o soar do sinal terá sido compreendido. A utilização de novas metáforas é a riqueza e a garantia de que a fluidez far-se-á permanentemente, e a Psicanálise acompanhará os novos tempos para a montagem de novos mosaicos. Quando isso não ocorrer, haverá a passagem ao ato do analista e, então, teorizações cínicas e racionalizações perversas acontecerão. Sai perdendo também o psicanalista, que não terá acesso a seus fantasmas e fantasias negados ou inconscientes. As interpretações erradas ou precipitadas podem ser originadas dos desvios da suspensão da fluidez no analista.

Depois de mais de 10 anos, analisando tais casos, pode-se, hoje, avaliar que esse trabalho tem de ser necessariamente interdisciplinar e precisa se apoiar na força e no simbolismo da lei. Dependeu-se, dramaticamente, da cooperação de adultos significativos na vida da criança, mesmo quando ela é institucionalizada, é indispensável, pois só assim será possível construir uma rede de apoio e assistência que garanta o comparecimento da criança às sessões e, à geração de conexões de suporte para as necessárias mudanças no meio social circundante. O atendimento psicoterápico está ancorado numa idéia de que todos os membros da família nuclear da criança precisam ser ouvidos e de que pelo menos o pai ou a mãe e os responsáveis pela denúncia necessitam de orientação psicológica. E, ainda, de que é indispensável um apoio psicológico às equipes que trabalham nesses casos.

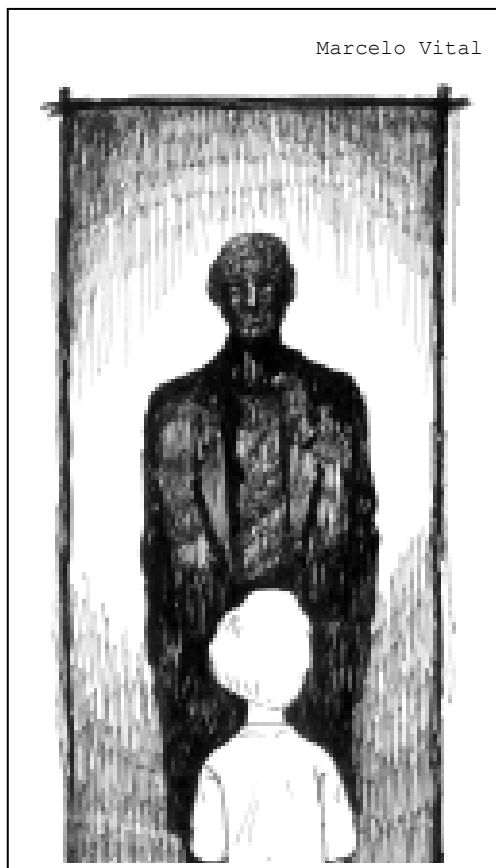
Observaram-se muitos sofrimentos, choro e forte sentimento de impotência e desânimo. A própria autora precisou voltar ao divã de análise para

poder dispor de toda a sua energia e capacidade intelectual e investir na formação de um grupo de capacitação e treinamento para o trabalho de assistência às vítimas.

Mais recentemente, grupos de psicanalistas, que se incluem na Psicanálise Contemporânea, têm publicado resultados promissores na linha dos estudos da “Transmissão Psíquica entre as gerações”. Em razão da necessidade de atender a membros da família da criança, encontrou-se a constância da repetição de abuso sexual em até três gerações de mulheres que tinham sido abusadas sexualmente na infância dentro de casa e que não conseguiram defender seus filhos da repetição, e que até facilitaram as repetições compulsivas da violência. Além disso, a naturalização do sofrimento, afasta a culpa e reduz os cuidados de proteção. Nos próximos capítulos, será tratado sobre a transgeracionalidade e o modo como essa teoria tem ajudado muito a compreensão do trabalho já realizado e que deve continuar junto às vítimas.

## IV - O TRAUMA E A TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES.

### 4.1. O Trauma



Depois de apresentados alguns paradigmas que fundamentam a compreensão e a teorização sobre a perversão, a pedofilia, a violência e o abuso sexual contra crianças, serão discutidos dois extremos de uma linha de pesquisa que começou com Freud (1895) em “Historiales Clínicos”, que estudou e relatou a existência do trauma sexual presente nas origens da histeria, e uma outra ponta que se desenvolve, hoje, refletindo sobre a transmissão do psiquismo entre as gerações, os

fenômenos transgeracionais, e as psicoterapias de casal e da família.

O trauma encontra-se na origem dos trabalhos de Freud, cujo conceito básico permaneceu idêntico. Também são mantidos outros conceitos, como aqueles que falam da teoria da libido, da sexualidade infantil, da existência das fantasias, da angústia de castração, da angústia de morte, de uma fantasia da cena primária para explicar a origem do conhecimento instintivo sobre o sexo genital, do complexo de Édipo e do complexo de castração. Há ainda as questões relativas às pulsões, vistas como fonte de energia e alimentadoras da



vida e da criação. Ao longo de sua obra, encontra-se em Freud, uma variação, que poderia ser pensada como mudanças na importância dada ao tema de acordo com os assuntos pesquisados. Freud ressaltou, em seus textos, que falavam da sedução sexual de adolescentes, assinalando que vítimas de pais ou parentes próximos que abusavam ou usavam as vítimas para obter vantagens pecuniárias e pessoais, ou oferecendo-as em troca de dinheiro, sofriam com isso e se desorganizavam emocionalmente. Algumas coisas mudaram desde sua época até hoje. Os movimentos feministas, a defesa dos direitos da infância e a confirmação da necessidade dos limites entre as gerações conseguiram tornar essas questões objeto de estudo e prevenção no Mundo Ocidental. A sedução do adulto em relação às crianças é condenada e passível de prisão e é estudada como algo que causa trauma, que faz mal física e psicologicamente, além de causar horror às pessoas em geral e muita indignação na sociedade. As pessoas preferem não ouvir falar disso, desejam pensar que são inverdades ou invenções de crianças "mal-educadas e mentirosas", e foi por isso, que se precisou questionar uma posição exclusivamente adultocêntrica no social. Em 1897, Freud apresentou a idéia de que existem fantasias que alimentam o aparelho psíquico e, assim, atribuiu a origem dos conflitos e das defesas à existência de fantasias edípicas para justificar todos esses sofrimentos. Desse modo, estas passaram a ser o foco de seus trabalhos e a causa das neuroses.

A psicanálise clássica trabalhou de modo unilateral, muitas das neuroses obsessivas e alterações de caráter, algumas vezes, intocáveis, tornando-se as verdadeiras bases da histeria que eram, com certeza, traumáticas. Provavelmente, essas situações foram conseqüências de uma hipervalorização

da fantasia, pensada como origem dos sofrimentos, e que podem ser consideradas, hoje como contratransferenciais dos próprios terapeutas, que obscurecem a capacidade de empatia para com a realidade traumática dos pacientes.

É preciso ressaltar que o trabalho de Urtubey (1995), uma grande pesquisa realizada pela Sociedade Francesa de Psicanálise sobre a contratransferência conduziu às necessárias reflexões, e a constatações de como essa sociedade guia o trabalho terapêutico, e de como ela tinha estado presente nos trabalhos de Freud desde o início, o que veremos no tópico seguinte. Encontra-se a confirmação do "sentir com" produzido pela contratransferência no terapeuta, em trabalhos diários. E também é ela que sustenta os terapeutas nos caminhos seguidos em casos difíceis. Simultaneamente, encontra-se em Ferenczi (1988), a ênfase na relação intersubjetiva que trouxe, mesmo a contragosto, as questões da empatia e a sensibilidade, fazendo o psicoterapeuta sofrer com êxitos parciais e com seus insucessos nos casos atendidos. Ferenczi (1988) enfatiza uma origem psicossomática para vários quadros físicos de extremo sofrimento e já apontava então, "uma relação entre doenças físicas surgidas logo após agressões, lesões de órgãos e perturbações funcionais e dos sofrimentos psíquicos expressos através de doenças físicas". A neurose traumática é apresentada como decorrência de um choque psíquico intenso, que, por sua vez, vai instalar o sintoma tornado possível como decorrência da regressão narcísica. Deve-se, ainda, pensar na diferença entre a existência de um trauma, pois há decorrência de fantasias infantis que não resultam em perturbações da libido com seus deslocamentos ou condensações, mas sim de

alterações funcionais de órgãos vitais. Essas podem ser decorrentes de choques físicos intensos ou mesmo choques psicológicos vividos de modo traumático. Cabe lembrar que a ocorrência de tais sofrimentos podem estar ligados também a acidentes, tragédias geológicas, guerras e ações terroristas. Podem ser, também, ligadas a uma exposição brutal diante de mortes violentas e da observação de relações sexuais entre adultos que ainda hoje ocorrem com frequência, pois, alguns dos adultos continuam julgando que crianças “não prestam atenção a essas coisas” e então são expostas a perdas graves na sua tranquilidade interna. Também perdas no *status* social e de parentes significativos com quem a criança tinha ligações afetivas importantes costumam causar alterações psicológicas significativas. Essas situações não são resultantes de conflitos, mas se referem a perturbações nos componentes identificatórios primitivos, da criança e ameaçam as imagos parentais internalizadas o que nem sempre pode ser controlável por defesas do processo primário sem que acarretem confusão e suspensão da fluidez.

As alterações da libido são pertinentes ao processo secundário. Bem a propósito, pode-se referir-se a um caso já acompanhado por mais de 20 anos de modo intermitente e no qual, desde o início, o relato de abuso sexual cometido por um irmão dez anos mais velho prejudicou muito suas relações afetivas e sua vida libidinosa. Apresentava no início um sintoma de busca compulsiva por prostitutas e/ou travestis. Seu primeiro atendimento deu-se aos 23 anos, quando cursava a Universidade. E ainda agora, vinte anos depois, ao falar ou pensar sobre um abuso continuado — dos quatro aos treze anos, quando então pode reagir fisicamente e livrar-se do assédio sexual do irmão — apresenta dor intensa e chora muito. Ele prosseguiu sua vida, casou-se e tem

dois filhos; boa profissão, mas as marcas no corpo, embora atenuadas e compreendidas, ainda estão presentes e o fazem sofrer muito. A importância que consegue atribuir aos eventos do corpo e, portanto, com concretude, hoje, ganha uma nova linha de pesquisa e se torna dia a dia, mais relevante (Anzieu, 1997).

O choque vivido pelas vítimas de violência constitui-se numa reação a hiperexcitação que atua sobre o Eu de modo autoplástico. Como não é possível modificar a excitação, o impacto sobre a pessoa produz uma clivagem e uma neoformação que não se tornaria possível sem a destruição parcial ou total do Ego e sem a conseqüente desorganização do Eu anterior.

Ferenczi (1932; 1933) assinala que a intensidade física e psíquica do evento faz muita diferença e que os estragos que acarretarão para a vítima serão diferentes, de acordo com a violência e a intensidade utilizadas. Isso foi percebido na prática diária, em que a maior ou menor extensão e duração dos sintomas é dependente direta do grau de sadismo utilizado pelo abusador e agrava ou não as conseqüências do trauma. Pode-se constatar que quando o Eu não consegue modificar a excitação externa que o agride, sucumbe, modificando a si mesmo, pois só assim poderá sobreviver. A essa modificação este chamará de "aniquilamento dos sentimentos do si mesmo" (Ferenczi, 1932). Poder-se-á chamar a isso de esfacelamento do Eu?

Então, a intensidade e a excitação tornam-se insuportáveis e vão determinar o grau e a profundidade da desorganização do Eu. Pode-se comprovar tais hipóteses na população submetida a processo terapêutico. O imprevisível, o surpreendente e o incompreensível tornam-se insuportáveis.

Logo, o trauma é algo da ordem do irrepresentável, da realidade factual, do abuso desmedido, da covardia.

Os processos de defesa que se seguirão: — a clivagem, a colagem, a autotomia (<sup>3</sup>), a identificação com o agressor, a repetição, a negação, o desmentido, a alucinação negativa — irão engendrar um novo Eu. O traumatismo cria lacunas, desagrega as identificações já adquiridas e impossibilita a representação do acontecimento ou o livre acesso às memórias do acontecimento. O acesso às memórias do acontecido e as representações não se fizeram ou estarão bloqueadas. Ferenczi (1932) refere-se a alguns casos de estupros entre adolescentes e crianças, aos quais durante meses foi impossível falar, no decurso do processo terapêutico, sobre o ocorrido, pois — há um "branco" (sic) e as vítimas dizem "não consigo lembrar de nada" (sic).

O trauma se apresenta como uma introjeção impossível e não se encontra sentido para ele, pois a violência impede o registro consciente e suspende a fluidez. A paralisia e a passividade impossibilitam qualquer reação de autoproteção, e a suspensão da fluidez torna os comportamentos repetitivos e ritualísticos. Encontramos estas paralisias nos casos de pedofilia, estupros e assassinatos "em série", quando as vítimas não conseguem apresentar nenhum tipo de resistência ou reações mecânicas de defesa psíquica.

Após o fato, os traços mnêmicos estarão inacessíveis diretamente ao consciente e, mesmo no inconsciente, eles serão resistentes a deslocamentos e condensações e assim não conseguirão aflorar facilmente na consciência. Se existiu uma "progressão traumática", um abuso planejado, passo a passo, pelo

---

<sup>3</sup> Autotomia – um processo em que um animal desprende um pedaço do corpo, deixando-o cair por meio de movimentos violentos específicos da parte atingida; que foi vítima de irritação intensa e que causou muito sofrimento, Ferenczi (1915). Psicanaliticamente, essa função de defesa e proteção ocorre na clivagem e vai atenuar a dor. Isso

abusador a criança reage ao abuso do adulto “amadurecendo prematuramente” parte de sua personalidade, seus sentimentos e pensamentos aparecerão como se fossem aqueles próprios do adulto sedutor. É a isso que Ferenczi (1932) chamou justamente de "identificação com o agressor". Atendeu-se o caso de uma menina de seis anos e meio que foi encontrada pela polícia vagando, abandonada, no centro da cidade. Ela foi recolhida pelo Juizado de Menores. Apresentava maneirismos e linguagem adequados a uma prostituta e, de fato, a equipe social do Juizado apurou que a mãe é prostituta e fazia a menina prostituir-se com pedófilos que procuravam o prostíbulo. A criança encontrava-se num surpreendente estado de degradação física: apresentava vários tipos de doença venérea e tinha a região genital severamente agredida e destruída. A equipe do Juizado apurou que a mãe conseguia mais dinheiro com a exploração da filha, do que com a própria prostituição. Após oito meses de abrigo e terapia três vezes por semana, a menor estava freqüentando a Escola e iniciando sua alfabetização. Ela não queria voltar para a mãe, mas, por solicitação desta, era obrigada a vê-la. Um Juiz ainda pensava em reintegrá-la à "família". Mas será que se pode chamar a isso de família? Nesta decisão, é-se confrontado como os próprios traumas, por perceber que também Juízes podem atuar de modo cínico e perverso.

Em "O sonho do bebê sábio", Ferenczi (1923), fala de conhecimentos precoces sobre sexo que foram recalçados e podem ser confirmados nos casos de abusos sexuais. Uma força mimética leva a criança a clivar-se, perdendo partes de si mesma e identificando-se com os que a ameaçam e

---

ocorre com grandes traumas e catástrofes, quando se deixa morrer algo para se preservar a maior parte. Ao morrer só uma parte, a outra sobreviverá.

agredem, fazendo surgir, assim, um psiquismo composto de Superego e Id e que afasta o Ego de sua função de síntese.

Os psicanalistas da contemporaneidade estão agora trabalhando com o intersubjetivo. Como o "aparelho de pensar o pensamento" (Bion, 1967) não nasce pronto, há que se investigar de que maneira ele se funda, quais são as forças que atuam durante seu crescimento e se elas serão sempre iguais e se desenvolverão da mesma maneira, passando das fantasias para os fantasmas e incluindo o aparelho familiar e grupal nessa compreensão. Já havia algumas bases na obra de Melanie Klein, e estudos posteriores permitem a complementação de suas pesquisas.

A Psicanálise Contemporânea introduziu novos conceitos para compreender teoricamente o trauma: a colagem após a clivagem e a revivescência traumática que vai se distinguir da compulsão à repetição, segundo Bailly (1999) e Bayle (2003). Há, ainda, a existência do fantasma (Torok, M., 1995), um conceito que se distingue da fantasia e que estará ligado à revivescência traumática. As repetições de comportamentos significativos na vida da pessoa passaram a ser compreendidas como sintomas. Em Bailly (1999), alguns autores vão tomar como objeto de descrição a repetição, sem ponderar o que poderia ter ocasionado tais comportamentos. É preciso considerar o que dizem alguns autores a respeito desse assunto:

*“As clivagens são pois, proteções de urgência contra estas últimas atividades que tendem a paralisar o crescimento da vida psíquica. Estas clivagens são o resultado da construção de denegações e de idealizações com fins protetivos. Pode-se dizer que elas resultam de uma operação de retomada de processos contra os quais eles lutam; denegação contra denegação, idealização contra idealização. Isto é todo o inverso dos processos de recalque que jogam o conflito contra*

*o conflito e produzem um jogo psíquico vigoroso, do fato da recusa originária, do recalque originário; do recalque secundário, do retorno do recalçado e da suspensão do recalque. Portanto, têm grande quantidade de energia psíquica para se manter no lugar e é por desvio daqueles recalques que chegam a organizar barricadas de escombros psíquicos contra uma invasão pelos escombros psíquicos, eles mesmos. Eles utilizam a vida para agenciar objetos mortos a fim de lutar contra a morte. Assim é que se constroem os fetiches (Bayle, 2003, p.01, tradução nossa).*

*O acontecimento se encontra desta forma, em grande parte, despojado de suas potencialidades patogênicas. “A mãe suficientemente boa” da neta do Freud não partiu (se separou) por muito tempo; não está em questão aqui uma perda (morte) definitiva. Certamente, a partida, a separação, a ausência antecipa: “a angústia se origina da hipótese que a criança fez, de que sua mãe, um dia, poderia desaparecer”. O jogo repetitivo tem então, uma função protetora de conter a denegação: “Eu a perdi, mas eu posso reencontra-la” (Bailly, 1999, p.02, tradução nossa).*

*O acontecimento torna-se traumático, porque o que se revela ao sujeito, não pode ser simbolizado por ele. Faltam os significantes substitutos dos ataques traumáticos. A cena em que toda sua sensorialidade escapa a qualquer possibilidade de recalque. O termo de perlaboração, em alemão “durcharbeiten”, se compõe literalmente de “durch” que significa “através de” e de “arbeiten” que quer dizer “trabalhar”. Ele atuaria então, através do “trabalhar” do psiquismo, aquilo que foi percebido (como se diz às vezes “le bois a travaillé” – se colocar em trabalho) e de conduzir estas percepções à memória ou ao esquecimento” (Bailly, 1999, p.02, tradução nossa).*

Alguns dos desenvolvimentos posteriores devem ser atribuídos aos trabalhos de Ferenczi, que já abordava a prática clínica desses temas, cujos estudos trouxeram contribuições importantes para compreensão do papel do terapeuta como ativador das lembranças e sobre os sentimentos de empatia e confiança a respeito do paciente. Ferenczi (1992, p.109, v.II) preconiza um papel mais ativo na relação terapêutica com a finalidade de tornar a terapia mais rápida, desenvolvido em instituições públicas, cujo recurso é necessário para o oferecimento de apoio psicológico a uma enorme demanda que procura esses ambulatórios.



Na correspondência entre Freud e Ferenczi (1994), encontra-se as trocas de impressões e gostos entre dois profissionais, movidos pelo desejo de saber mais sobre a vida mental do ser humano, procurando caminhos e construindo hipóteses sobre as origens de seus sofrimentos. Ferenczi fala sobre seu gosto pela prática clínica e afirma ser esta a via régia para se chegar às origens da vida mental dos humanos. Há um entrelaçamento muito grande entre as linhas teóricas de Freud e Ferenczi. Ao começar seus trabalhos, Ferenczi leu a "Interpretação dos Sonhos" de Freud (1898) e escreveu-lhe em seguida, pedindo para ser recebido em Viena. Os dois tornaram-se muito amigos e durante vários anos irão lutar juntos para divulgar sua "Causa". Assim, entre os dois, estabeleceu-se não uma disputa de qualidade, mas uma complementaridade.

Para Ferenczi, o trauma estará na origem de todos os casos de neuroses graves e também nos casos conhecidos como *Borderlines*, que podem nascer de forças externas e da realidade traumática dos pacientes que estiveram confrontados com a iminência de esfacelamento do Eu e a possibilidade de um mergulho na psicose. Quando Freud atribui as origens do sofrimento à existências de fantasias infantis, minimiza a influência da realidade externa. Em contrapartida, Ferenczi já ressalta as ocorrências de maus-tratos e violências físicas contra crianças, que, na verdade, são muito mais comuns do que os adultos gostam de admitir. Também ressaltará que os abusos sexuais, o cinismo, a hipocrisia e a violência, e ainda os desmentidos estarão na raiz dos sofrimentos infantis. A necessária e indispensável adaptação das pulsões infantis polimorfas e deslizantes aos parâmetros da sociedade não precisa ser feita com violência, mas sim com persistência e

amor. A origem de tais desencontros parece estar no fato de que crianças nascem mesmo quando mães ou pais não as desejavam. Quando há respeito pela criança e ela se sente verdadeiramente amada, suporta bem a frustração e até colabora ativamente na sua adaptação.

Torna-se aqui necessário acrescentar a tal conjunto de vicissitudes a ocorrência de perversões morais e do cinismo, estudados por A. Eiguer (1989, 1995, 1997, 2005) e já apresentados no capítulo II e III. Em consequência de tais atalhos, construir-se-á um mundo adulto assustador e muito pouco consistente, que não é capaz de oferecer confiança e segurança. Uchitel (2004) informa que em "Muito além do princípio do prazer", de Freud (1920), a noção de traumatismo retoma um significado dominante: será então resultado das forças econômicas provenientes do aparelho psíquico. Logo, o traumatismo será compreendido como consequência natural da angústia do bebê, que é oriunda de sua fragilidade e imaturidade ao nascer. Ele não conseguiria proteger o Eu dos transbordamentos e excessos da energia vital e ainda administrar mudanças e adaptação à vida fora do útero, o que tornaria a neurose inevitável. Ainda haverá angústia e medo da perda do objeto e de todas as aquisições incorporadas ao longo da posição esquizoparanóide (Klein, M., 1932).

Freud já havia mencionado que as fantasias infantis estavam na origem dos sofrimentos humanos, mas, à medida que a criança cresce, surgirão conflitos entre os desejos oriundos de suas pulsões e o Eu, que, então, precisará administrá-los e conseguir uma solução que não impeça totalmente seu prazer, mas que não implique o risco de perder o amor dos pais ou dos adultos significativos. Por isso, uma vida totalmente satisfatória seria uma

impossibilidade. Pequenos traumas oriundos desses conflitos serão inevitáveis, pois seriam resultantes da contínua necessidade de adequação das fantasias à realidade externa.

Ferenczi (*Correspondências Completas S. Freud x S. Ferenczi*, 1994 ), mais sofrido e idealista, discorda e diz que acontecimentos traumáticos na infância que não tenham conseguido produzir uma representação podem ser a causa dos sofrimentos na vida adulta. Por não estarem acessíveis no inconsciente por meio de representações, tais acontecimentos, que também poderão ser chamados de objetos estranhos ou fantasmas, permanecem com uma quantidade de energia excessiva. A surpresa com o abuso sexual, a decepção com o afeto investido no outro e as vivências de morte poderão facilitar a identificação com o agressor, e depois disso surgirá a culpa.

Assim, é indispensável que o passado seja recuperado, revisto e revivido emocionalmente no enquadramento terapêutico. Como na origem do trauma havia uma clivagem defensiva em relação ao horror da sedução e traição — e, como nos ensinou Bailly (1999), “não há clivagem sem colagem” —, a identificação com o agressor, já proposta por Ferenczi (1932), será confirmada nos desenvolvimentos teóricos da contemporaneidade.

Na prática clínica, ouvem-se os relatos de adultos pedófilos que falam da excitação e do prazer ao pensar em abusar de crianças e de transformar esses pensamentos em atos consumados.

Por que não se acredita nas palavras infantis? O modo de pensar viciado no adultocentrismo não concebe uma crítica que informa das dissonâncias e dos erros dos adultos. A clínica pediátrica confirma as ocorrências de abuso sexual por meio de exames físicos e, no entanto, ainda

hoje encontram-se profissionais de diversas áreas, inclusive, do judiciário, que se negam a aceitar o fato, mesmo diante de evidências técnicas. Seriam então impedimentos pessoais e egoísmo diante de fatos reais?

Naturalmente, encontram-se em crianças comportamentos auto-eróticos e exploratórios que evidenciam interesses e curiosidade em relação às diferenças sexuais e às relações afetivas entre os adultos, mas atividades explícitas de sexo genital, só em crianças que foram expostas às relações sexuais dos pais ou parentes ou então foram usadas como parceiras em atividades sexuais de adultos perversos. As fantasias lúdicas, quando elas desempenham papéis (o "faz de conta") não são atividades genitais — ou seja, casos de experiência de identificação com o pai ou a mãe — são experimentações de caráter identificatório. O sexo genital aparecerá na puberdade, quando seus hormônios sexuais serão ativados. Como Ferenczi (1932) ressaltou, essas brincadeiras serão da linguagem da ternura. Será, então, um olhar perverso do adulto tomado pela linguagem da paixão que irá fazer uma passagem ao ato e abusar sexualmente da criança.

Portanto, falar-se-á de duas qualidades de sentimentos bem diferentes, pois a linguagem da ternura não inclui a genitalidade, mesmo quando se refiram a atividades prazerosas.

Na origem da Psicanálise, houve alguns entendimentos errôneos que, posteriormente, facilitaram que pessoas perversas utilizassem a teoria de Freud de modo cínico e justificassem seus atos libidinosos, afirmando terem sido seduzidas por crianças.

Os conceitos de Freud dizem respeito a energias da sexualidade infantil, fonte de vida, desejo de crescer, aprender, e experimentar identificações para

chegar à vida adulta. As sensações e emoções vividas serão as bases para construção da identidade adulta. O simples fato de que a criança é capaz de mostrar prazer com atividades auto-eróticas não a torna apta para o sexo genital adulto. Suas emoções sofrerão processos de culturação e internalização de valores até que chegue à maturação biológica; um processo que irá passar por etapas de amadurecimento, e modificações físicas evidentes, acompanhadas por alterações hormonais e fisiológicas. Num texto de Ferenczi (1932), lê-se que:

*“...adultos dominados por álcool e drogas, com identificação patológica, perdem seu auto-domínio e confundem brincadeiras infantis referentes à linguagem da ternura (sexualidade sublimada) com suas intenções e desejos sexuais de adultos, linguagem da paixão.” (Ferenczi, 1932, p. 102, v.IV).*

Tomados por forças pulsionais e incapazes de pensar nas conseqüências, adolescentes e adultos jovens irão agredir sexualmente crianças, muito novas, incapazes de reagir ou se defender em razão de sua própria fragilidade. A criança vítima percebe as alterações emocionais do outro e se assusta. Precisamos ressaltar que as vítimas são, na maioria das vezes, muito pequenas, sendo a exposição muito precoce ao sadismo de crianças maiores, adolescentes ou adultos um trauma impossível de ser elaborado sem ajuda. No momento seguinte, surge na vítima repugnância, ódio e medo. A criança sofre intensamente toda sua fragilidade e impotência, submetida à autoridade esmagadora e covarde, do mais forte e a uma humilhação inominável. Viverá então, a iminência da morte. Perpetrada a covardia, as vítimas emudecem, não conseguem gritar nem pedir socorro; em alguns casos podem perder a consciência. Sob a força do medo, o aparelho psíquico cliva e a colagem da identificação com agressor se processa. A ocorrência estará sem

representação, no inconsciente da criança, conforme Bayle (2003). Em consequência disso, pequenas vítimas se tornarão submissas à vontade dos agressores. Cabe aqui ressaltar que há também mães e mulheres agressoras sexuais; o número é bem pequeno, porém existem. A identificação com o agressor incorpora valores que passarão a fazer parte de sua personalidade; assim, ao atender crianças vítimas de abuso sexual, constataram-se maneirismos, estratégias, e pulsões ativadas e inadequadas à sua faixa etária, que evocam características observadas por Ferenczi (1932).

Encontrou-se em Torok (1987) a noção de fantasma, diferenciando a fantasia de fantasma, a autora ajudou a entender os efeitos de uma internalização defensiva e violenta que não resulta de uma escolha livre da criança. Quando a criança procura entender o ocorrido, surgirá nela o sentimento de culpa como um último recurso para salvar os seus objetos bons internalizados. Quando ela tenta recuperar-se do trauma, será tomada por forte confusão mental, sentindo-se, ao mesmo tempo, inocente e culpada. A confiança em suas percepções do mundo e dos outros estará fortemente abalada. Mesmo assim, a criança buscará no seu entorno recursos para compreender o ocorrido. Nesse momento, poderá haver um agravamento do quadro, dependendo dos adultos significativos acolherem ou não, suas denúncias. Há uma melhoria nos seus sintomas quando é possível responsabilizar o pedófilo e puni-lo pela lei da sociedade. Contudo, ainda há que pensar que todo abusador faz ameaças e terrorismo com suas vítimas. Quando ele é alguém que se aproximou da vítima para conhecer seu ambiente e seduzi-la antes de "dar o bote", o agressor saberá quem são os adultos

queridos e irá fazer ameaças de morte contra os objetos internos considerados bons.pela criança.

Mas o abuso sexual ocorre em sua imensa maioria dentro da própria casa da vítima e, nesse caso, é geralmente cometido por pais, padrastos, tios, irmãos ou vizinhos, amigos dos pais. Diante disso, a sociedade adultocêntrica procura desqualificar a fala da criança, chamá-la de mentirosa e impedir a denúncia. O abusador geralmente nega a ocorrência, mesmo quando foi apanhado em flagrante, e então tenta se transformar em vítima, acusando a criança de estar mentindo ou fantasiando. O dado em comum com os outros transgressores morais será então a fala cínica, a mentira, e a ironia. Nos casos de abusos incestuosos, há a revitimização continuada por outros adultos da família. Mesmo quando a denúncia pôde ser ouvida, muitas vezes a revitimização acontecerá, porque a Justiça submete a criança a sucessivos inquéritos e depoimentos junto à Polícia, aos Promotores e Juizes. Enquanto não for possível se efetivarem medidas de proteção, a criança continuará sendo abusada dentro de casa pelo familiar abusador, pois nem sempre a polícia irá retirá-lo da casa imediatamente como seria indispensável. E é por isso que há tantos pedófilos casados e mantendo a aparência de chefes de família, pois isso o ajuda a confundir a autoridade e promove a incredulidade do imaginário social. Se não for possível que uma ajuda seja oferecida de imediato por parte de quem descobre a violência ou acolhe a denúncia, a criança sofrerá mais e ficará descrente de seus sentimentos e de seus direitos..

No dia-a-dia, encontraram-se pais, mães e até avós tomados pela culpa, muito angustiados, mas que desejavam que não se acreditasse nas denúncias. "Isso tudo não passa de um pesadelo, não é doutora?" (sic), perguntou um dos

adultos. Esse mesmo discurso foi encontrado em vários outros adultos que procuraram a clínica sempre que o abusador era pessoa da família ou coisa semelhante, como amigos antigos ou vizinhos. O que surpreende é que as pessoas já tinham ouvido histórias sobre esses pedófilos e não acreditaram. Trata-se, porém, de fatos, com graves conseqüências. As crianças vitimadas tenderão a agir mecanicamente, num vazio de emoção, e sua personalidade estará deformada com uma redução das capacidades egóicas e prevalência do Superego e do Id. A fixação do trauma acarreta também a suspensão da fluidez, com a presença constante da revivescência traumática (BAILLY, 1999) aparecendo para assombrar, e o fantasma acionando a angústia de morte.

São vários os problemas observados em vítimas de abuso sexual na infância: tiques nervosos; maneirismos; insônia; perda do conhecimento da escolarização; terrores noturnos; comportamentos regressivos; encoprese e incontinência urinária, sintomas que não existiam antes surgem sem uma relação de causa e efeito. Crianças abusadas passam a impressão de inadequação, como se fossem um adulto "em miniatura". O ódio ameaçador que transparece no abusador transforma uma criança que brincava desprotegida, em um autômato culpado, por ter confiado no outro. A relação sexual será então para sempre danada e sentida como algo condenado, terrível e nojento. Assim, as vítimas, homens ou mulheres, serão incapazes de viver uma relação sexual prazerosa. O trauma representa o aniquilamento do si mesmo, da capacidade de agir, pensar e resistir com o propósito de se defender de intenções invasivas dos outros. Muitas vezes, a revivescência traumática manifesta-se como marcas e sinais no corpo, associadas às



recordações do ocorrido, e ainda colada à energia e à angústia que foi vivida na ocasião do trauma. Sentimentos de impotência, conversões histéricas e angústia podem aparecer nos aniversários do trauma.

## 4.2. A Contratransferência por Louise Urtubey

Urtubey (1995) apresenta um conceito de contratransferência que tornou compreensível o horror, o desconforto e a negação da veracidade da denúncia, feita pela criança, sentidas pelas pessoas próximas das vítimas.

Essa ampliação do conceito proposto, primeiramente, por Freud, traz como conseqüência a compreensão da empatia nos profissionais (assistentes sociais, promotores, educadores, psicólogos, enfermeiros, médicos, policiais) que atendem a vítima e parecem sofrer quando em contato com a ocorrência do abuso sexual e violência contra crianças.

Alguns conceitos preliminares encontrados em Urtubey são importantes:

*A contratransferência não aparece senão de modo indireto na consciência, mas se manifesta como sinal a decifrar, que não é nem evidente e nem percebido sem dificuldades, surgindo então sob forma de afetos, sentimentos, associações, representações, fantasmas, imagens, lapsos, atos falhos, sonhos, metáforas, comparações incompreensíveis, todos filhos do inconsciente e expressão direta deste. Esses fenômenos se situam em um lugar oposto das representações conscientes e de afetos onde o objeto é um primeiro lugar consciente (Urtubey, 1995, p.02, tradução nossa).*

*O deciframento desta constituirá uma das etapas essenciais do trabalho da contratransferência. Ela não se torna consciente, traduzida em palavras, senão após ter sido submetida à auto-análise, com o objetivo de encontrar o conteúdo latente, dissimulado pelo que manifesta. Pode-se considerar também que os afetos contratransferenciais conscientes jogam o papel de um sinal, como o sinal de angústia, descrito por Freud (Urtubey, 1995, p.02, tradução nossa).*

*A contratransferência comporta níveis conscientes, pré-conscientes e inconscientes. A transferência, no seu nível dinâmico, é inconsciente. Não aparecem na consciência senão os fantasmas rejeitados ou os*

*afetos deslocados, salvo se o Eu submergiu às emoções em seguida a um fracasso das para-excitações. Aparece a transferência ou aparece o sonho. A contratransferência tem um conteúdo manifesto que reenvia a um conteúdo latente que irá à auto – análise.*

*Percebe-se um sentimento, se há uma reação, faz-se um fantasma que não é senão o manifesto, ainda que o aspecto mais importante da contratransferência venha da transferência e seja inconsciente. Quando se diz: na minha contratransferência, eu estava inquieta, angustiada, desencorajada, isto é uma referência ao nível manifesto, este vem da transferência ou do sonho, ele deve ser objeto de uma “tomada de consciência” (Urtubey, 1995, p.1273, tradução nossa).*

Por que ela chama de trabalho de contratransferência?

O trabalho é um conjunto coordenado de atividades humanas com objetivo de produzir ou contribuir com a produção de algo que é útil e julgado como tal (Urtubey, 1995).

*“O trabalho de contratransferência e não da contratransferência? Porque a contratransferência, ela mesma não é um trabalho, mas sim, um funcionamento do analista na situação de análise e o trabalho consiste em elaborar este embasamento. O trabalho de contratransferência conta com muitas etapas: está presente física e psiquicamente num momento fixo, durante o tempo previsto da sessão (e aquele, imprevisível do tempo de cura) escutar com uma atenção flutuante, se representar, fantasmizar, suportar os afetos, se identificar com os aspectos inconscientes do paciente e de seus objetos, se recordar, ligar, se auto-analisar, interpretar e fazer as construções” (Urtubey, 1995, p.1274, tradução nossa).*

As pessoas que lidam com casos precisam se proteger, porque o sentimento de empatia presente nos seres humanos as leva a uma solidariedade do "sentir com". Avaliar a contratransferência é um recurso que orienta o profissional na compreensão de como adultos responsáveis e atentos, envolvidos em trabalhos assistenciais, preferem acreditar em pedófilos cínicos, perversos, que juram inocência, mesmo diante de um conjunto de provas técnicas e materiais — inclusive exames médicos — que constataam a ocorrência dos abusos. Desmentidos e tentativas de retirada das denúncias são

também encontrados no cotidiano. Os autores dessas negações e tentativas em geral alegam a mudança de atitude porque não sabiam que a denúncia traria graves conseqüências. Infelizmente, para os profissionais que trabalham nas instituições custa-lhes acreditar na criança e obrigam-na a se expor diante do abusador. Aí então ela será obrigada a reviver o trauma sem a proteção psicológica do processo terapêutico. A violência contra crianças será sempre um ato de covardia, de uma afirmação perversa e autoritária contra o mais fraco.

Logo, algumas exigências legais reforçam o trauma inicial e matam, na criança, a esperança de ver restabelecida a verdade. A “equipe de capacitação e treinamento para atendimento às crianças vítimas de violência” acompanhou casos de crianças, muito jovens — desde meses a 12 anos. Costumam aparecer crianças que, entre 3 e 5 anos de idade, — já apresentam uma fala cínica e uma grande resistência a aceitar regras e limites, questionando a necessidade de existência da lei. Essas características são conseqüências da exposição ao perverso e dos fatos que as crianças viveram, quando o abuso que sofreram é negado como fato, e de presenciar a manipulação do discurso, com mentira e cinismo, feita pelos adultos.

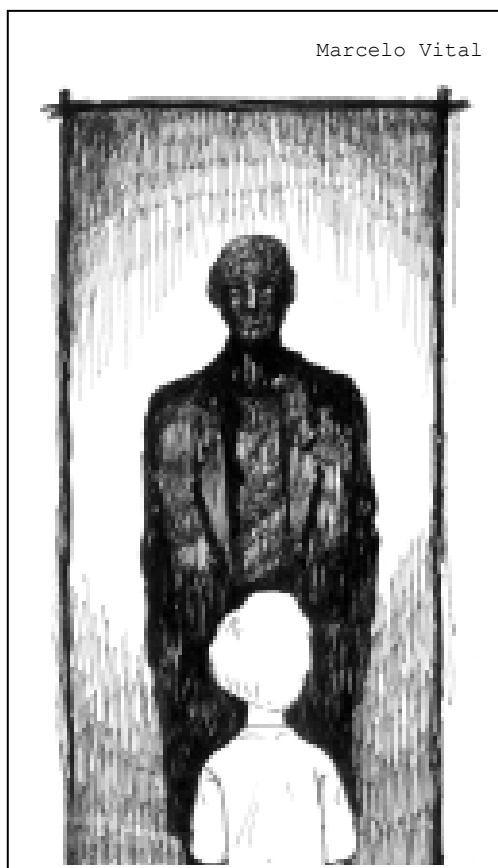
Alguns dos procedimentos legais precisam ser alterados, para que a apuração dos casos de abuso sexual e das outras violências não revitimizem as crianças. Na França e nos EUA, já existe uma precaução na apuração dos fatos no sentido de haver mais proteção para as pequenas vítimas.

Tais temas que tinham se tornado preocupantes para Ferenczi (Correspondência Completa entre S. Freud x S.Ferenczi,1994) quando ele se lembrou de suas próprias experiências infantis com uma babá perversa, que o obrigou a fazer sexo oral com ela. Estas vivências levaram-no a afirmar que,

em todos os casos nos quais foi possível o estabelecimento de transferências mais profundas com pacientes *borderlines*, encontrou memórias traumáticas de fatos infantis que se relacionavam com os sintomas histéricos apresentados.

## V - A VIOLÊNCIA VISTA POR AUTORES DA CONTEMPORANEIDADE

### 5.1. As pesquisas e as mudanças sociais



A compreensão das origens e das conseqüências de situações e eventos traumáticos na vida de crianças atendidas em serviços clínicos foram encontradas inicialmente no conjunto da obra de Maria Amélia Azevedo e Viviane de Azevedo Guerra, professoras da Universidade de São Paulo (USP) e fundadoras do Laboratório da Criança e do Adolescente (LACRI), onde vêm pesquisando e estudando os maus-tratos e a violência contra crianças. Em

seus livros encontram-se relatos de vítimas da irracionalidade e da violência de alguns seres humanos e análises das maiores conseqüências dos atos violentos. No primeiro livro (1988), as autoras procuraram situar o problema em torno da criação de Leis que regulam os Direitos da criança, promulgadas pela ONU, em 1952, e apresentada como resultado de um longo período de lutas pelos direitos das mulheres e de uma divisão no poder absoluto exercido pelos homens.

Durante muitos séculos, os homens dominaram as mulheres e usaram-nas como propriedades suas — e a sociedade considerava que tal poder e tal

uso eram legítimos e necessários, para que as mulheres fossem protegidas da maldade e da violência de outros homens. Assim, as mulheres eram consideradas "mercadorias", podiam até ser vendidas ou trocadas por mercadorias inclusive por animais. Coisa que ainda acontece hoje, em algumas regiões da África, da Ásia e do Oriente Médio e, talvez, de modo menos flagrante e sem apoio das Leis, nas Américas, onde as mulheres eram tidas como seres desprovidos de força e qualidades relevantes, e os homens precisavam mantê-las caladas e dominadas para a tranquilidade dos outros machos.

Porém, no mundo Ocidental, no final do século XIX surgiram os primeiros movimentos feministas, que lutaram pelo direito das mulheres, para que fossem proprietárias, recebessem suas heranças, estudassem em bons colégios, trabalhassem fora do lar e pudessem votar. Como consequência de tais lutas, reformas nas Constituições de diversos países asseguraram o pleno exercício da cidadania às mulheres. Deixando de ser cidadãs de segunda classe, elas saíram em defesa dos filhos, podendo então passar a fazer, quando necessário, oposição aos homens, nos assuntos de família. A partir desses movimentos, surgiu a defesa dos direitos da criança. A infância é então pensada como uma perspectiva de futuro e no "vir a ser um cidadão". Sendo a criança o futuro das nações, o Estado passou a ocupar o lugar de provedor da sua saúde e educação, e garantir a aplicação das Leis de defesa e assegurar-lhes as mínimas condições de crescimento saudável. Além disso, regulamentar e criar novas profissões, a criação de profissões específicas que tais trabalhos demandavam, como: Enfermagem, Assistência Social, Psicologia, a fim de garantir a aplicação da Lei. A publicação dos resultados da pesquisa feita pelas

autoras sobre violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes traz informações relevantes sobre o assunto, inclusive relatos de vítimas. Há ainda a ressaltar a criação de redes de Escolas Públicas, Postos de Saúde e Instituições de Assistência Social para atendimento aos jovens.

A Declaração dos Direitos da Criança estabeleceu prioridade para a criação de uma Justiça Especial para a Infância e Juventude e garantir a aplicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A partir de então, podem-se desenvolver pesquisas em Vitimologia e Vitimização que irão confirmar as origens traumáticas de comportamentos violentos numa idade precoce e também como consequência de abandono, negligência, abuso sexual, físico e maus-tratos. Na pesquisa bibliográfica, há informações de que "procedimentos violentos são estratégias de dominação" Balier (1988), e que a violência contra crianças e mulheres é um fenômeno universal. Não há variações nas técnicas do abuso ou dos maus tratos, elas se dão do mesmo modo em todos os lugares do mundo. Estará sempre presente a presunção de que o ser feminino é um ser de segunda classe, de que os filhos são propriedades do pai e que os homens têm plenos direitos sobre as crianças e as mulheres que compõem seu núcleo familiar.

As leis e a ordem social são indispensáveis, mas não são suficientes para o impedimento das transgressões cometidas sob o manto do silêncio e das ameaças. Infelizmente, há em todas as Sociedades, a proteção de pedófilos que impõem tortura e a lei do silêncio contra suas vítimas e a cumplicidade com seus atos. Em seus livros, Maria Amélia Azevedo Guerra e Viviane Guerra (1995,1997,1998) mostram como as culturas e as religiões de

cada país puderam colaborar ativamente, para que abusos e violências se perpetuassem ao longo da história desde há muitos séculos.

A idéia de que essa violência mostra-se real em todos os países e culturas; de que suas práticas têm características muito semelhantes foi reforçada ao lermos Xinram (2003). Ela é uma jornalista chinesa que estava trabalhando em uma Rádio de Pequim, com um programa para ouvir falas de mulheres de vários Cantões de seu país. Em seu livro "As boas mulheres da China" (2003) encontram-se repetidos relatos de maus-tratos, sofrimentos, desqualificações, estupros e abusos sexuais contra crianças e adolescentes, sempre encobertos e negados por seus autores. A jornalista começa falando que como era esperado que as mulheres não estivessem dispostas a falar livremente com ela, os Diretores da Rádio Estatal aprovaram a criação do Programa. No entanto o resultado foi diferente do previsto. Percebeu-se, então, que há uma fortíssima pressão social para impedir que a mulher falasse, reivindicasse, e quisesse ocupar também um lugar de projeção na Sociedade, mantendo-a num lugar à sombra do homem.

A China, recém saída de um longo período medieval, monarquista, sofreu uma invasão muito cruel pelos Japoneses o que causou uma revolução comunista, para que se reorganizassem as bases de reação e pusessem os Japoneses para fora. Isso impediu que houvesse liberdade de pensamento até para os homens. Ela está hoje, mergulhada num processo de mudanças sociais cautelosas, tendo posto em movimento uma seqüência de mudanças e trabalhando para implantar aos poucos os direitos femininos. Mas somente a longo prazo, estas mudanças farão alterações significativas. Os relatos do livro são de 1975, logo, numa época de transição. Já existem leis de proteção para



as mulheres e para a infância. Existe um Ministério da Mulher e da Infância, mas esses direitos só são respeitados nas grandes cidades e na classe média. Vamos voltar à Xinram com “A menina que tinha uma mosca como animal de estimação” no nosso capítulo VI. Conseguida a autorização do Alto Comando da Rádio, foi criada uma programação com inclusão da leitura de cartas e entrevistas ao vivo, com mulheres de toda China. E foram tantas as cartas, chegavam mais de cem por dia, que ela precisou da ajuda de várias estagiárias. Um dia, um pacote diferente apareceu na Estação de Rádio. Aberto o pacote, uma velha caixa de sapatos, com um belo desenho de uma mosca, com aparência humana estava na tampa. As cores estavam desbotadas e, ao lado da boca da mosca, uma frase: “Sem a primavera, as flores não podem desabrochar; sem a dona isto não pode ser aberto”. Em todos os relatos femininos, encontramos muito sofrimento e vários casos de abuso sexual e violência contra as mulheres. Seguindo Xinran, o fenômeno de intolerância com a diferença sexual precisa ser mais trabalhado pelos machos para que seja possível uma convivência harmoniosa com o feminino. O que sabemos da teoria psicanalítica e que foi bem confirmado na nossa prática, a infância masculina tem como marca a surpresa com ausência de pênis no feminino, e isso traz como consequência o medo de perder o seu próprio. Também se sabe que, quando se fala sobre essa ausência aos meninos, eles são capazes de compreender a complexidade da sexualidade humana, e elaborar perfeitamente essa ansiedade. Percebe-se que o mundo adultocêntrico se esmera em negar essas ansiedades infantis. Os adultos, por terem superado suas próprias ansiedades de quando eram crianças, desqualificam e desrespeitam as das crianças. O livro contém a seguir uma

preciosidade: a transcrição da carta e de um diário de uma adolescente que foi continuamente abusada sexualmente pelo pai com a cumplicidade da mãe e que, não tendo conseguido livrar-se do assédio nem mesmo dentro do hospital, onde tinha sido internada por problemas graves de saúde, preferiu morrer. Mas antes juntou pequenos papéis que eram jogados fora pela administração hospitalar e neles escreveu sua história e seus sofrimentos. Deixou então esse diário para Hongxue, uma companheira de internação que tratou dela com muito carinho e dedicação, enquanto estiveram internadas no mesmo Hospital. O fenômeno da intolerância com a diferença sexual, precisa ser falado para que os meninos consigam operar melhor com angústias de castração. Então se os homens forem capazes de compreender a complexidade da sexualidade humana e elaborar perfeitamente essa ansiedade. Sabe-se que um mundo adultocêntrico claramente machista se esmera em negar que essas ansiedades infantis persistam nos adultos, por medo de suas próprias ansiedades e desqualificam e denegam as dos outros.

## **5.2. As contribuições dos estudos da intersubjetividade.**

Nos trabalhos de C. Balier, um psicanalista francês, membro da Société Psychanalytique de Paris, encontram-se questionamentos sobre a origem e as conseqüências dos comportamentos violentos de adultos contra as crianças (BALIER, C., 1988). Ele desenvolveu estudos em uma penitenciária de Paris, o que representa um avanço em relação à psicanálise clássica. Sem abandonar o conjunto da obra de Freud, introduziu novas perspectivas para compreensão

das origens dos comportamentos violentos. Novos focos foram acrescentados ao olhar psicanalítico a partir do trabalho desenvolvido dentro da penitenciária para delitos sexuais. Trata-se de uma casa para cumprimento de sentenças, com capacidade para 220 prisioneiros e que pode eventualmente, chegar a ter 350 ou 400 internos. Diz o autor que:

*“...apesar desta superpopulação, as condições de vida parecem ser corretas. Ela é uma prisão moderna, construída em 1972. Existem atividades de trabalho, esporte e lazer; é permitido ao preso sair de sua cela algumas vezes por dia. O pessoal da segurança e encarceramento é de um modo geral de boa qualidade; as relações com os detentos preservam características humanitárias, às vezes de boa gente, viabilizadas pelo tamanho médio da casa de entrada. A população carcerária é preponderantemente masculina, tendo somente 4,2% de mulheres, e é uma população jovem: são 25% [dos detentos] entre 20-25 anos, e 24% menos de 20 anos. A porcentagem sofre queda brusca após os 30 anos e vai diminuindo regularmente com o avanço da idade.” (BALIER, C., 1988, p. 11-20, tradução nossa)*

A instituição foi criada por Madame Veil, como um serviço sob a autoridade do Ministério da Saúde e não da Administração Penitenciária, que funcionou com pessoal oriundo do Hospital Psiquiátrico da Circunscrição mais próxima. Assim, a autonomia dos médicos foi preservada diante da autoridade da Justiça; os quais podiam decidir a entrada e a saída na Instituição e qual o tempo necessário para desenvolver uma psicoterapia satisfatória. O C.M.P.R. (tal como Balier cita, 1980) pôde ficar com o detento por todo o tempo julgado necessário, mesmo que o prisioneiro tivesse sido condenado a longas penas.

O C.M.P.R. não é um serviço psiquiátrico típico, e os doentes graves são encaminhados para um serviço específico. Os detentos atendidos apresentavam perturbações psicológicas importantes, necessitando de cuidados especiais no meio carcerário e também para depois da soltura, mas eram reconhecidamente responsáveis por seus atos. A equipe trabalhou

durante horário determinado, assim seus integrantes eram facilmente distinguíveis de outras pessoas, que eram funcionários do presídio ou psiquiatras. Os detentos tinham bem claro que seu destino judiciário era independente de seu percurso terapêutico. Não se pode negar um papel de peso ao chefe desse serviço; ele pôde tomar decisões a respeito das entradas e das saídas do CMPR e avaliava as decisões para a concessão de "liberdade condicional".

Alguns dos autores estudados por Balier, como Winnicott, Ballint, Searles, Bayle, Penot e R.Cahn já se manifestaram sobre o trabalho com infratores ou delinqüentes e também com os psicóticos. Balier ressalta que a diferença que separa seus pacientes daqueles que apresentam doenças psicóticas é igual à que existe entre a negação e a forclusão. Ele diz que o pai existe, ao menos sob forma de uma indicação e será precisamente o estudo da pedofilia que irá permitir esclarecer este ponto. Os estudos com pacientes (presos do CMPR) serão uma reviravolta nos fantasmas do imaginário social. A aparência física deles fala de pessoas frágeis, cuja impressão nos afasta muito do esteriótipo criado pelo social. Nota-se também que, segundo Fain, M (Balier, 1988), os que se prostituem apresentam mecanismos especiais "les rouleurs mécaniques" (inconstantes), porque seus comportamentos são do tipo operatório e se pode encontrar contra-investida uma histeria, portanto não se encaixam nos quadros clínicos pré-concebidos. Eles são manequins narcísicos com a mãe, e se apresentam cúmplices no desejo de um pênis para ela, os quais podem estar dispostos a tudo, quando sua virilidade é posta em dúvida e isto vai indicar a pertinência da existência do homossexual passivo. Balier informa ainda que a perversão não se constrói a

partir de uma negação da castração, mas, a partir da negação da perda do objeto primário, (não é essa a posição de Eiguer, A.). O comportamento aí estudado traduzirá principalmente uma identificação/fusão com o objeto materno para negar a perda, mas haverá uma carga de ódio intenso proveniente da angústia de perda. Ressalta, então o autor, que o que emerge é um desejo/medo de matar a mãe, uma mãe original pré edipiana e que se refere a uma relação simbiótica primária. Há que se considerar aí a importância do superego e do ideal do ego surge como motivação para o ato de delinquir, e das projeções do ódio primitivo e da interiorização do superego gerando angústia como resposta às projeções sádicas e de partes do Eu das quais a criança deseja se livrar.

O processo de subjetivação necessita de espaço, de desejo para se desabrochar, portanto, da existência de um terceiro entre a criança e a mãe, presos em uma cadeia de denegação entre mãe e filho. Ocorre, portanto, uma sexualização do processo defensivo e, então, a perversão.

Os detentos estudados respondiam por delitos graves — transgressões sexuais, pedofilia, abuso sexual, estupros seguidos de assassinatos, mortes por motivação sexual, homicídio "em série", entre outros. O trabalho durou dez anos. Desenrolou-se como um acolhimento sistemático a presos que ingressavam no presídio e que aceitavam participar dos processos terapêuticos. Foram oferecidas sessões de psicoterapia de grupo, psicodramas e entrevistas com familiares dos presos. Desse modo, foi possível aceder às circunstâncias de vida de cada um dos participantes.

Dados significativos encontrados foram: falência da figura paterna (o mais freqüente); ausência da figura materna; violência intrafamiliar intensa;

ausência de limites e respeito entre as gerações; denegações das diferenças entre os sexos, abuso sexual incestuoso ou intrafamiliar e marcado desrespeito às diferenças individuais. As relações afetivas fundadoras da vida mental das crianças apresentavam-se insuficientes, descontinuadas e marcadas pela ausência de uma mãe suficientemente boa, tal como preconizou Winnicott (1989). Sabe-se que, este fator se apresenta como indispensável para formação de bases seguras sobre as quais será possível construir relações de objetos saudáveis. Uma mãe suficientemente boa ama seus filhos, educa, acolhe, mas também sabe colocar limites e estabelecer regras. Se as relações de confiança e segurança–estabilidade estiverem destruídas ou não puderem ser reconstruídas com um substituto adequado, as crianças não conseguirão valorizar e confiar nos outros, depois de adultos.

Balier (1988) ressalta que foi possível aprofundar mais o trabalho terapêutico justamente com aqueles que pareciam ser os mais violentos e terríveis, e que sempre houve mais dificuldade com os pacientes tidos como *borderlines* (casos muito próximos da psicose). O autor também destaca que foi necessário recriar os métodos de trabalho, construir teorias e novas compreensões sobre os estados psíquicos e sobre a natureza mesma da agressividade e de como lidar com ela nesse projeto terapêutico. Houve necessidade de provocar o aparecimento de patologias comportamentais agressivas, com a presença de repetições, agressões violentas e comportamentos primitivos subentendidos em produções psíquicas fantasmadas.

Pode-se perceber que a agressividade nem sempre está plenamente assumida pelo Eu e que isso faz significativa diferença quando se comparam

esses pacientes com os delinqüentes contumazes, que não se aproximam do estado patológico. Esses sintomas não são encontrados naqueles que se apresentam com comportamentos identificados com determinados tipos de grupos sociais transgressores. Não foi possível encontrar equivalência com a descrição clássica de psicopatia, mas foi necessário desenvolver uma nova concepção mais ampla do conceito, com uma riqueza de possibilidades mentais que tinham sido negadas na nosografia clássica.

Outro grupo de pacientes apresentou-se mais próximo da concepção clássica da psicose, com riqueza de produções mentais, negação da realidade externa e intensidade de fenômenos projetivos. Nesses casos, a realização dos atos agressivos aparece como transbordamentos pulsionais ocasionais e não como um comportamento defensivo habitual.

Nos casos de toxicomania que foram estudados, o material que apareceu foi mais um comportamento patológico agressivo, podendo-se acrescentar que havia uma sexualização da passividade em decorrência do uso da droga que causa dificuldade ao trabalho terapêutico. Encontra-se no autor atribuição de valor à agressividade mais violenta e aberta com a passagem ao ato destrutivo. Ao ser liberada, tornava-se uma intricação não realizada com a mãe e não a consequência de uma desintricação tardia. Isso trouxe uma relativa desorganização psíquica, que impelia para novas aquisições e se diferenciava de uma aderência libidinosa. Podia-se perceber que a liberação da agressividade para o exterior, terrível e destrutiva, podia ser entendida como expressão de "boa saúde do Eu", e ainda como uma forma de proteção de impulsos destrutivos comandados pelo Supereu, presente na dissociação. Eram comuns casos psicossomáticos, quando a agressividade

não podia se exteriorizar. Quadros masoquistas foram recursos diante da ameaça de desintegração do Eu. O autor nos diz que a liberação de agressividade para o exterior permitiu que os detentos criassem nova relação de objeto e que construíssem relações terapêuticas que se tornaram bem sucedidas quando suas capacidades de histerização estivessem bem atuantes (BALIER, 1988, p. 269, 270, 271). Essas observações podem ensinar que um excesso de condensação das pulsões deixa abertas possibilidades de deslocamentos e identificações secundárias. A supressão das clivagens é elemento fundamental para o sucesso dos processos de reparação.

A existência de um “protesto masculino”, comum nesses clientes, constitui uma patologia agressiva que se mostrou essencial para uma evolução terapêutica satisfatória em alguns casos. A “angústia de passividade” ajuda no tratamento das tendências homossexuais em uma perspectiva conflituosa, e melhora a perspectiva de recuperação. Dadas essas informações, o autor diz concordar com Winnicott, para quem o comportamento agressivo exteriorizado tem valor e assim é possível compreender os comportamentos anti-sociais. Foi também assinalado que lento e difícil foi o caminho para juntar uma quantidade de Eros ligada à agressividade para depois transformar isso em atividade de criação, sem a qual os terapeutas não poderiam estar seguros de ter realmente religado as pulsões.

Se os processos de agressividade e criação parecem estar ligados e oferecem a impressão de pobreza, a agressividade e a clivagem, pelo contrário, não podem ser pensadas como um fenômeno único. O processo terapêutico terá que procurar tal religação, mas nem sempre isso será possível. Já que a clivagem do Eu faz aparecer dois modos diferentes e contraditórios —



um neurótico, com identificações históricas, e outro arcaico, a “identificação projetiva” — é justamente nesse nível que encontramos a denegação e a ameaça de perda do objeto materno arcaico que foi contra-vestido por um movimento identificatório, que foi estudado por Ferenczi (1932), como “identificação com agressor”.

Aparece a um só tempo a agressividade da frustração vivida pela ameaça de perda, que não está ligada à libido, mas também às dificuldades das primeiras relações com os objetos internos que foram projetadas sobre a imagem materna. Isso cria fantasias de agressão e uma angústia intensa, ligada ao jogo pulsional. Surgiu, então, uma hipercondensação que atuava sobre os deslocamentos falhos. Esses são os mecanismos encontrados também nas fobias do tipo primário, que aparecem nos sonhos de angústia e nos pesadelos. Os mecanismos levam à morte, como um recurso para se evitar a perda do objeto, depois o paciente criará uma identificação narcísica com uma forma *neomelancólica*. A identificação projetiva suspende o movimento de duplo retorno essencialmente histórico. As qualidades do objeto resultantes de um desejo comum, partilhado entre a mãe e a criança, pelo objeto paterno, tornam-se externas e não são integradas numa cadeia representativa. Em consequência disso, a identificação com o pai não é realizável (BALIER, 1988).

O trabalho terapêutico ofereceu aos detentos uma oportunidade de confirmar a inevitabilidade da noção de dualidade dos instintos e de compreender o que se passava e se passou com eles próprios. Ficaram certos da necessidade de os dois pais poderem oferecer um enquadre para fazer surgir a vida fantasmática da criança e o desenvolvimento das primeiras relações de objeto.

Como foi visto em Bustamante, M. L. (2003), Winnicott (1978) também atribui uma grande importância à existência do trauma na história dos seus clientes. Tendo sido um psicanalista muito dedicado à prática clínica, enfatizou o desamparo inicial, o sentimento de onipotência, que corresponde ao período inicial de vida da criança, a que Klein, M. (1932,1946) chamou de posições e onde as relações de objeto fundam mecanismos iniciais que irão constituir referência para todos os desenvolvimentos posteriores. Mas Winnicott apresenta alguns pontos diferenciados, que são o destaque que ele dá à relação com a “mãe suficientemente boa” e a construção dos sentimentos de ilusão e a desilusão progressiva; a necessidade de que o trabalho ocorra com um “*setting*” flexível, que este se possa adaptar às crianças e suas necessidades; uma qualidade especial de relacionamento que as atenda em suas vicissitudes. Ressalta que as crianças têm necessidades especiais e que é preciso um esforço para compreendê-las, sem que, com isso, se abra mão do amparo indispensável às angústias naturais dessa fase. É, pois, necessário que a revivescência do trauma seja trabalhada e o fato jamais negado. Ainda destaca que é indispensável que a criança entenda como se dá o *insight* analítico. Em caso contrário, ela procurará explicações no pensamento mágico. Frequentemente, ouvem-se de pequenos clientes indagações do tipo: "como é que você sabe isso? Você adivinha meus pensamentos? Então como é que você pode saber tão direitinho isso tudo?" (sic). Também há um fator relevante a relação fundadora com uma mãe suficientemente boa, que várias vezes estava negada, e que é hoje reconhecidamente um dado significativo na prática clínica com as crianças. Há, ainda o conceito de *self* e de falso *self* que se refere ao fato de que, se o ambiente não é suficientemente bom, uma grande

barreira emocional pode se instalar, e quando chega o momento de passar da posição de extrema dependência ("posição depressiva", KLEIN, M.) para a independência cada vez maior, a criança não conseguirá soltar-se da relação simbiótica com a mãe. Se esta não estiver preparada para uma gradativa dessimbiotização da criança, poderá colocar barreiras e impedir que a criança prossiga em sua busca de desenvolvimento, crescimento mental e autonomia. Aí então acontece um desenvolvimento parcial e limitado, acompanhado de muita angústia e comportamentos regredidos que Winnicott (1978) chamou de "falso *self*", o qual dificulta a integração do mosaico, a personalização da criança e a avaliação de categorias como o tempo, espaço e os riscos. Então, a construção das relações de objeto ficarão prejudicadas.

Ainda, quando falta o "*holding*" (Winnicott, 1976) ou um "objeto externo estruturante" para servir de referência ao princípio de constância, pode-se dizer que essas necessidades não foram satisfeitas e que haverá um falso *self*, em consequência disso. Essas categorias são universais e de todo modo correspondem ao desenvolvimento inicial de todos os animais mamíferos, pois, na maioria das espécies, há necessidade de cuidados maternos transmissores dos hábitos, regras e valores da sociedade em que o filhote ou bebê nasceu. A construção dos objetos transicionais e a das vivências de ilusão–desilusão foram consideradas a base da instalação do princípio de realidade e de futuros processos simbólicos. As angústias decorrentes do crescimento, a ampliação do conhecimento e a observação do mundo circundante estão a serviço de sucessivos progressos do aparelho psíquico em direção à maturidade psíquica e emocional. Essas são questões que não apontam desejos insatisfeitos, mas sim necessidades primárias, especiais e afetivas, que não falam de

recalcamento ou de representação, mas do que foi difícil representar ou simbolizar em consequência de falhas na relação inicial com a mãe. Por isso, o *self* não se organizou e não houve progresso na identificação materna primária. Para a criança, o *self* é o seio, e é este que será base do *self*.

### **5.3 – As aplicações da intersubjetividade**

A volta aos conhecimentos que a clínica interroga trouxe a transmissão psíquica entre as gerações e os fenômenos transgeracionais. Suas bases foram mais uma vez encontradas em Ferenczi e toda uma linha de pesquisa que tem raízes no trabalho de Karl Abraham e Maria Torok, mas que se desenvolveu a partir de René Kaës, Alberto Eiguer, Olga Correa, Albert Ciccone, que constituem um grupo dedicado ao estudo da terapia familiar psicanalítica e vêm procurando construir um corpo teórico para dar sustentação ao trabalho terapêutico com casais e famílias.

Kaës (1995) referiu-se ao fato de que se pode encontrar na obra de Freud algumas referências à questão das transmissões. Quando se procuram palavras que se refiram ao “transmitir”, pelo menos, são encontradas “transmitir”, “transmissão”, “transmissibilidade” e “transferência”. Kaës observa que tais palavras têm uma mesma raiz, o que indica uma origem comum para o sentido de compreensão do significado atribuído ao termo. Aponta, ainda, que esses termos podem ser também compreendidos com um significado de comunicação por contágio ou como “aquisição de algo como resultante de”. O objeto de estudo desses autores será uma busca das diversas modalidades de vida psíquica implicadas na dinâmica de funcionamento dos casais e das famílias. Há, portanto, a estruturação do aparelho psíquico dos casais e das

famílias, e ainda processos e formação de um inconsciente familiar, ou do casal e também diversas formas de representação e interpretação dos fenômenos grupais. As diversas formas de tratamento psicológico, que a sociedade pode oferecer, parecem não dar conta de alterações comuns nas organizações patológicas e nem os conhecimentos estabelecidos sobre a vida psíquica puderam revestir-se de certezas que não pudessem ser, em um momento seguinte, questionadas e abandonadas pelos estudiosos do ser humano. Conforme nos ensina Bauman (2000), a sociedade deve ser pensada como uma organização em contínua transformação. Logo, haverá sempre um movimento de mudança e renovação a cada nova geração, sem que seja necessário abandonar todo o conhecimento adquirido anteriormente.

Essas novas pesquisas elegeram o espaço do intersubjetivo como foco principal. Então, o tempo de uma geração será capturado no espaço da família ou do grupo, no qual o indivíduo estiver inserido. Nesse contexto, encontramos o "vir a ser" e/ou as circunstâncias que cercam a dificuldade em se construir os seres.

Algumas interrogações se colocam:

*“O que é que nós recebemos do outro? Por que e como essa herança me constrói ou me arruína? O que é que eu atribuo ser a realidade psíquica? O que é que está sendo imposto a mim ou a eles? O que deve ser partilhado e o que não deve ser para que eu componha minha subjetividade?” (Kaës, 1998, p. 8–9).*

Como se pode depreender, este debate sustenta a ilusão de que há uma construção fantasmática de uma autoprodução — “eu mesmo me fiz ou ainda, ele nasceu assim...” — que estabelece um comando da vida psíquica e também a ilusão de que o grupo é capaz de entreter todos os seus indivíduos. Se se pensar todas essas coisas, chegar-se-á à idéia de que a transferência

não pode ser pensada sem a transmissão. A transmissão filogenética não pode ser ignorada, nem tudo passa de uma geração para outra. Nem tudo o que se pode perceber nos contemporâneos veio de antes ou está presente no reconhecimento das bases intersubjetivas da vida psíquica individual. Já Freud (1912,1913) distinguia uma transmissão por identificação com os modelos parentais de uma outra forma, que se sabe genérica, “adquirida com o convívio, através de traços mnêmicos das relações com as gerações anteriores” (KAËS, 1995). Pode-se então falar de uma transmissão por identificação — que se refere à história de vida dos sujeitos e de suas experiências de convivências. Uma outra transmissão constrói-se com traços mnêmicos da pré-história do indivíduo e de sua ancestralidade, incluindo-se aí a transmissão de objetos perdidos por antecedentes e que chegam à geração seguintes acompanhados por um luto, mesmo que parcial. Existirão também significantes formados previamente — congelados, enigmáticos, brutos —, sobre os quais não foi feito nenhum trabalho de simbolização.

Kaës (1995) menciona ainda que Freud (1921) assinala a ocorrência de falas antecipatórias e designação de um lugar, e de uma predisposição significativa por parte da mãe e do meio nos processos de transmissão, quando então o bebê torna-se depositário e servidor dos desejos e sonhos não realizados pelos pais. Ele dará lugar e sentido às predisposições que o antecederam, que até poderiam fazer-lhe mal, porém dizem respeito à sua concepção.

A propósito dessa dinâmica, pode-se citar um caso acompanhado no projeto, do trabalho clínico, de um menino de 7 anos cuja demanda inicial se referia à violência e à agressividade na Escola e com os amigos. Ele

apresentava grandes dificuldades na aprendizagem e no relacionamento com a mãe. Após as primeiras entrevistas, foi preciso encaminhar a mãe para psicoterapia. Aí pôde-se identificar uma história de muita violência, preconceito e desenraizamento na vida da mãe. Nascida no Nordeste, dentro de uma gruta, ela foi filha de uma índia provavelmente violentada por algum capataz de fazenda. A índia morreu ao dar a luz, e a filha foi recolhida por alguém da vizinhança, que a alimentou e contou-lhe a história de sua origem. Deram-lhe um nome, mas não a registraram. Ela cresceu na casa da pessoa que a pegou, quando bebê, e desde muito cedo era encarregada de fazer serviços pesados. Quando faltava alguma comida em casa, os adultos mandavam que ela furtasse da horta do vizinho. Contudo, se ela fosse apanhada no furto, era castigada e os adultos ainda diziam que ela era "muito má", porque "roubava". Assim que chegou aos cinco anos, começaram os abusos sexuais. Por volta dos oito anos, ela foi estuprada pelo dono da casa; em seguida, foi vendida a um conhecido da casa, sendo obrigada a partir com ele. Várias vezes tentou fugir, não conseguiu e depois foi brutalmente espancada. Finalmente, escapou e conseguiu chegar à capital de Estado natal. Trabalhou como doméstica, e também aí os patrões abusaram-na sexualmente. Resolveu migrar para o "sul" (Região Sudeste) mas, para conseguir o dinheiro necessário à viagem, precisou prostituir-se. Conheceu um caminhoneiro que lhe ofereceu carona, mas em troca teve relações sexuais com ele.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, ficou morando na rua, em uma praça do subúrbio. Aí, finalmente, conheceu uma senhora que a acolheu e resolveu adotá-la. Aprendeu a ler e escrever e internalizou hábitos de higiene e arrumação. A "madrinha" apresentou-lhe uma senhora que tinha um filho

viciado, mas que trabalhava, e foi arranjado o casamento dos dois. Só então ela passou a ter carteira de identidade. O menino é filho dessa jovem de 20 anos em seu casamento arranjado. No começo, ela se dizia muito assustada, pois não sabia como lidar com a criança. A "madrinha" ensinava-lhe o que fazer, mas havia a estranheza de uma relação maternalizante jamais vivida. Quando a criança cresceu um pouco mais, surgiram outros problemas, relativos à transmissão de imagens identificatórias de gênero — os objetos internos masculinos da mãe foram sempre extremamente violentos e destrutivos. Ela então fala que não sabe lidar com o filho, que os homens que ela conheceu eram violentos e que tem medo de que ele a mate, quando crescer.

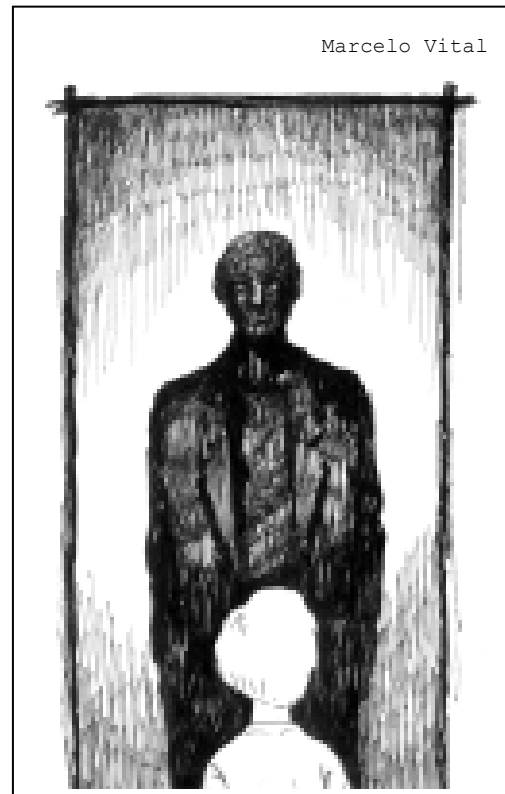
Ao longo dos atendimentos à mãe e à criança, houve uma enorme mudança. À medida em que foi possível a recuperação da história e das origens da mãe, ela foi tomando consciência de seus fantasmas e conseguindo se aproximar do filho. Hoje, consegue achar palavras carinhosas para dizer a ele, consegue também ver qualidades no filho. Ele progride na Escola, tem amigos, e a professora já registra elogios em seus cadernos. A transmissão bruta das identificações assimiladas durante a infância impedia uma aproximação afetiva entre mãe e filho, mas à medida que os fantasmas puderam aparecer e se descolaram do inconsciente da mãe, a cripta pôde ser decifrada, e a criança pôde ascender a uma identificação, a partir do "si mesmo", sem o peso dos objetos congelados e enigmáticos que o levariam pelo caminho do crime. O menino pode agora refazer o caminho para uma valorização de sua concepção e receber amor de sua mãe. O grupo familiar



encontra-se em total recuperação. O Ideal de Ego foi restaurado e, assim, o menino readquiriu o direito de vislumbrar um futuro positivo.

## VI - O ESTRANHO REVELADOR DAS FRAGMENTAÇÕES

Neste capítulo, serão relatados alguns casos atendidos na pesquisa, mas, antes far-se-á a avaliação e será transcrito o relato encontrado em extensa carta de uma adolescente (no livro “As boas mulheres da China” de Xinran - 2003). Por sua qualidade e riqueza de detalhes, este é um caso clássico de abuso sexual incestuoso, que representa uma preciosidade para quem trabalha diariamente com tais casos. Será mencionado também o livro de Fabiana Pereira de Andrade, publicado pelo Lacri em 1998.



Constitui-se em um relato feito, a posteriori, sobre a violência e o sofrimento a que ela foi submetida e que, como a personagem em Hongxue “As Boas Mulheres da China”, estão expostas, continuamente, as meninas púberes em todo o mundo. Adriana foi abusada, violentada, espancada violentamente com a colaboração e cumplicidade de sua mãe. Diferentemente de Hongxue, Fabiana pôde ser salva, porque uma equipe treinada para ouvir as adolescentes e acreditar em suas queixas e relatos, foi capaz de intervir e solicitar a interferência do Juizado da Infância e Adolescência de Campinas que, então conseguiram inclusive que o pai e a mãe fossem presos e condenados. Fabiana tornou-se tutora de suas três irmãs mais novas e de dois filhos, resultados de estupros continuados cometidos por seu pai. A mesma,

continuou os seus estudos e formou-se em Direito. Colabora com trabalhos de ajuda a crianças submetidas a problemas semelhantes em São Paulo.

Passaremos agora a uma análise do caso de Hongxue, que como já ficou explicitado acima, o desfecho de sua história se dá de forma diferente. O título do capítulo que traz tal caso, no livro “As Boas Mulheres da China” de Xinran (2003), é “A menina que tinha uma mosca como animal de estimação”.

Vejamos:

*“O impacto dos meus dez minutos para cartas de mulheres foi muito além das minhas expectativas: o número de cartas aumentou, a ponto de eu me ver recebendo mais de cem por dia. Seis estudantes universitários tiveram que vir me ajudar no trabalho. Os assuntos das cartas também se diversificaram mais. As histórias que as ouvintes me contavam tinham ocorrido no país inteiro, em vários momentos dos últimos setenta anos, mais ou menos, e vinham de mulheres com antecedentes sociais, culturais e profissionais bem diferentes. Revelam mundos ocultos das vistas da maioria da população, inclusive de mim mesma. Eu me emocionava profundamente com as cartas. Muitas incluíam toques especiais, como flores, folhas ou casca de árvores prensadas, e lembranças de crochê.*

*Uma tarde, ao voltar para o escritório, encontrei sobre a minha mesa, um pacote e um bilhete do porteiro. Uma mulher de uns quarenta anos tinha deixado o embrulho com ele e pedira que me entregasse. Não deu o nome nem endereço. Vários colegas me aconselharam a passar o pacote pela inspeção do departamento de segurança antes de abrir, mas resisti. Achava que não se podia prever o destino e um forte impulso me impelia a abrir o pacote imediatamente. Encontrei uma bela caixa de sapatos, com o belo desenho de uma mosca com aparência humana na tampa. As cores estavam quase completamente desbotadas. Ao lado da boca da mosca, havia uma frase: “Sem a primavera, as flores não podem desabrochar; sem a dona, isto não pode ser aberto”. Havia um pequeno cadeado na tampa.*

*Hesitei. Devia abrir? Aí notei uma mensagem minúscula, obviamente escrita havia pouco tempo: “Xinran, abra, por favor”.*

*Havia tiras de papel do tipo usado em hospitais, desbotadas e amareladas. Pareciam um diário. Havia ainda uma carta endereçada a Yan Yulong, na equipe de produção X na província de Shandong. Vinha de alguém chamada Hongxue –*

*Hospital de Henan (1975). “\_ Xinran, respeitosamente lhe peço que leia cada palavra. Uma ouvinte fiel”.*

A carta:

*“Querida Yulong,*

*Você vai bem? Desculpe por não ter escrito antes. Não há motivo para isso, é só que tenho muito a dizer e não sei por onde começar. Por favor, me desculpe.*

*Já é tarde demais para lhe implorar que perdoe meu erro terrível e irreversível, mas eu ainda quero lhe dizer; querida Yulong, eu sinto muito!*

*Você me fez duas perguntas em sua carta: “por que você não quer ver o seu pai?” e “o que a fez pensar em desenhar uma mosca e por que foi que a fez tão bonita?”*

*Querida Yulong, essas duas perguntas são muito, muito dolorosas para mim, mas vou tentar responder.*

*Qual é a menina que não ama o seu pai? Um pai é uma grande árvore abrigando a família, as vigas que sustentam uma casa, o guardião de sua mulher e de seus filhos. Mas não amo o meu pai – eu o odeio.*

*Na véspera do Ano Novo, do ano em que fiz onze anos, levantei bem cedo e, inexplicavelmente, estava sangrando. Fiquei tão assustada que me pus a chorar. A minha mãe, que veio ter comigo quando me ouviu, disse: “Hongxue, você cresceu”. Ninguém, nem mesmo ela tinha me falado sobre coisas de mulheres antes. Na escola, ninguém ousava fazer essas perguntas ultrajantes. Naquele dia, mamãe me deu uns conselhos básicos sobre como lidar com meus sangramentos, mas não explicou mais nada. Fiquei entusiasmada, tinha me tornado mulher! Saí correndo pelo quintal, pulando e dançando durante três horas. Até esqueci do almoço.*

*Um dia, em fevereiro, estava nevando muito, e mamãe tinha saído para visitar uma vizinha. Meu pai tinha vindo da base militar para uma de suas raras visitas. Ele me disse: “Sua mãe diz que você cresceu. Vamos, tire sua roupa para o papai ver se é verdade”. Eu não sabia o que é que ele queria ver, e estava muito frio – eu não queria tirar a roupa.*

*“Rápido, o papai ajuda”, disse ele, tirando-me a roupa com destreza. Ele que normalmente tinha os movimentos lentos estava totalmente diferente. Começou a passar as mãos pelo meu corpo inteiro, perguntando o tempo todo: “Esses mamilozinhos já incharam? É daqui que o sangue vem? Esses lábios querem beijar o papai? É gostoso quando o papai passa a mão aqui, assim?”*

*Eu me sentia morta de vergonha. Pelo que eu lembrava, nunca tinha estado nua na frente de ninguém, exceto nos banhos públicos separados. Meu pai notou que eu estava tremendo. Disse-me que eu não tivesse medo e me preveniu para não contar nada à mamãe. “Sua mãe jamais gostou de você”, disse. “Se ela descobrir que eu amo você tanto assim, vai querer saber ainda menos de você”.*

*Essa foi a minha primeira experiência de mulher. Depois tive uma náusea muito forte.” (XINRAN, 2003, p. 22-24)*

Como podemos perceber, o perverso tem consciência plena de tudo o que está ocorrendo, procura se prevenir contra uma possível denúncia e sabe fazer chantagem, fazendo principalmente, um uso das palavras cínicas e destruidoras.

*“A partir de então, bastava que minha mãe não estivesse na sala – ainda que estivesse só na cozinha, cozinhando, ou no banheiro – para que meu pai me prensasse atrás da porta e me aliasse inteira. Fui ficando com um medo cada vez maior desse “amor”.*

*Mais tarde ele foi transferido para outra base militar. Minha mãe não podia ir junto por causa do emprego dela. E disse que tinha se esgotado criando a mim e ao meu irmão e que queria que meu pai cumprisse suas responsabilidades por um tempo. Assim, levou-nos para morar com ele.”(p.25)*

Pode-se perceber que há cumplicidade e indução por parte da mãe, para que o homem possa atuar livremente, e não será nem necessário se esconder ou tomar cuidado com ela.

*“Eu tinha caído na boca do lobo.*

*Nos primeiros dias, só passava a mão pelo meu corpo. Depois, começou a forçar a língua dentro da minha boca. Aí começou a me cutucar com a coisa dura na parte inferior do seu corpo. Vinha para a minha cama, já sem ligar se era dia ou noite. Usava a mão para me abrir as pernas e me molestar. Até enfiava os dedos dentro de mim.*

*Naquela altura tinha parado de fingir que era “amor paterno”. Ameaçava-me, dizendo que, se eu contasse para alguém, seria criticada em público e teria que desfilar pelas ruas com palha*

*na cabeça, porque eu já era o que chamavam de “um sapato usado”.(p.25)*

Como se pode perceber, o perverso abusa do poder e da experiência conferida pela diferença de idade e vai passo à passo destruindo o amor próprio e a confiança da criança, para poder dominar e atingir um objetivo pretendido e cuidadosamente planejado. A vítima raramente consegue encontrar uma saída. Sobretudo nos casos de abuso sexual incestuoso, a mãe atua como parceira e cúmplice, para que o homem não acabe por abandoná-la.

*“Meu corpo que ganhava formas rapidamente, o deixava cada vez mais excitado, enquanto eu me sentia mais e mais aterrorizada. Pus um cadeado na porta do quarto, mas ele não se importava de acordar todos os vizinhos e batia até que eu abrisse. Às vezes enganava as outras pessoas no dormitório e elas o ajudavam a forçar a minha porta, ou então dizia que precisava entrar pela janela para pegar alguma coisa, porque eu tinha o sono muito pesado. Outras vezes era meu irmão quem o ajudava, sem entender o que fazia. Assim, trancasse eu a porta ou não, ele entrava no meu quarto, em plena vista de todos.*

*Quando ouvia as batidas, eu com freqüência ficava paralisada de medo e me enroscava tremendo embaixo do acolchoado. Os vizinhos me diziam: “Você estava dormindo como uma morta. O coitado do seu pai teve que entrar pela janela para pegar as coisas dele!”.(p.25)*

Pode-se perceber que o consentimento da mãe atua sobre o abusador fazendo com que ele se sentisse seguro e possa mentir sem que ninguém desconfie. A mentira será sempre um instrumento indispensável e presente em todos os casos. O núcleo familiar torna-se cúmplice e cria facilidades, para que o abusador permaneça sem punição. Cabe também ressaltar que a barreira do silêncio e as sanções sociais que são mobilizadas nessas sociedades, onde a lei de interdição do incesto não está inscrita no imaginário social, atuam no sentido de impedir o desvelamento da ocorrência e não protegem a vítima. Na

sociedade adultocêntrica, as crianças ainda são vistas como coisa da mãe e do pai.

*“Eu não ousava dormir no meu quarto, não ousava ficar sozinha de maneira alguma. Meu pai percebeu que eu estava sempre encontrando pretextos para sair e criou a regra de que eu tinha que estar de volta na hora do almoço, todo dia. Mas era comum eu adormecer antes mesmo de terminar de comer: ele estava pondo remédio para dormir na minha comida. Eu não tinha como me proteger.*

*Muitas vezes pensei em me matar, mas não tive coragem de abandonar o meu irmãozinho, que não teria ninguém a quem se voltar. Comecei a ficar cada vez mais magra, até que adoeci gravemente.*

*Na primeira vez em que fui internada no hospital militar, a enfermeira de plantão disse ao médico, Dr Zhong, que eu tinha o sono muito perturbado. Acordava assustada ao mais leve ruído. O Dr. Zhong, que não conhecia os fatos, disse que era por causa da minha febre alta” (p.26).*

Como se pode ver, o avançar nos limites do corpo e o contínuo assédio, desestabilizam o equilíbrio emocional da criança, que ainda é muito frágil e não oferece alternativas para escapar. Tal qual uma presa, acuada pelo caçador, a vítima terá cada vez menos, recursos para se defender e a culpa acabará abrindo caminho para a somatização. Ao acionar a clivagem defensiva, a paciente deixa entrar o inconsciente do abusador. A pulsão de morte irá então, predominar e destruir o narcisismo e a mais valia da criança.

*“Mas, mesmo enquanto eu estava assim doente, meu pai vinha ao hospital e se aproveitava de mim, que estava com um tubo na veia e sem poder me mexer. Uma vez, quando o vi entrando no meu quarto, comecei a gritar descontroladamente, mas meu pai simplesmente disse à enfermeira – que viera correndo- que eu tinha muito mau gênio. Naquela primeira vez só passei duas semanas no hospital. Quando voltei para casa, encontrei meu irmão com um machucado na cabeça e manchas de sangue no casaco. Contou que o papai estivera de péssimo humor enquanto estive no hospital e o surrava ao menor pretexto. Naquele dia o animal doentio que era o meu pai apertou-se enlouquecido contra o meu corpo, ainda desesperadamente frágil e fraco, sussurrando que tinha morrido de saudades de mim.” (p.26)*

Como se pode ver a linguagem da paixão não deixa lugar para nem um pouco de reflexão. Este homem tinha a cumplicidade da mulher e a certeza da impunidade, uma vez que a sociedade sem lei condena, como vimos na “História do Estupro”, Vigarello (1995), a vítima junto com o abusador. Os movimentos de repressão sobre a sexualidade masculina, sem limites, só puderam ganhar força depois que as mulheres se tornaram cidadãos. E as leis começaram a ser iguais para todos.

*“Não pude conter o choro. Aquele era o meu pai? Tinha tido filhos só para satisfazer seus desejos animalescos? Dera-me a vida para quê?”*

*Minha experiência no hospital tinha me mostrado um jeito de continuar vivendo. Injeções, comprimidos e exames de sangue eram preferíveis a viver com meu pai. Assim, comecei a me ferir repetidamente. No inverno, encharcava-me de água fria e saía para o gelo e a neve. No outono, comia comida estragada. Uma vez, em desespero, estendi o braço embaixo de um pedaço de ferro que estava caindo, para cortar a mão esquerda na altura do pulso. (Não fosse por um pedaço de madeira macia embaixo, eu certamente teria perdido a mão). Nessa ocasião, ganhei sessenta noites inteiras de segurança. Entre ferimentos que eu mesma causava e os remédios, fui ficando aflitivamente magra.” (p.27)*

O procedimento do abuso e a certeza da impunidade vão liberando o abusador de toda e qualquer precaução, para que ele possa obter mais e mais gozo. Diante da morte psíquica, a paciente perde toda a esperança, não procura ajuda e não pede socorro. A violência inibe e paralisa; a pulsão de morte predomina e a vítima se sente culpada o tempo todo.

Esses dados são encontrados em todos os atos graves de abuso sexual incestuoso, como nos casos citados nesta tese e que são relatos de vítimas que conseguiram sobreviver – “Labirintos do Incesto: relatos de uma sobrevivente” de Fabiana Pereira Andrade; “Nunca contei nada a ninguém” –



Bass, E. e Thornton, L.; “A Revolta dos Gansos” – A . Granja; “Não te deixes levar” – J. Robert; “A Violação do Silêncio” – E. Thomas

*“Mais de dois anos mais tarde, minha mãe conseguiu uma transferência de emprego e veio morar conosco. A sua chegada não afetou o desejo obscuro que meu pai sentia por mim. Disse que o corpo dela estava velho e murcho e que eu era a concubina dele. Minha mãe não parecia notar a situação, até que um dia, no final de fevereiro, quando meu pai estava me batendo porque eu não tinha lhe levado alguma coisa que ele queria, gritei com ele pela primeira vez na vida, dividida entre a mágoa e a raiva: “O que você é? Bate em todo mundo quando tem vontade, molesta qualquer um quando quer!”*

*Minha mãe que assistia à cena, perguntou o que eu queria dizer com aquilo. Assim que abri a boca, meu pai, encarando-me furioso, disse: “Não diga absurdos!”*

*Eu não agüentava mais e contei a verdade à minha mãe. Vi que ela ficou terrivelmente perturbada. Mas poucas horas depois, a minha “sensata” mãe me disse: “Pela segurança da família toda, você vai ter que suportar isso. Caso contrário, o que é que nós todos vamos fazer?”.*

*Minhas esperanças foram completamente destruídas. Minha própria mãe me dizia que tolerasse os abusos de meu pai, marido dela. Onde estava a justiça disso?” (p.27)*

Como pudemos ler, não só a cumplicidade da mãe favorece a ação perversa do pai, como a mãe coloca a filha em seu lugar com um falso pretexto de que assim estaria preservando a família. Que família está sendo preservada dessa maneira? Estamos diante da transmissão transgeracional do incesto, do cinismo e da perversão.

*“Naquela noite minha temperatura chegou a quarenta graus. Fui novamente trazida para o hospital, onde continuo até agora. Desta vez, não tive que fazer nada para provocar a doença. Simplesmente desmaiei, porque tinha tido um colapso cardíaco. Não tenho intenção alguma de voltar para aquele suposto lar.*

*Querida Yulong, é por isso que não quero ver o meu pai. Que espécie de pai é ele? Não digo nada por causa do meu irmãozinho e da minha mãe (ainda que ela não goste de mim). Sem mim, eles ainda são uma família como antes.*

*Por que foi que desenhei uma mosca e por que foi que a fiz tão bonita?*

*Porque anseio por uma mãe e um pai de verdade; uma família de verdade, onde eu possa ser uma criança e chorar nos braços dos meus pais; onde eu possa dormir em segurança na minha cama, em casa; onde mãos carinhosas me afaguem a cabeça para me consolar depois de um pesadelo. Desde a infância mais tenra, nunca tive esse amor. Esperei e ansiei por ele, mas nunca o tive, e agora jamais o terei, pois só se tem uma mãe e um pai.*

*Uma mosquinha me mostrou um dia o toque de suas mãos carinhosas.*

*Querida Yulong, não sei o que vou fazer depois disso. Talvez eu a procure para ajuda-la de alguma forma. Posso fazer muitas coisas e não tenho medo das dificuldades, desde que possa dormir em paz. Você se importa se eu for? Escreve e me diga, por favor.*

*Eu gostaria mesmo de saber como você vai. Continua praticando o seu russo? Você tem remédios? O inverno está chegando de novo, você precisa se cuidar bem.*

*Espero que me dê uma oportunidade de me remediar o mal que causei e fazer alguma coisa por você. Não tenho família, mas espero poder ser uma irmã mais nova para você.*

*Desejo-lhe felicidade e boa saúde!*

*Sinto saudade de você.*

*Hongxue, 23 de agosto de 1975. (p.28)*

No final da carta, aparecem as desesperanças, avaliação de que ela não tem futuro e que ela vai ter que assumir a culpa por ter sido desejada sexualmente sendo filha, ou por ter sido escolhida para responder pela doença do casal parental. Em seguida, há um diário que nos fala do dia-a-dia das interações e da vida no hospital . O diário de Hongxue mostra como não havia saída, e como a solidão e o desamparo minaram a pulsão de vida e então, em meio à desesperança, surge o relato de como uma mosca pode ser a única forma de obter afeto e um pouco de consolo, quando nada mais era possível. Assim mesmo, não foi possível manter, e então, só lhe restou a morte.

Alguns casos dentre muitos trabalhados que são aqui narrados e as crianças atendidas por nós e pela equipe por nós orientada, serve para confirmar a teoria que foi revisitada no decurso dos capítulos anteriores e que revelam a existências de abusos de toda a sorte contra crianças e adolescentes.

Seguindo uma orientação clínica e usando as regras mais gerais das psicoterapias infantis, nossas sessões psicoterapêuticas são desenvolvidas, como preconiza Klein (1999), Dolto (1984), Mannoni (1981), utilizando uma caixa individual com material variado para expressão gráfica (pedaços de madeira coloridos, brinquedos de encaixe, bonecos variados – adultos e crianças -, cola, tesoura, papéis, barbante, revistas, carrinhos, tinta guache, massa plástica, lápis de cor, giz de cera), e também, como Winnicott (1987), podemos utilizar o “Jogo do Rabisco”, assim como teatrinhos e fantoches. O ambiente é preparado para as crianças: dispõe a sala de um espelho, pia com água, mesa e cadeira para elas. Utilizamos também um grande caixão com vários brinquedos que podem ser utilizados por todos os clientes.

O material é utilizado como suporte para facilitar a comunicação da criança, que poderá desenhar, pintar e desenvolver atividades similares àquelas com que está familiarizada e, assim, falar de suas fantasias, desejos, vivências e sofrimentos.

A técnica foi adaptada por mim para que não se perdesse a riqueza e a espontaneidade do contato, adequando-se também ao mesmo tempo, à Instituição Pública, tomando então um caráter de intervenção breve – focal e de atendimento às necessidades da população assistida, que não dispõe de

dinheiro para pagar o transporte e que, entretanto, respondem muito bem e com interesse ao auxílio psicológico oferecido. Geralmente, as mães também recebem orientação psicológica, sempre com uma escuta psicanalítica, que acaba evoluindo para uma psicoterapia. Em cada caso, há um planejamento próprio, que leva à discussão de como será feita a intervenção e, quais pessoas serão ouvidas. Procurou-se, ao longo do tratamento dispensado à vítima, ouvir também o acusado e outros membros da família como avós, tios, irmãos e, assim que a psicoterapia se desenvolve, fazemos também contato com a escola.

Nos casos em que houve necessidade de acompanhamento médico, realizaram-se também, contatos, com profissionais da medicina, com o objetivo de obter esclarecimentos e cruzar informações. Assim pode-se confirmar denúncias e obter relatos confiáveis sem pressionar ou submeter as vítimas a novos abusos através de questionamentos.

O número de sessões necessárias variou de caso para caso e dependem de alguns fatores comuns nos casos de assédio, sedução, abuso sexual e violências, dentre os quais está incluída a capacidade de a mãe ou de o pai de ouvirem, protegerem e repararem os danos ocorridos e a existência de adultos significativos – avós, tios entre outros, que se dispuseram a enfrentar os contratempos pertinentes em cada caso. Algumas vezes, a denúncia tem origem na escola, ou então, o próprio pediatra do Ambulatório de Pediatria desconfiou e solicitou uma investigação e avaliação psicológica do caso, pois há um acordo de colaboração com o HUPE.

A maioria dos casos foi encaminhada pelos Conselhos Tutelares, pelo Juizado da Infância e da Juventude (1ª e 2ª Varas) e por Delegacias Especializadas.

Os casos selecionados aqui pretendem dar uma visão variada em relação às ocorrências confirmadas. São casos clínicos atendidos por minha equipe e cuidadosamente acompanhados em supervisões semanais e efetivas no S.P.A. Não serão reproduzidas todas as sessões, entretanto far-se-á referência aos momentos mais significativos de todo o processo terapêutico. A criança, personagem do caso estudado, será identificada por X.

### **Caso 1:**

Nascido em 10/04/1997, menino, com 4 anos de idade na ocasião da primeira entrevista (2002), com pai e mãe vivos que coabitavam, até o momento de a mãe registrar uma denúncia no Conselho Tutelar . A queixa refere-se ao assédio sexual cometido pelo pai e direcionado para o menor.

A mãe relata que, de repente, nos últimos três meses, o pai começou a apresentar comportamentos estranhos, falando ao filho (X) sobre relações sexuais entre homens e procurando mostrar como tal relacionamento pode acontecer com X. Em seguida, passou a pegar e vestir roupas da esposa e a exhibir-se diante do filho, usando também as pinturas e adereços da mesma. Supõe a mãe, que o marido começou a fazer isso em represália à insistência, por parte dela, de que “acertassem a situação civil deles” (sic.). Os pais de X vivem juntos há sete anos e nunca foram casados legalmente. O pai revoltou-se e disse que não havia necessidade de casar. A mãe afirma que o marido não acreditava que ela tivesse coragem para fazer a denúncia e que depois

que ela a fez, ele “parou de fazer” (sic.). Atualmente, o pai não parece apresentar tais comportamentos, mas ela sai para trabalhar e a criança fica na casa com o mesmo, que só sai para trabalhar à tarde – o pai é comerciante e trabalha em um restaurante.

A criança começou a imitar os comportamentos do pai: passar batom, colocar os brincos da mãe, assediar os meninos da vizinhança e apresentar comportamentos erotizados assediando os colegas com carícias e querendo mostrar como é que um homem pode “trepar” com outro. A vizinha viu a cena da criança com o pai na cama, e muito revoltada, reclamou. A mãe relata que, após ter feito a denúncia, o assédio diminuiu, mas não parou. Na escola, não havia queixa em relação ao assédio com os colegas, mas ele se apresentava apático, disperso e desinteressado em aprender.

O casal, há vários meses, não tem relação sexual, e que pela esposa não vai mais acontecer. “Os dois brigaram muito e ele a ofendeu muito” (sic.). A esposa está determinada a se separar, vender o imóvel e ir morar com o filho em outro lugar. Depois, soubemos que ela deixou o marido retornar para casa para receber o dinheiro, que este se negava a dar se ela não o recebesse de volta.

Após dez atendimentos consecutivos, ouviu-se o pai, que compareceu, porque “tinha medo de ser preso” (sic.). Em seu relato, queixou-se da mulher que teria mudado muito, depois que entrou para a Igreja – ela tornou-se Testemunha de Jeová – e que depois disso é que ela começou a querer que se casassem. Ultimamente, relata o pai, não quer lhe dar dinheiro, porque “depois ela leva o dinheiro para a Igreja” (sic.) e que também ela quer que ele se

converta à mesma religião. Tentou ir, mas “lá só pediam dinheiro” (sic.). Apontou mais algumas dificuldades por causa da Igreja e reconheceu que antes estava bebendo muito, mas que agora parou. Porém brigam muito na frente do filho. Levanta algumas suspeitas de origem paranóica e acusa o Conselheiro Tutelar de “estar agindo de modo suspeito”. O pai ainda relata que ficou com dificuldade de dormir depois que parou de beber e que o filho “é o bem mais precioso que tem” (sic.). Segundo ele, não usava as roupas de sua esposa, mas que errou ao falar sobre “piru” com o filho e que nunca “mexeria” no menino (sic.). Não sabe mais como lidar com o filho, e a mãe não deixa mais a criança sozinha com ele. Seus amigos o aconselham bem, mas ele está sem saber como ser diferente (menos grosseiro). Ele não quer se separar, mas quer que tudo volte a ser como era antes. Já frequentou um grupo em outra Universidade, porém o mesmo acabou, e agora só quer fazer terapia se for individual. Entretanto, não compareceu ao atendimento psicológico.

Durante as três primeiras sessões, X pôde brincar com o material disponível na caixa e buscar a terapeuta para que interagisse com ele em seus desenhos. A criança mostrou-se acessível e ofereceu material para que a terapeuta pudesse compreender suas dificuldades, mas ainda não apareceram fantasias persecutórias, e pede para não falar sobre o pai (embora a mãe tenha relatado na frente do menino a ocorrência da atuação deste sobre os coleguinhas na Escola e que ela ouviu o menino pedir para usar batom e colocar os seus brincos e que ele estava assediando os colegas e querendo ensinar a eles o que um homem pode fazer com outro).

Na primeira sessão terapêutica, X insinuou o uso de um colar (feito de massinha), mas não o colocou realmente. A terapeuta ficou esperando e ele

desistiu e disse “é de massa” (sic.). Desenvolveu então alguns comportamentos obsessivos, arrumando os materiais da caixa e separando cuidadosamente cada cor de massa, introduzindo-as na caixinha. Na sessão seguinte, era o seu aniversário. A terapeuta ofereceu uma boneca nova para introduzir em sua caixa. Ele gostou e falou que tinha uma namorada. Pegou a boneca e pediu ajuda para tirar a embalagem. Alguns cabelos da boneca ficaram desarrumados e ele quis cortá-los, achando graça nisso. Foi feito um jogo de teatro com bonecos. A criança e a terapeuta falaram sobre passeios e andar de mãos dadas. Essa prática de entrar nas fantasias da criança tem a finalidade de facilitar as associações da mesma e com muito cuidado introduzir alguns temas que poderiam suscitar resistência. A criança concluiu que eles “foram casar e foram felizes” (sic.). Preocupou-se com a roupa da boneca, e por fim, “a menina ficou doente, ele cuidou dela e ela voltou a ficar boa” (sic.). X colocou os bonecos para dormir e tocou flauta para eles (havia uma flauta na caixa). O desejo de unir o casal e reparar fica evidente, mas ele também desenhou monstros e bicho papão “bundão” (sic.) (a figura paterna está cindida). Falou sobre uma coleguinha que ele namorava.

Na terceira sessão, ele trouxe novamente fantasias de casamento de seu movimento identificatório com o pai (o boneco trabalhava em restaurante), mas ele esclarece que o boneco namora a boneca “eleita”, que tinha sido casada, mas que agora namorava o boneco. Assim, vemos as fantasias edípicas atuando e suscitando algum “gozo” substituto. Voltou a tocar flauta para os bonecos e disse que eles não estão mais casados. Indagado sobre o porquê da separação, ele afirma que o boneco fez coisas erradas com a mulher e com o filho, mas não posso falar disso agora “(sic.). A terapeuta



reafirma que ele pode falar quando quiser e que ela não queria forçar nada. Mostrou-se mais tranqüilo e voltou a brincar com outros brinquedos. Falou de suas habilidades (sabe contar) e falou que o seu pai brincava de bicicleta e jogava bola com ele. Escreveu seu nome, disse as cores e começou a escrever outras coisas. Fica claro que, em três sessões, a criança ainda não pôde "falar" de suas angústias e da sedução do pai. Na sessão seguinte, havia uma passagem muito angustiante com uma batida policial no morro e o medo de balas perdidas. Ele se emocionou e chorou muito e disse que a tia contou que um menino do morro tinha sido atingido e morreu. Aconteceram pesadelos e dificuldade para dormir. Depois ficou mais calmo e quis jogar bola com a terapeuta. Falou, porém, que não gostava de ver televisão, quando os adultos faziam maldades com as crianças. Fez queixas da mãe e falou de tombos com a bicicleta, quando saía com o pai; mostrando os seus machucados. Fala que o pai traz comidas de que ele gosta. Pode-se notar aí uma ambivalência em relação ao pai, e em seguida ele diz que o pai está morando com eles de novo. Desenha um menino no quadro negro fazendo xixi."O menino está triste, mas eu não posso falar por quê" (sic.). Volta a desenhar, escreve o nome da mãe e algumas letras e diz que o pai o ensinou a desenhar pipas, o sol e um menino soltando pipa. Pede que chame a mãe, mas apaga os desenhos e deixa apenas o nome dela. Houve preocupação de estar havendo continuidade no assédio, mas a mãe afirmou que X não fica mais sozinho com o pai.

Em outra sessão, a criança chega muito arrumada e traz bala para a terapeuta. Passa a brincar com um carrinho que pode ser jogado longe e com isso, ele se diverte muito. Estabelece-se uma comunicação contínua e prazerosa. Então fala-se sobre "piru", fazer xixi, as diferenças sexuais e a

reprodução para fazer crianças. Podemos apontar que as preocupações e as fantasias típicas da fase anal não foram totalmente superadas e que retornam com frequência e podem ser trabalhadas sem assombros. Em seguida, comparece, mesmo febril, porque não queria perder a sessão. Pode então perguntar sobre a diferença entre os sexos. Aparecem mais fantasias e evocações sobre um “homem que dava balas para um menino e depois empurrava esse menino para ele morrer. Aos poucos, na mesma sessão, X começa a falar sobre o seu pai, vai até a janela, com medo, de que sua mãe pudesse ouvir. Dá-se nesse momento, a evocação capaz de restaurar a fluidez e resgatar seu ideal de ego que tinha sido abalado pela perversão do pai. “Ele fez coisas erradas” (sic.) e muito emocionado relata que o pai várias vezes se vestia com roupas da mãe e ficava rolando na sua frente, e que uma vez a mãe estava fazendo comida na cozinha, e ele ficou muito nervoso com aquilo e ainda falava que ele devia colocar a “rola” no sofá, que o pai não mostrava o peru, mas mostrava então, revistas com mulheres nuas. O menino diz, então, que o pai não manipulava o seu “peru” e nem pedia para tocar no dele. O que o chateou foi que o pai falava coisas, uma erotização precoce da criança. Ele acha que o pai vai ser preso por isso e que o mesmo prometeu que não ia mais fazer isso, mas X não acredita. O pai está indo à Justiça para depor. O que podemos avaliar é que a exposição travestida diante do filho causa horror, danifica a imago paternal internalizada e causa perplexidade. Em consequência, as referências infantis de identificação com um pai digno e respeitável desaparecem. Portanto, o ego de X se fratura, abrindo caminho para uma clivagem traumática que facilitará a instalação de um fetichismo ou de um voyeurismo. A intervenção terapêutica atuará, no sentido de restaurar

parcialmente esta imagem e auxiliar seu ego a sobreviver ao luto e buscar novas fontes de identificação.

Nas sessões seguintes, X apresentava atividades de reparação com bonecas trocando roupas e cuidando dos cabelos delas. Levou-as para passear e namorar. Apareceram desenhos sobre pessoas fazendo cocô e xixi. A terapeuta fala sobre as funções vitais do funcionamento orgânico e pela natureza de cada um desses funcionamentos. A criança fala que já sabe fazer essas coisas sozinha, pois a mãe já tinha ensinado. Essa fixação anal tão intensa parece estar ligada às palavras registradas sobre as descrições das relações homossexuais feitas pelo pai.

Nas sessões seguintes, os temas sobre analidade e os caminhos para chegar a uma recuperação da fluidez na sua sexualidade.

Ainda voltam a aparecer fantasmas que assombram e são inscritos através de desenhos no seu rosto. Aí ele afirma que o fantasma está ficando “bonzinho”, mas reaparece o desejo de atuar, colocando um pregador no cabelo e querendo que a mãe veja. Em seguida, admite que aquilo é coisa de menina, ri e não vai mostrar. Aparecem traços de identificação com o “abusador” pai e ele pára, pensa um pouco e diz que não quer brincar mais assim. E assim, não quer mais o bicho papão. Na sessão seguinte, começa abrindo a caixa e jogando todo o conteúdo no chão, vai falar de morrer e enterrar, e em seguida quer conquistar a terapeuta. O uso da terminologia anal aparece. X quer fazer o desenho de um urso cagão chato e não consegue. Toca flauta e diz que gosta de vir aqui, mas a terapeuta volta ao assunto da sedução – a contratransferência atua intensamente sobre a terapeuta que

estabelece uma forma de inquisição e o paciente se retrai e nega a ocorrência, volta a confirmar e acaba por dizer que se o pai voltar a fazer aquilo ou dizer palavrão, a polícia vai prendê-lo. O paciente perde o controle, deitado no chão procura cobrir-se com a caixa e ri para a terapeuta. Pega um lápis e rabisca a caixa, num claro movimento de auto-agressão e irritação com as perguntas. Em seguida pede para ir fazer xixi. O que seria uma forma de se afastar da situação e talvez agredir, ainda no nível anal, a terapeuta (já que o xixi tanto pode ser vivido como doação quanto como forma de agressão).

No final da sessão, a mãe relata à terapeuta que houve uma visita na casa e X quis pegar no piru do menino (sic.). Queixou-se que X está mentindo muito, está andando com outro colega que também mente. Durante as sessões seguintes, a figura do pai não voltou a aparecer. Aconteceram mais nove sessões, em que X mostrava-se ativo, desenhou, pintou, não apareceram monstros, mas as figuras são pouco estruturadas e comunicam uma sensação de disforia, sem que haja, figuras humanas completas e também, só cabeças de animais. O trabalho deu-se com o objetivo de abrir um caminho para suas fantasias. O pai saiu de casa e foi morar em outro lugar. X, às vezes, se refere ao pai como “monstro” (sic.), mas mesmo assim gosta dele (sic.). O que parece importante, é o risco de destruir a figura paterna internalizada. Em consequência, ela se apresenta desidealizada, mas preservada. X agora pode falar sobre o pai com tranquilidade e, às vezes, pede à mãe que vá com ele para verem o pai no trabalho. Ele está agora mais próximo da mãe, brinca com os colegas e não apareceram mais os comportamentos de tentativa de manipulação dos genitais dos colegas e nem o desejo de se travestir de

mulher, usando roupas da mãe, bijuterias ou pinturas. Ele diz que essas coisas são de mulher, e ele é homem.

### **Caso 2:**

Menor, nascido em 05/1995, na ocasião do primeiro atendimento com 06 anos de idade, pai e mãe estavam vivos e separados, havendo até a ocasião do abuso, uma convivência pacífica e entendimento entre os dois. O casal se separou, quando a criança tinha um ano e sete meses. No relato da mãe, o pai era apontado como interessado no filho e visitando regularmente o menor, colaborando monetariamente e também atencioso. O casal era muito jovem e, na ocasião do casamento, a mãe tinha 18 anos e o pai 21 anos. Conheceram-se na Igreja Evangélica que os dois freqüentavam. Na ocasião, a avó materna opôs-se ao casamento e alegou que a família do pai era “esquisita”: a mãe dele era muito agressiva e o pai, alcoólatra. A queixa inicial apresentada ao ambulatório era encoprese, que se mostrou estranha, porque o menino já há muito tempo tinha controle dos esfíncteres e, embora a mãe tivesse interferido, a criança alegava não conseguir impedir de sujar as calças. A mãe, então, levou a criança à pediatra que a examinou e constatou rompimentos (faltava tônus no esfíncter anal) no ânus desta e relatou à mãe o que havia acontecido. Esta foi encaminhada para nossa equipe. Assumimos o caso, portanto já com algumas certezas: comprovação física da ocorrência e a fala da criança relatando o ocorrido.

Nas entrevistas seguintes, foram relatadas mudanças súbitas e significativas na escola, retraimento social, medo do pai, pedido direto para que

não saísse mais com o pai, referia-se a si mesmo como burro e inferior aos colegas, inibição da agressividade, passividade, comportamentos erotizados e claramente incompatíveis com a idade cronológica da criança. De imediato, o menino iniciou o atendimento psicológico, e também foram realizadas várias entrevistas com a mãe e com a avó materna. A mãe chorou muito e afirmava que não conseguia acreditar que o marido tivesse tido coragem para fazer “isso” com o filho. E perguntava se não era possível que o filho estivesse “inventando tudo isso” (sic.). As entrevistas com a avó materna foram muito reveladoras sobre o pai e sobre os fatos que ela conhecia sobre a vida do ex-genro.

A mãe relatou que se casou virgem e que não tinha conhecido outro homem antes de casar-se. Nos primeiros meses, o ex-marido conseguia com sacrifício ter uma relação sexual. Então, começou a acusar a esposa de ser incompetente e não saber fazer amor com ele. Ele resolveu trazer filmes pornográficos para ela ver e aprender a fazer “amor”. Vemos aí a fala cínica do perverso que acusa e confunde para que a vítima se sinta burra e não consiga ver a verdade. Desde o início, o marido sofria de incompetência erétil e ejaculação precoce. No final de um ano de casados, o marido, declarando que ela não aprendia mesmo, começou a trazer filmes pornográficos, porém com conteúdos homossexuais, e insistia que era para ela aprender a fazer “amor”. Muito assustada com isso, ela procurou sua mãe e conversou com esta sobre isso. Chegou à conclusão de que ele era homossexual e não adiantava continuar juntos. Nessa época, ela já havia concebido o menino e ele já tinha 1 ano e meio de idade. Conversou então com o marido e pediu que ele fosse embora, uma vez que a casa em que moravam pertencia à mãe dela. Na

entrevista com a avó, feita separadamente, a história relatada era bem parecida e a mesma alegou que desde o início foi contra o casamento e que, embora ele tivesse um bom emprego, ela já sabia que o ambiente familiar dele era muito “ruim” e, por isso, algumas pessoas já tinham avisado a ela que ele era homossexual.

Sendo assim, resolvemos junto com a equipe, fazer a denúncia ao Conselho Tutelar, e a mãe ficou encarregada de fazer a denúncia na Delegacia de Polícia. Como havia um processo na Vara de Família que regulava o direito de visita e pensão para a criança, as medidas legais tiveram que ser apensadas ao processo de separação do casal. Era necessário suspender o direito de visita e anexar ao processo a denúncia e, ainda, suspender este direito provisoriamente até que fosse apurada a acusação. A suspensão foi requerida pela Defensora Pública, uma vez que tanto a mãe quanto a avó, não dispunham de recursos para pagar um advogado. Infelizmente, o sistema judiciário do Rio de Janeiro, ainda não dispõe de pessoal treinado para lidar com perversos e pedófilos, pois estes, como vimos no 2º capítulo, utilizam a sedução e os comportamentos histéricos como recursos para impressionar e conseguem mentir seguramente sem escrúpulos.

Nas entrevistas com o Juiz e a Assistente Social, o pai chorou e alegou que a mulher o estava acusando, porque ele não dava mais dinheiro para ela e que ela usava o filho como arma contra ele (relato da advogada que veio conversar conosco sobre o caso) e também consta da avaliação feita pela Assistente Social. Aconteceram vários outros erros nesse processo; ninguém conseguiu explicar por que a Defensora não conseguiu anexar a denúncia contra o pai ao processo da Vara de Família. Ao fazermos contato com a

advogada, esta alegou que o Juiz tinha impedido que ela o fizesse. Mandamos diretamente para o Juiz cópias do exame médico e dos laudos elaborados pela equipe do Ambulatório de Pediatria. Sua secretária fez contato comigo e disse que não era necessário mandar mais nada, porque ele já tinha conhecimento do fato. Mas, ainda assim, não foram anexados ao processo os laudos enviados. Precisamente, nessa época, a avó conheceu uma advogada que se ofereceu para ajudar e assumir a causa.

Enquanto isso, solicitamos o comparecimento do pai ao Ambulatório. A primeira entrevista ocorreu logo após a denúncia feita ao Conselho Tutelar. Gostaríamos de assinalar que toda a equipe encontrava-se extremamente mobilizada, quando então, pudemos observar a questão da imbricação da contratransferência com as representações produzidas no imaginário social a respeito de tais casos. Chegamos a solicitar a presença de um policial que ficou de plantão na entrada do Ambulatório. Havia um claro medo do que “Ele” poderia fazer e como a equipe constituía-se apenas de mulheres, as fantasias de violência e estupro foram ativadas. Chegando ao Ambulatório, o pai foi levado à sala da Assistente Social, onde estavam também a enfermeira, a médica e a psicóloga.

O pai é um mulato muito alto, com mais de 1,90m de altura, aparenta ser fisiculturista, muito narcisista e passava a impressão de estar extremamente tenso. A fisionomia mostrava o maxilar retraído e o olhar, sem nenhuma transparência, confirmava fantasias do imaginário social sobre “olhar gelado” e/ou “cara de pau”. Pude perceber uma coloração amarelada no rosto o que poderia ser indicativo de restrição da circulação periférica na face, própria e comuns em situações de extrema tensão e conflito.



A entrevista ocorreu sem incidentes. Relatamos ao pai as questões apuradas, as lesões físicas e o fato de que o menino havia dito ser ele quem o sodomizava. Ele não reagiu, afirmou que a mulher inventava e mentia o tempo todo e que ela só queria o dinheiro dele, por isso ela dizia essas coisas. Disse-lhe que estaríamos encaminhando a denúncia ao Conselho Tutelar e que ele seria processado, portanto ele ia precisar se defender. A Assistente Social falou da necessidade de entrevistar a família dele, e ele se negou a dar o telefone e o endereço de sua mãe.

No dia seguinte, de manhã, ele voltou ao Ambulatório e pediu para falar comigo. Houve preocupação na equipe, mas recebi com surpresa e tranqüilidade e fizemos uma entrevista individual. Ele me falou de sua infância sofrida, com um pai alcoólatra e funcionário da Marinha e de dois irmãos extremamente problemáticos, um deles desaparecido, e da mãe que trabalhou como doméstica para dar casa e comida aos filhos. Queixou-se de que a mãe era muito revoltada e agressiva. O pai morreu de cirrose hepática e câncer de pâncreas. Eu disse, então, que ele precisava procurar uma psicoterapia urgentemente e que poderia ajudá-lo. Ele deixou telefone e endereço. No dia seguinte, ele voltou a me procurar, estava muito tenso e repetia sempre as mesmas coisas, acusava a ex-mulher de ser mentirosa e de que ela só queria o dinheiro dele. Ele tinha uma aliança do dedo da mão esquerda e fez questão de mostrar. Como não perguntei nada, ele disse que tinha ficado noivo, mas “agora estava brigado, porque a ex-noiva não queria aceitar as coisas que ele dizia, mas que ele tinha certeza de que ela ia ver que estava errada e procurar por ele (sic.). Diante da insistência em me contar tais coisas, pedi a ele que olhasse para mim e perguntei se realmente desejava saber a fala de sua ex-

esposa. Como ele disse que sim, relatei a causa da separação dos dois. Ele teve uma crise histérica e simulou um desmaio. Assim que se recompôs, iniciou uma crise de sudorese surpreendente que molhou o chão em seu entorno. Compreendi nesse momento que o sofrimento desse pedófilo era algo que vinha da infância e que suas defesas rígidas e intensas eram da ordem da sobrevivência. Disse-lhe que precisava muito de um atendimento psicológico e que eu entraria em contato para tentar conseguir essa ajuda. Assim, encaminhei o pai para a equipe de psicodiagnóstico da psiquiatria”.

O menino começou o tratamento imediatamente e permaneceu em terapia durante quatro anos. Reagiu muito bem nos primeiros seis meses e recuperou a vivacidade e a aprendizagem escolar perdida logo após o abuso. Conseguimos uma interdição provisória do acesso do pai ao menino. Mas os processos na Vara de Família são muito difíceis e problemáticos. Os Juízes desconhecem o E.C.A. e impedem os apensamentos de laudos ou avaliações dos casos de abuso sexual e violência contra crianças sob a alegação de que complicam e dificultam as conclusões dos processos. Assim, quando o menino estava muito melhor e conseguiu voltar a aprender e passar de série na escola foi obrigado, pelo Juiz, a ser submetido ao contato regular com o pai, o que causou novo impacto sobre o Eu da criança (na ocasião com 07 anos de idade). O menino voltou a regredir, a perder a capacidade de simbolização, e o pensamento abstrato foi sendo reduzido gradativamente. A cada nova visita do pai, a criança se revoltava e dizia não querer vê-lo, mas as ordens judiciais precisam ser cumpridas.

Por esse tempo, começaram a ocorrer telefonemas por parte do pai para aterrorizar o filho, ameaçar de seqüestrá-lo e de sumir com a mãe.

Gradativamente, o menino voltou a se desorganizar e apresentar comportamentos estranhos, erotização precoce e encoprese quase diária. O pai xingava e ofendia a mãe e chegou mesmo a espancá-la na frente do menino. No ano seguinte, a criança foi reprovada na Escola e dizia à mãe que “não queria mais estudar, que não adiantava, que ele era burro e não ia aprender mesmo” (sic.).

Aconteceram mais problemas financeiros, a mãe ficava sem dinheiro para pagar o transporte para chegar à UERJ e assim, a continuidade do atendimento ficou comprometida.

Como o processo corria em Caxias, era quase impossível eu conseguir ajudar através do Ministério Público. Tentei várias vezes, através da Justiça da Infância e Juventude e do Idoso fazer alguma coisa, mas a resposta foi que o processo estava parado e o Juiz negava qualquer acesso, alegando que o processo era dele. Assim, quatro anos depois, o menino encontra-se apático e sem perspectivas de progresso ou melhoria. A mãe conseguiu voltar a estudar Pedagogia, mas tem um orçamento muito limitado. Esteve fazendo atendimento psicoterápico por dois anos e, atualmente, não pode mais vir, por estar trabalhando. A avó materna é quem trazia a criança.

Este caso é um exemplo muito bom a respeito da gravidade da exposição repetida da vítima ao seu abusador e de como o Sistema Judiciário trabalha muito mal, a partir de um modelo adultocêntrico, quando estamos lidando com crianças que necessitam ser protegidas contra a fúria de adultos patológicos.

**Caso 3:**

Menina de 10 anos de idade que sofreu abuso sexual. A criança queixou-se para a avó que vinha ficando constrangida com o padrasto, pois este a assediava e que ia deitar ao lado dela na cama (de solteira) na qual dormia. Ela reclamou, e a mãe achou que não tinha nada de mais e que ele fazia isso porque “gostava dela” (sic.). O assédio continuou, e a menina procurou um jeito de impedir que ele deitasse ao seu lado, dormindo então, bem na beirada da cama. Uma noite, ela acordou, muito assustada, com alguma coisa estranha.

Durante dois anos, houve terapia com criança e aconteceram grandes progressos, mas havia se instalado uma inversão na identificação sexual da menina e, quando a terapeuta atuava sobre isso, a avó alegou que ficava muito cansada por ter que levar a menina toda semana ao SPA. Houve contato com o pai, que disse não poder criar as duas filhas juntas; portanto, não houve possibilidade de darmos continuidade ao trabalho. Soubemos também que a avó era assediada e criticada pela filha, em razão do apoio oferecido inicialmente. A mãe, cuja filha acompanhávamos, alegava ser mentira a história do abuso sexual, e tentou levar a criança à força ao Conselho Tutelar na tentativa de retirar a queixa contra seu companheiro. Foi um caso de felácio, e a criança repetia simbolicamente o ocorrido: sempre que saía do atendimento, molhava a boca na água gelada e vinha dar um beijo na terapeuta — tivemos que trabalhar o material, mesmo fora da seção, e trazê-lo de forma bem-sucedida para dentro da seção foi algo que tomou três seções. A internalização do tema aconteceu quase seis meses depois do começo do tratamento.

**Caso 4:**

Menina de quatro anos. Seu padrasto obrigava-a a segurar seu pênis enquanto ele se masturbava — eis a descrição na fala da criança: "ele fazia aquilo, gemia e o 'bilau' cuspiu uma gosma" (sic). O padrasto é pastor evangélico, e a mãe se recusa a acreditar na evidência de abuso: acusa as crianças de estarem mentindo, e ainda brigou com a avó, que foi quem fez a denúncia (o pai não a fez, alegando que "não quer se chatear"). Como a mãe não era confiável — esta não podia sair com as crianças e nem estar com elas a sós —, depois de dois anos de terapia, a avó agora está reclamando de que não recebe ajuda econômica, e o preço da condução para a terapia está "ficando pesado para ela".

**Caso 5:**

Este caso refere-se à ocorrência de incesto irmão e irmã que foi encaminhado para nós por uma professora de outro Instituto da Universidade e, inicialmente, a queixa apresentada era de ocorrência de gravidez precoce — na ocasião, a menor tinha apenas doze anos.

As entrevistas iniciais foram feitas com a menor e a mãe. Na entrevista individual, feita com a menor, recebemos a notícia de que o pai da criança seria o irmão. A terapia incluiu então, toda a família. Compunha-se de mãe, filho de 16 anos (pai incestuoso), filha de 12 anos e um menino de 05 anos.

O processo terapêutico se deu durante 04 meses e com duas terapeutas presentes na sala. O objetivo da inclusão de duas terapeutas deveu-se ao fato de que as reações contratransferenciais foram muito intensas, e o imaginário do grupo de estudos se encontrava muito mobilizado, fazendo fantasias

persecutórias e chegando à “imaginar que a criança ia nascer um monstro” (sic.) ou que a menor poderia morrer. De fato, a menor, ao chegar ao 8º mês de gravidez, passou muito mal em casa, teve uma crise de eclampsia, esteve mesmo em coma, e a criança acabou nascendo prematura. Ao nascer, a criança apresentava algumas imaturidades que com o correr dos meses foram compensados. No final dessa primeira etapa, os membros da família passaram a ser atendidos separadamente. Nessa primeira etapa do atendimento, muitas informações apareceram. A primeira mais significativa é a denegação da figura do pai, em razão de dificuldades na transmissão psíquica da mãe. Esta não foi capaz de interditar a sexualidade atuada dos filhos e não só, estimulava, mas também, se mostrava sem limites. Na primeira relação de casal que ela estabeleceu e supostamente seria o pai de seus dois filhos mais velhos, ela “engravidou com o propósito de reter o companheiro” (sic.). Nas diversas entrevistas, a própria mãe, achava que podia ser que ele não fosse o pai, pois tinha tido relações sexuais com outros parceiros. Enquanto ele saía para trabalhar, ela recebia outros homens em casa, já grávida, e ainda namorava outros homens. Ela não sabe explicar por que fazia isso, mas critica muito o primeiro companheiro.

Ao saber que a gravidez da filha era do irmão, ficou muito indignada e acusou a filha de ter feito de propósito como já falamos no capítulo 2, quando pontuamos a fala cínica.

Assim, podemos constatar que a exposição a relações sexuais entre adultos, para crianças, se constitui em trauma com alcance muito grave que assusta, interdita e leva à geração de fantasias perversas em que irão se constituir as bases necessárias para alguns desvios sexuais mais conhecidos.

A troca de parceiros foi constante, e ela afastou decididamente a possibilidade de convivência entre os dois filhos e o pai. A mãe se apresenta como uma pessoa sem limites, mas que acusa e censura os filhos por não fazerem o que ela manda. O terceiro filho, mais uma vez, foi gerado por um homem que, ao saber da gravidez, foi embora, e em seguida ela tinha um novo companheiro que ficou e registrou a criança. Tal relação durou um pouco mais que 03 anos (sic.), e assim, o menino menor chegou a chamá-lo de pai, mas ela ressalta que ele conhece o pai biológico e que ele não procura o pai, porque não quer. Mas isso também não é verdade. No início do atendimento, ele apresentava um quadro semelhante ao autismo, mas que desapareceu após seis sessões. Ele se apresentava extremamente tímido, com vocabulário muito escasso e medo de falar. Era deixado sozinho em casa por longas horas e não apresentava indicativos de identidade (idade, dia do aniversário, compreensão da ancestralidade) podemos pensar num quadro da apatia tal como nos falou Enriquez, M. (2000). Embora a mãe fale da existência dos avós e tios, ela relata não ter contato com eles (ela se diz brigada com eles). Até o começo do atendimento, a criança não freqüentava escola. Procuramos intervir nisso, mas a mãe alegou não ter vaga na Escola Pública mais próxima, e que não podia levar a outra que ficava mais longe. Parece ser uma criança de inteligência normal que reagiu rapidamente ao processo terapêutico e foi capaz de interagir e memorizar todas as novidades. Relatou não ter brinquedos e se interessou muito pela caixa oferecida.

A menina (12 anos) vinha há muito tempo fazendo as tarefas domésticas e sendo responsável pela educação do menor. Freqüentava pouco a escola, lê muito pouco e escreve muito mal. Apresentava-se assustada e apática diante

da situação e não conseguia organizar-se. De fato, ela admite que namorava outros meninos, mas a relação sexual era com o irmão, e incluía o irmão mais novo.

O menor de 16 anos apresentava-se apático e apavorado, com medo de que a polícia o prendesse. A mãe afirmava que isso ia acontecer. Não estava freqüentando a escola e ficava zangado o dia todo sem fazer nada especificamente. Eventualmente, ajudava no serviço de casa e levava o irmão menor a algum lugar necessário. A partir do início do atendimento, voltou a freqüentar a escola e acompanha com interesse a terapia.

Fizemos contato com o pai dos dois irmãos, que é mecânico, possui uma oficina de concerto. Resistiu aos primeiros contatos, mas finalmente veio ao S.P.A e declarou que sua vida com a mãe era insuportável. Os vizinhos diziam que quando ele saía para trabalhar, ela botava outros homens em casa. Ele gostava dela, mas era impossível viver assim. Tentou fazer contato com os filhos, mas era difícil. Depois ele casou e a atual mulher tem ciúme e não quer os filhos do 1º casamento com ele. Ofereceu-se para ajudar o filho e, de fato, colocou-o para trabalhar com ele na oficina. Atualmente, o filho fala dele com consideração, mas a convivência ficou restrita ao ambiente de trabalho.

A mãe compareceu às sessões durante os três primeiros meses. Apresentava-se muito arredia, com uma fala cínica e se nega a admitir responsabilidades, declara que dá o que é possível e fala para os filhos que se eles não lhe obedecem, não tem o que fazer. Denega ostensivamente a figura masculina, desvaloriza e deprecia sua função.

No final de três meses, a criança nasceu. O atendimento se desorganizou. Alegando que estava impossível continuar, a mãe parou de vir.



Enquanto a menina esteve internada, estivemos fazendo o acompanhamento no leito. Após um mês, ela foi para casa. O atendimento aos dois meninos prosseguiu. Após os quarenta dias de resguardo, a menina continuou o atendimento por mais de três meses e, alegando estar difícil, abandonou a terapia. Nessa época, a mãe encontrou uma saída, freqüentando a Igreja Evangélica, próxima de sua casa.

Após os procedimentos legais para o registro da criança, ficou decidido com o Promotor que a criança seria registrada com o nome da mãe e de pai desconhecido. Nós solicitamos os exames de DNA do pai, da mãe e do bebê e ficou confirmado que a criança era filha dos dois irmãos.

O atendimento psicológico do irmão mais velho ainda está sendo mantido, o do garoto menor, depois de muitas confusões, alegações de falta de pessoa para trazer para as sessões, está sendo oferecido no Conselho Tutelar próximo à casa dele. Dois anos depois, a adolescente tem um outro companheiro, e infelizmente, novo filho. Com um intervalo muito curto, abandonou o atendimento psicológico. A mãe tem um novo namorado e passou a freqüentar uma Igreja Evangélica quando, então, alegou que o pastor afirmara que Deus perdoou e que era para ela esquecer tudo.

### **Caso 6:**

Menino com 07 anos de idade na ocasião do primeiro atendimento. A queixa inicial se referia à violência e agressividade com colegas na escola. O mesmo é herdeiro de sonhos e de desejos não realizados dos pais. Ele dará lugar e sentido às predisposições que o antecederam, que podem violentar, mas que dizem respeito à sua concepção.

Após as primeiras escutas, a mãe foi encaminhada para uma psicoterapia, quando então houve relato da história de violência e muita dor. Nascida numa gruta, no interior, a sua mãe morreu quando ela nasceu. Uma tia ficou com ela, alimentou-a, mas não registrou. Deram-lhe um nome. Assim que a menina cresceu um pouco, colocou-a para trabalhar nos serviços de casa. Assim, já muito pequena, era preciso cumprir tarefas. A tia não a protegeu, não acreditava na palavra dela, e a menina ficou exposta aos abusos do marido de sua tia. Começou uma seqüência de abusos físicos e sexuais. Por volta dos 11 anos, ao tentar fugir da casa dessa tia, para também fugir aos abusos de que estava sofrendo, foi estuprada no meio do caminho, por um homem que a desejava. Ficou grávida então. Teve seu filho, mas o deu ao tentar fugir novamente dos abusos agora cometidos por esse homem. Partiu para o Rio de Janeiro, mas como não tinha dinheiro para chegar até aqui. Prostituiu-se em troca de caronas. Chegando ao Rio, conseguiu abrigo na casa de um pastor, mas não agüentou ficar lá, porque, segundo ela, estava sendo explorada. Passou por menino para conseguir sobreviver e se proteger, uma vez que passou a morar na rua. Foi quando uma senhora a conheceu e quis ajudá-la e adotá-la. Consegue, então, estudar alguma coisa. Vai adquirindo valores e um mínimo de educação. A “madrinha” arranja um casamento e, finalmente, ela terá documentos de identidade. A criança citada torna-se filha deste casamento. A mãe relata que não sabia lidar com o bebê e nem o que fazer. A “madrinha” a ensina. Mas, objetos internos masculinos foram sempre violentos e destrutivos, então ela diz que o filho é homem e é esse modelo que ela tem para oferecer. Ao longo dos atendimentos realizados com a criança e com a mãe, o quadro mudou inteiramente. Na medida em que a mãe pôde admitir a

fragilidade e a necessidade de um suporte compreensivo, firme, mas carinhoso à criança, as fantasias de que quando o menino crescesse, iria matá-la, se transformaram nos seus fantasmas de fragilidade e violência, vividos na infância. A mãe é hoje, uma pessoa completamente diferente, que consegue achar palavras carinhosas para se relacionar com o filho e este vai indo muito bem na escola. No momento, o grande problema a ser visto é o pai, que se recusa a comparecer ao SPA, mas também não se opõe a que o filho e a esposa venham para a terapia; não sabotagem e aprovam a ajuda que estão tendo, mas é usuário de droga e não quer se livrar do vício.

A indicação de como se dá a passagem de um objeto individual para um objeto comum aos membros de um determinado grupo familiar, pode ser percebida na história de vida dessa mãe e na possibilidade que se tem de esclarecer o passado e, restabelecida a fluidez, caminhar para um futuro positivo.

No primeiro capítulo, constatou-se que o sentimento de estranheza parece provir dos sentimentos contratransferenciais, tais como URTUBEY (1995) nos ensinou. Chama atenção o fato de que o Imaginário Social conhece as origens dos horrores da violência e do abuso sexual. No entanto, freqüentemente, este saber aparece denegado e supostamente “esquecido” pelas pessoas. Assim em nossa pesquisa, comprovaram-se as novas teorias apontadas por KAËS (1993), EIGUER (1985, 1998), RUIZ (1998, 2003) que falam das transmissões e das origens da subjetividade, da retradução e das transformações de uma geração para outra das diversas configurações de objetos psíquicos que aparecem ao nos empenharmos com nossa pulsão de exumar, nos resgates das filigranas de nossos casos clínicos. O Eu tem limites

bem estreitos nos primeiros anos de vida, precisa de proteção e tempo para amadurecer e poder suportar os acréscimos de tensão no ambiente e na relação com a família, o que está descrito, nos livros de MALUF (2002, 2005) e nos artigos de SEMINÉRIO (2001, 2004, 2005).

## CONCLUSÃO

O presente trabalho não pretendeu estudar teorias, nem teorizar práticas clínicas, porém evidenciar que existe um problema milenar, apontado como causa responsável de desvios de comportamento na fase adulta e já vislumbrado por muitos psicanalistas, do qual, porém, a sociedade prefere desconhecer e até afirma que é impossível acontecer ou existir. Por que todos preferem passar à margem do problema e ninguém pretende discuti-lo? Eis a grande razão do estudo do tema e do registro dos fatos nestas páginas, conforme já foi visto em alguns autores.

Desse modo, ao longo da pesquisa, houve o debruçar-se nos atendimentos psicológicos aos meninos e meninas, vítimas de vários tipos de violência: física, psicológica ou sexual. Foi possível observar que sempre que houve um período de aproximadamente dois anos de uma relação continuada com uma mãe suficientemente boa, era possível recuperar os objetos bons internalizados nesse período.

Conseguiu-se, também, recuperar o narcisismo primário danificado por ataques sádicos de um Superego hipertrofiado em consequência dos traumas vividos como ameaça de morte psíquica. Conforme se pôde verificar, os paradigmas propostos por Winnicott, D., Bion, W., Balier, C., Bayle, G., Bailly, L., Eiguer, A., são irrefutáveis e só é possível restaurar a fluidez e dar à criança a capacidade de reparação e reconstrução das imagens parentais fundadoras e fantasiadas, se houver amor de ternura na relação com o outro. Pode-se, com sucesso, substituir as *imagos* danificadas ou perdidas pelas circunstâncias dos acontecimentos violentos. Quando houver a reconstrução com a ajuda de uma

relação transferencial, trabalhar-se-á com as imagos parentais primitivas. Assim, fará diferença para a criança, se o terapeuta for uma mulher ou um homem, e a escolha deverá seguir a maior necessidade e carência da criança. O processo terapêutico, desenvolvido deste ponto de vista, restabelece na criança a capacidade de confiar no humano como um igual.

Isso pôde ser comprovado mesmo quando a linguagem do amor não for tão especializada como se exige numa clínica em casos de assistência como em calamidades públicas e desastres ambientais, é preciso que não haja a perversão por trás, espreitando e aguardando o momento para "dar o bote" e destruir o outro. Infelizmente, é nesses piores momentos que os perversos dão-se conta da fragilidade dos humanos e aproveitam para mostrar sua maldade. Nos recentes acontecimentos do Oriente, ao lado da ocorrência de terremotos e tsunamis, houve após a calamidade, a ação de pedófilos que apareceram, alegando serem pais ou parentes das crianças, para roubá-las e vendê-las para redes internacionais de prostituição infantil. Em meio a tanta dificuldade e tanto sofrimento, as autoridades e Organizações de Ajuda Comunitária, ainda tiveram que se preocupar com a perversão humana.

Só em poucos casos atendidos, não se obteve o sucesso desejado, e mesmo assim identificaram-se as causas do insucesso: uma falha na escolha do terapeuta adequado para o caso. No entanto nem sempre é possível a escolha do terapeuta "ideal", uma vez que os terapeutas são alunos dos últimos anos dos Cursos de Graduação e de Residência Hospitalar e, ao se formarem, precisam afastar-se da Equipe.

Ao tentar uma solução para esses problemas, procurou-se formar uma equipe de colaboradores que ofereceram disponibilidade de algumas horas por

dia para o Projeto de Capacitação e Treinamento para o Atendimento Integral às Crianças, Vítimas de Violência.

Houve também o abandono do atendimento, por parte dos parentes de duas crianças. Seus responsáveis declararam que não podiam continuar a trazer as crianças para o tratamento no S.P.A. Houve uma alegação de que as crianças estavam ficando "diferentes" e que os parentes "não queriam que houvesse a possibilidade de alterar tanto assim o comportamento da criança" (sic). Uma das pessoas era a avó de uma criança e a outra era a tia, irmã da mãe que faleceu. A avó tinha sido abusada sexualmente pelo bisavô, e sentiu-se irritada com o acompanhamento psicológico que ela recebia. Alegou então, que estava sofrendo de novo com um "evento do passado que ela sempre quis esquecer" (sic.).

Pode-se perceber, então, que a transgeracionalidade, que já foi vista no capítulo IV, pode ser identificada nas "entrelinhas" da comunicação conforme nos diz Seminário (2005) em seu artigo "Reflexões em Filigranas". E que neste caso, a mãe não foi no primeiro momento a real transmissora da naturalização do incesto. Por isto, ela precisou abandonar o marido e procurou um companheiro que, como padrasto, abusou sexualmente da filha. Inicialmente, a criança denunciou e queixou-se à mãe. Esta não deu valor à palavra da criança e deixou as investidas de sedução do padrasto continuarem até que aconteceu o abuso. A família só ofereceu ajuda, quando a criança contou à avó o ocorrido e esta chamou o pai da menina, o qual fez a denúncia ao Conselho Tutelar (ver capítulo VI).

De fato, o processo terapêutico não pretende acomodar e apascentar as crianças: ele ajuda a criar a responsabilidade nos adultos, e pretende que a

criança adquira autonomia e capacidade de reflexão, o que pode vir a incomodar os adultos em alguns momentos.

Voltamos a esses casos, para que se possa tornar evidente que, embora, inicialmente, adultos próximos da criança queiram restabelecer a verdade e protegê-la, o processo de restauração do Ego não depende só do empenho desses adultos responsáveis por elas, mas também do acompanhamento psicológico.

Com a recuperação relativa de autonomia por parte da criança, esta começará a fazer alguns questionamentos e, se não houver amor suficientemente bom, os responsáveis impacientam-se e começam a atribuir culpa à terapia. Também encontramos mães muito invejosas do atendimento oferecido à criança, pois nem sempre é possível oferecer-lhes uma escuta para ajudá-las. Suportar as modificações na dinâmica familiar, que vão surgindo com as alterações dos mitos e segredos familiares, no início das terapias é realmente muito difícil, e faz surgir sensações de estranheza e perplexidade.

Sempre que atendíamos meninos oriundos de famílias nas quais se percebia uma ascendência exclusivamente matriarcal, procuramos terapeutas homens para atendê-los, e os resultados foram muito melhores e mais rápidos do que nos casos em que o atendimento era oferecido com terapeutas mulheres. Encontrou-se, no trabalho de Balier (1988), uma indicação que deu respaldo a essa observação, pois ele afirma que “a existência de protestos masculinos” parecia facilitar o andamento das psicoterapias e marcavam uma necessidade não satisfeita de convivência continuada com os dois sexos de maneira diferenciada. Embora na atualidade essas questões estejam sendo discutidas, e a Lei esteja querendo aceitar que casais homossexuais adotem



crianças, de acordo com a experiência, não é irrelevante essa questão, pois acredita-se que os efeitos das relações terapêuticas serão necessariamente diferentes, quando o terapeuta for um rapaz ou uma moça, e também existe a necessidade de que as crianças tenham, desde cedo, a noção da diferença entre os sexos.

Houve uma colaboração, solicitada por uma mãe social num projeto de acolhimento para crianças abandonadas. Era um grupo familiar artificial e abrigava ao todo oito crianças. Havia queixa de que, nesse grupo, estariam acontecendo investidas sexuais por parte dos meninos contra as meninas. Embora a mãe tivesse advertido de que isso não podia acontecer, as ocorrências não tinham parado. Assim, iniciamos um trabalho com o grupo familiar. Houve um grande progresso e falou-se claramente sobre as ocorrências. Todos puderam opinar a respeito disso, até que um dos meninos, que estava na época com dez anos pediu "um particular" (sic). Na conversa privada, solicitou que arranjasse um pai para o grupo, pois "ele precisava falar umas coisas de homem e que só outro homem poderia compreender, pois lá só havia mulher para conversar" (sic). A surpresa foi grande, mas encontrou-se, felizmente, alguém para atender tal pedido e, de fato, o clima mudou completamente, a partir de visitas regulares que um terapeuta se ofereceu para fazer. O fato de que o pensamento é predominantemente concreto durante toda a infância pode dar respaldo a essa necessidade de convívio concreto com um igual, sobretudo se houver referência às crianças que não tiveram modelos confiáveis para a formação de sua identidade de gênero.

A experiência vivida e a bibliografia consultada ofereceram as seguintes certezas: os seres humanos necessitam de educação, contenção e dos laços

familiares para se tornarem sujeitos de suas vidas; e, sem a transmissão psíquica entre as gerações, isso não é possível. No entanto, não se transmitem só boas experiências, também as frustrações e os sofrimentos vividos em uma geração poderão ser ativados na geração seguinte ou até tornar-se mito familiar.

A educação e o ordenamento das pulsões facilitam o aparecimento das sublimações que, por sucessivos movimentos de deslocamento e condensações, conseguem criar um nível de satisfação e aquietar a criança. Essa harmonização de necessidades, desejos e possibilidades de realização constituem o grande limite do ser humano. Uma vez que ele alcança um determinado equilíbrio, mesmo quando tal condição não é favorável do ponto de vista social, a transgressão contra as regras sociais é internalizada e incorporada ao Ideal do Ego, a que é difícil renunciar. Assim, no mundo das espertezas, enganar, trapacear, mentir e impingir sofrimento ao outro fazem parte das regras de um jogo cínico, e as pessoas precisam criar formas de linguagem que dão sustentação a esses desvios. Para ajudar pequenas vítimas, há de se conhecer bem os comportamentos dos perversos; saber como lidar com eles e o que se pode fazer para ajudar os adultos que molestaram crianças a não reincidir nesse crime.

Realizamos atendimento a um pedófilo que tinha molestado a enteada durante vários anos e que só parou porque finalmente foi denunciado pela companheira. Foi-me possível trabalhar terapeuticamente com ele durante quatro anos e meio, e os resultados foram muito animadores. No entanto, o sucesso só foi possível porque ele tinha medo de ser preso e acabar perdendo seu emprego estável. Assim, consegui regularidade e freqüência durante todo o atendimento, e estabelecer uma relação transferencial positiva, que se tornou

capaz de gerar sonhos e comprometimentos afetivos e restabelecer a fluidez. Descobrimos uma figura paterna positiva, incrustada no inconsciente e trabalhamos sobre ela. Resgatamos memórias infantis de acolhimentos positivos por parte de figuras maternas, substitutas positivas. Havia alguns sintomas voyeuristas que também foram trabalhados, e, então, foi possível reconstruir seu lugar de pai. Atualmente, ele é capaz de planejar um controle de gastos da família e sonha voltar a morar com ela. (Ele foi afastado logo depois da denúncia, e há uma exigência de que se faça um quarto separado para o casal e outro para as meninas.) “Pretende estudar mais um pouco e escrever algumas coisas.” – (sic)

Este não constitui um caso típico de pedófilo, mas sim um desvio da sexualidade partir do voyeurismo. Não houve violação sexual em sua infância, nem existiam componentes sádicos e agressivos dos traumas infantis. Isso viabilizou um final bem diferente do enfrentado pelo pedófilo que sodomizou o filho de cinco anos (mencionado nos capítulos III e IV). Conseguimos que o primeiro fosse processado por atentado ao pudor, e a pena pode ser transformada em prestação de serviços à comunidade, uma providência que pode evitar que ele se torne um marginal irrecuperável.

Durante a infância, quando falta informação sexual, a criança preenche a lacuna com fantasias e teorias, sem que haja necessidade da lógica ou de comprovação científica. Assim, uma criança pode ficar convencida de que ela é má e que por isso a mãe e o pai são muito bons por baterem nela. (A punição pode ser entendida como a única prova de amor possível, e depois haverá a convicção de que amar implica bater.) As crianças podem também acreditar que alguém morreu, porque elas desejaram que isso acontecesse. Nesse

mundo de onipotência, pensamento mágico, egocentrismo e polimorfia, é que o perverso ficou preso. Sem a Lei e sem a Ética, estaremos de volta aos tempos primitivos da Filogênese. A ausência de limites, ao que tudo indica, provoca agitação intensa, hiperatividade e dificuldade na aprendizagem escolar, e esses comportamentos vão-se somando e agravando-se até acontecer a desorganização do mosaico da criança. Nesse reino de lutas e violência sem medida, o confronto é a regra; o roubo, a traição, a mentira, e os assassinatos dominam a cena. E se nada pode ser confiável, a vida em cidades e a organização de nações não poderão sobreviver.

Se se desejar promover um futuro, um amanhã, um depois, haverá necessidade de ter compromisso e responsabilidade com as vidas nascentes, e os valores precisam ser preservados. A construção da confiabilidade é indispensável. O uso do outro como um objeto qualquer, que pode ser descartado a qualquer momento, não é compatível com a humanidade. Se a fragilidade do ser humano ao nascer é um desafio, ela oferece a ambigüidade e a ambivalência como meios de evolução e reformulação de culturas e formas de vida em comum. O que se sabe é que a criança não herda as regras, as leis, e os valores, e que, assim, ela precisa receber essas regras de alguém. Amor, carinho, boas palavras, atenção e respeito abrem brechas para a renovação e a criação. Nesse reino das espertezas, onde o amor e a confiabilidade estão desvalorizados, e o dinheiro se tornou um deus, as diferenças sexuais estão denegadas, o olhar aliena-se no que é percebido, o teatro ou o espetáculo domina as relações, a alteridade é negada, não se oferece uma ligação, e o perverso aí fará sucessivas identificações projetivas para depois recuperar a sua na identificação com o outro. Aí teremos uma

busca incessante e desesperada se instalou e que a referência de “Don Juan” (Rank, O 1922) se tornou norma. Os sintomas histéricos serão estratégias de fuga e vias para o convívio com sucessivas clivagens. A denegação, a falta de representação, a racionalização excessiva, a fala cínica, a ironia cáustica, as passagens ao ato e uma total incapacidade de se ligar afetivamente ao outro formam o mosaico do perverso. É preciso, portanto, a cada dia, esforço, estudo e trabalho para lidar inteligentemente com o espectro de problemas que constroem o assunto dessa tese.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, N.; TOROK, M. **A Casca e o Núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.
- ANDRADE, S. H. de. **A Violência da Mentira**. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, n. 32, p.921-929, 1998.
- ANDRADE, F. P de. **Labirintos do Incesto: o relato de uma sobrevivente**. São Paulo: Escrituras – Lacri, 1998.
- ANZIEU, D. **Approche Psychanalytique du Processus Créateur – Sous et place des connaissances dans la société**. Ed. du CNRS, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Psicanálises del genio criador**. Buenos Aires: Ed. Vancu, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Psicanálise e linguagem – Do corpo à fala**. In: \_\_\_\_\_. **As marcas do corpo na escrita, um estudo psicanalítico do estilo narrativo**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1997.
- AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**. Rio de Janeiro. Ed: Imago, 1979.
- BAILLY, L. **Contrainte de répétition et reviviscence traumatique; de la Compulsion de répétition à la repetition compulsive**. In: DAMIANI, C. (Org). **Enfants Victimes des Violences Sexuelles, quel devenir?** France: Ed. Hommes et Perspectives – Revigni sur Orman, 1999.
- BALIER, C. **Pedophilie et Violence - L'éclairage apporté par une approche criminologique**. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 45-2, p.573-589, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Psychanalyse des comportements violent**. Paris: Ed. Presses Universitaires de France, 1988.
- \_\_\_\_\_. **La Psychanalyse Confrontée à la Violence Criminelle. Conférences Vulpian**, 2002. Disponível em: [http://www.spp.asso.fr/Library/Scripts/print.asp?filename=/Main/Conference\\_sEnlign/lt](http://www.spp.asso.fr/Library/Scripts/print.asp?filename=/Main/Conference_sEnlign/lt). Acesso em: 09 set. 2003.
- \_\_\_\_\_. **La Psychanalyse et les “agirs”**. Société Psychanalytique de Paris, Pesquisa na Internet. Acesso em 03 set. 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.
- BAYLE, G. **Traumatisme et Clivage Fonctionnel**. In: **CONFÉRENCES EN LIGNE**. Paris: Société Psychalytique de Paris. Pesquisa na Internet. Acesso em: 09 set. 2003.

- BION, W. R. **Estudos Psicanalíticos Revisados**. Rio de Janeiro: Ed.Imago, 1967.
- BOKANOWISK, **Traumatisme, traumatique, trauma, Le conflit Freud/Ferenczi**. SOCIÉTÉ PSYCHANALYTIQUE DE PARIS, pesquisa na Internet. Acesso em: 09 set. 2003.
- BUARQUE de HOLANDA, A. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Ed: Nova Fronteira, 1975.
- BUSTAMANTE, M.L.S. **A contra transferência é criadora.e Recuperando o mosaico da história: restabelecendo a fluidez estagnada fortuitamente pela redução ontológica(14)**. In: Da contratransferência à criação. SEMINÁRIO, M .L. A.(Org.). Rio de Janeiro: Ed: Letra Capital, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O estranho, o cinismo, a inveja, e as crianças**. In: O mosaico da violência. Prado, M. C. C. A. São Paulo: Ed: Vetor, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Série Abuso sexual incestuoso: um tema na infância**. Rio de Janeiro: Ed:Letra Capital, 2005.
- CORREA, O. B. R. (2000) (org.) **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Ed.Escuta, 2001.
- CORRESPONDÊNCIA: SIGMUND FREUD X SÁNDOR FÉRENCZI**. Rio de Janeiro: Imago, 1994, V.I (1908-1911 V I), V.II (1912-1933).
- DAMIANI C. **Enfants Victimes de Violences Sexuelles: quel devenir?** Revigny-sur-Ornain France: Ed. Hommes et Perspectives, 1999.
- DESLANDES, S.F. **Prevenir a violência**. Um desafio para profissionais de Saúde. , Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1994.
- DOLTO, F. (1984) **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- D'OR, J. (1985) **Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- EIGUER, A. **O Cinismo: sua função nas perversões**. In: **Livro Anual de Psicanálise**. IJPA, n. XV, 2001, p.65 - 77.
- \_\_\_\_\_. (1995) **Le cynisme pervers**. Paris, France: Ed. L'Harmattan, 1995.
- \_\_\_\_\_. (1997) **Petit traité des perversions morales**. Paris: Bayard, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1998) **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco, 1998.
- \_\_\_\_\_. (2005) **Nouveaux portraits du pervers moral**. Paris Dunod 2005

- EL KAIN, M. (org.) (1999) **Terapia familiar em transformação**. São Paulo: Summus, 2000.
- ENRIQUEZ, M. **Nas Encruzilhadas do Ódio**. São Paulo: Escuta, 2000.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado**. Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. **À la croisée dès chemins: apathie et civilization**. In: Micheline Enriquez. *Revue Freudienne*, vol. 67. France: L'Esprit du Temps, 1998.
- FERENCZI, S. **Confusão de Línguas entre Adultos e a Criança**. Obras Completas – Volume IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 97 p.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o Trauma**. Obras Completas – Volume IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 109 p.
- \_\_\_\_\_. **Escritos Psicanalíticos: 1909-1933**. São Paulo: Tauros, 1988.
- FINE, A. **Laos, Pedophilé et Infanticide**. Paris: *Revue Française de Psychanalyse*, V.57, n. 2, p. 515-526, 1993.
- FIRESTONE, S. (1970) **A dialética do Sexo**. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- FREUD, A. (1961) **El yo y los mecanismos de defensa**. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- FREUD, S. (1895) **Historiales Clínicos**. In: *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed, v.1, p.55.
- \_\_\_\_\_. (1905) **Tres ensayos para una teoría sexual**. In: **Obras Completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 2, p. 1163.
- \_\_\_\_\_. (1912, 1913) **Totem y Tabu**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p.1745.
- \_\_\_\_\_. (1919) **Lo siniestro**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 2483.
- \_\_\_\_\_. (1925) **Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia sexual anatomica**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 2896.
- \_\_\_\_\_. (1927) **Fetichismo**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 2992.
- \_\_\_\_\_. (1938) **Escisión del Yo en el proceso de defensa**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 3375.
- \_\_\_\_\_. **O estranho**. Coleção Imago – Edição Eletrônica Volume XVII Versão 2.0



- GABEL, M.; LBOVICI, S.; MAZET, P. **Le Traumatisme de L'incest**. Paris: P.U.F., 2000.
- GABEL, M. **Crianças Vítimas de Abuso Sexual**. São Paulo: Summus, 1997.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA **LARROUSSE CULTURAL**. São Paulo: Nova Cultural, 1998, v. 9, p. 2214.
- GUERRA, V. A.; M. A. A. **Violência de Pais contra Filhos: a tragédia revisitada**. São Paulo: Ed. Cortez, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Pele de Asno não é só história....** São Paulo: Roca, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Violência Doméstica na Infância e na Adolescência**. Série Encontros com a Psicologia. São Paulo: Robel, 1995.
- HINSHELWOOD, R. D. (1992) **Dicionário do pensamento Kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- HIRIGOYEN, M. F. (1998) **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- HOFFMAN, E. T. A. (1815) **O Homem da Areia**. In: **Contos Fantásticos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- KAËS, R. **La transmisión psíquica generacional**. Buenos Aires: Ed. Amorroutu, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Lo negativo, figuras y modalidades**. Buenos Aires: Ed. Amorroutu, Cap.6, 1997.
- KLEIN, M. (1932) **Psicanálise da criança**. Rio de Janeiro: Mestre Jou, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1946) **Inveja e Gratidão, e outros trabalhos**. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, v. 3.
- LAPLANCHE, PONTALIS. (1967) **Vocabulário de Psicanálise**. Lisboa: Moraes, 1967.
- \_\_\_\_\_. (1968) **Teoria da Sedução Generalizada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- \_\_\_\_\_. (1985) **Fantasia Originária: Fantasias das Origens, Origem das Fantasias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MALUF, U. **Cultura e Mosaico** – introdução à teoria das estranhezas. Rio de Janeiro: BookLink, 2002.

- \_\_\_\_\_. **O mosaico da Consciência, a fluidez entre consciente e inconsciente.** Arquivos Brasileiros de Psicologia. V. 49, n. 4, p.15-31, 1997.
- MAC DOUGALL, J. **As múltiplas faces de Eros.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MIJOLLA-MELLOR, S. **A pulsão de exumar.** Paris: Revista Topic, nº 73, 2000, p.65-69.
- NASIO, J. D. (1994). **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- NEYRAUT, M. **Le transfert.** Paris: Ed: PUF, 1974.
- PINHEIRO, T. **Ferenczi, do grito à palavra.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- PUENTE, R. F. **Os Filósofos e a Mentira.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- QUEIROZ, E. F. **A Clínica da Perversão.** São Paulo: Escuta, 2004.
- RANK, O (1914 – 1922). **Don Juan: une étude sur le double.** Paris: Denoël e Steele, Paris.
- SEGAL, H. (1991). **Sonho, Fantasia e Arte.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SEMINÉRIO, M.L.A – **Um arquiteto de ruínas, precursor do Pós –Moderno. Uma interpretação.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O projeto inconsciente de Machado de Assis; a família.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Org. Da Contratransferência à criação.** Rio de Janeiro: Ed:Letra Capital, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões em Filigranas.** In **Reversibilidades não Reflexivas –Um rompimento nas barreiras da Ordem.** Org.Ued Maluf. Rio de Janeiro: Ed: Booklink, 2005.
- SOCIÉTÉ PSYCHANALYTIQUE DE PARIS. **Fixation au trauma; résurgence, élaboration.** Conférence Vulpian. Mai. 2002.
- SZWEC, G. **Faudra mieux surveiller les petits!.** Paris: Revue Française de Psychanalyse, nº 2.
- TOROK, M., RAND, N. **Le symbole psychique à l'épreuve des generations.** Paris: Dunod, 1995.

- UCHITEL, M. (2001) **Neurose traumática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- URTUBEY, L. (1995) **Le Travail du Contratransfert**. Revue Française de Psychanalyse, Paris, n. 5, p. 1271 – 1372, 1995.
- VIGARELLO, G. **História do Estupro** – Violência Sexual nos séc. XVI-XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- WINNICOTT, D.W. (1979). **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- \_\_\_\_\_. (1984). **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1971). **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- \_\_\_\_\_. (1976). **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1978). **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- XINRAN. (1997) **As Boas Mulheres da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, A. **Malignidade sem motivo: pacientes psicopáticos, problemas técnicos com pacientes psicopáticos.** *Journal of Child Psychotherapy*, n. 21-2, 1995.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, COMMITTEE ON CHILD ABUSE AND NEGLECT. Guidelines for the Evaluation of Sexual Abuse of Children; Subject Review. USA, 1999.
- ANDRADE, S. H. de. **A Violência da Mentira.** Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 32, p.921-929, 1998.
- BARRY, J.M.; JOHNSON, A. M. **The incest barrier.** In: ENCONTRO DA AMERICAN PSYCHOANALYTIC ASSOCIATION, 05/1957, Chicago. Anais... Chicago, p.485-500.
- BASS, E.; THORNTON, L. (org.). **Nunca contei nada a ninguém.** São Paulo: Ed. Harper&Row do Brasil, 1985.
- BECKER, E.; HAYEZ, J.Y. **L'enfant Victime d'abus Sexual et sa Famille: evaluation et traitement.** Paris: Ed. PUF, 1999.
- BIRMAN, J. (2000). **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_ (1996). **Por uma estilística da Existência.** São Paulo: Editora 34.
- \_\_\_\_\_ (2000). **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise.** Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará. .
- CARONE, I. **A psicologia tem paradigmas?** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2003.
- CHASSEGT SMIRGUEL, J. **A ética e a estética da Perversão.** Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1991.
- CLÉMENT, C. **La fontière de sabre.** In: HERVÉ ,G. CAHIERS CITOYENS. **Pour les enseignants: - Abus Sexuels et Maltratace: Lire et Écrire avec le livre.** Paris: Ed.Syros Jeunesse, 2000.
- COHEN, S. **Le grand frisson.** Revue Française de Psychanalyse, Paris, nº2, P.613- 624, 1993.
- COHEN, C. **O incesto um desejo.** São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 1993.
- CROMBERG, R.U. **Cena Incestuosa: Abuso e Violência Sexual.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

- DURNING, P.; GABEL, M. (org.). **Evaluations des maltraitances, rigueur et prudence**. Paris, France: Fleurus, 2000.
- EIGUER, A (1983). **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1987) **O parentesco fantasmático**. Transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- FIGUEIREDO, L.C. **Palavras Cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999.
- FORWARD, S.; BUCK, C. **A Traição da Inocência: o incesto e sua devastação**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREIRE COSTA, J. (1984). **Violência e Psicanálise**. São Paulo: Graal, 2003.
- FREUD, A. (1961) **El yo y los mecanismos de defensa**. Buenos Aires: Paidós, 1965.
- FREUD, S. (1915) **Los instintos y sus destinos**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 2, p. 2038.
- \_\_\_\_\_. (1919) **Pegan a un niño**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 2465.
- \_\_\_\_\_. (1923) **La organização genital infantil**. In: \_\_\_\_\_. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973, 3 ed., v. 3, p. 2698.
- FURNISS, T. (1991) **Abuso Sexual da Criança**. Uma Abordagem Multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GALLO, H. **Usos y abusos del maltrato**; una perspectiva psicanalítica. Medellín: Ed.Universidad de Antioquia, 1999.
- GAUTHIER, D. **L'enfant victime d'abus sexuels**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- GOLDBERG, D. B.; KUITCA, M. R. **Maltrato Infantil – una deuda com la niñez**. Buenos Aires: Urbano, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Aportaciones a la comprensión psicanalítica del abuso sexual infantil**. In: 1º SIMPÓSIO INTERDISCIPLINARIO HOSPITAL DE NIÑOS GUTIÉRREZ, 1981, Anais..., p. 501-509.
- HAYEZ, Jean-Yves; BECKER, E. (1997). **L'enfant victime d'abus sexuel et sa famille; évaluation et traitement**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

- HODGES, M. L.; ANDREOU, C. (1994) **Sexuality and violence: preliminary programme on young sexual offenders from London**. Hypotheses from psychoterapeutic assesments in a research clinical. In: Rev. of Association of Child Psychotherapists, 1994, p. 283-308.
- KATZ, S. C. (org.) **Ferenczi, História, Teoria, Técnica** In: **A clínica e o sofrimento familiar e intrafamiliar**. I Simpósio Sandor Ferenczi. São Paulo: Editora 34, 1996.
- KONDER, L. **Walter Benjamim, o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- IANCARELLI, A. M. B. **Traumatismo Psicológico do Abuso Sexual**. Boletim Científico da S.P.R.J., Rio de Janeiro, vol. XVIII, n. 3, p. 459-465, 1997.
- LUZES, P. **Fact and Fantasy in Brother-Sister incest**. In: International Rev. Psycho-Analysis, p.17-97, 1990.
- MARINHO, L. C. **Considerações sobre o tratamento psicanalítico de casos de incesto**. Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro, p. 169-176, 1997.
- MOSCOVICI, M. (1990) **A sombra do objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- PEIXOTO Jr., C. A. **Metamorfoses entre o sexual e o social. Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- RAMALHO, C. **Policiais fazem arrastão global para acabar com rede de pedofilia na internet**. Veja, São Paulo, outubro de 1998.
- RASCOVSK, A. **La passion y el amor – los obstaculos de la perversión**. Revista de Psicanalyse, Buenos Aires, v.54, n.4, 1997.
- RENSBAW, C. D. (M.D.). **O incesto, compreensão e tratamento**. São Paulo: Roca, 1994.
- ROBERT, J (2003)- **Não te deixes levar. Os abusos sexuais explicados às crianças**. ED Dinalivros, Lisboa, 2003.
- THOMAS, E. (1986) **A Violação do Silêncio**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- UNESCO. **Inocência em Perigo – Abuso sexual, pornografia infantil, pedofilia pela internet**. Brasília: Abranet/Garamond, 1999.
- VALAS, P. (1990) **Freud e a Perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- VERÍSSIMO, BETTO, SOARES, *et al.* (2000). **O Desafio Ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.